

ESCOLA DE COMUNICAÇÃO, ARTES E DESIGN - FAMECOS
CURSO DE JORNALISMO

ÍCARO MATOS KROPIDLOSKI

GÊNERO E IMPRENSA: um estudo do jornal Lampião da Esquina (1978 – 1981)

Porto Alegre
2019

GRADUAÇÃO



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

ÍCARO MATOS KROPIDLOSKI

GÊNERO E IMPRENSA: um estudo do jornal Lampião da Esquina (1978 – 1981)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo pela Escola de Comunicação, Artes e Design - Famecos da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof^a. Dra. Cristiane Freitas Gutfreind

Porto Alegre

2019

ÍCARO MATOS KROPIDLOSKI

GÊNERO E IMPRENSA: um estudo do jornal Lampião da Esquina (1978 – 1981)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo pela Escola de Comunicação, Artes e Design - Famecos da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovada em _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA:

Orientadora: Prof^a. Dra. Cristiane Freitas Gutfreind

Prof^a. Dra. Camila Garcia Kieling

Prof. Dr. Juremir Machado da Silva

Porto Alegre

2019

À força ancestral que me rege e é dona
do meu Ori. Epaô Babá.

AGRADECIMENTOS

À minha família, em especial aos meus pais, Adriana da Silva Matos e Valter Ferreira Kropidloski Júnior e à minha avó Zenaida Rodrigues, com quem aprendi que o amor incondicional é demonstrado dentro das possibilidades de cada um. Vocês sempre fizeram o melhor que podiam.

À minha orientadora, Cristiane Freitas Gutfreind, com quem aprendo diariamente, à Neka Machado, que sempre me acolhe com açúcar e afeto, à Camila Garcia Kieling, a primeira professora que mostrou as possibilidades da academia e da ciência.

À Laura Paré, com quem compartilhei toda essa jornada, e a todos com quem dividi risos, lágrimas e mesas de bar, porque sou hoje o resultado dos encontros que tive na vida.

A todos *gays*, lésbicas, bissexuais e transgêneros que vieram antes de mim e abriram caminho, com muita luta e resistência.

“Intérprete da minha história, honro a trajetória. Ninguém me dá voz, eu já tenho voz. Sigo honrando meu legado de nascer viado, onde piso é solo fértil, sangue derramado”.

(Trecho da música de estreia do primeiro grupo de rap assumidamente homossexual do Brasil: **Quebrada Queer**)

RESUMO

Essa pesquisa propõe uma reflexão sobre as articulações entre gênero e imprensa durante a ditadura midiática-civil-militar de 1964, delimitando e tencionando essas questões por meio de uma análise do jornal *Lampião da Esquina* (1978-1981). Desenvolvemos, portanto, a evolução dos papéis sexuais à Teoria *Queer* e refletimos sobre a representação de grupos minoritários e da atual sigla LGBTQ (lésbicas, *gays*, bissexuais, transgêneros e *queers*) nas páginas do *Lampião da Esquina* a partir de uma análise de capas e reportagens do jornal. Consideramos que as articulações de gênero e as organizações sociais homossexuais da época possuíam uma hegemonia homossexual masculina.

Palavras chave: *Lampião da Esquina*. Homoerotismo. Ativismo. Imprensa. Gênero.

ABSTRACT

The present research proposes a reflection about the articulations between gender and the press, during then Brazilian media-civilian-military dictatorship established in 1964, delimiting and focusing such questions upon an analysis made on the newspaper "*Lampião da Esquina*" (1978-1981). With this purpose, we have covered the evolution on the sexual roles under the Queer Theory. Hereinafter, we have made some considerations on the minority groups representation and on the currently used acronym LGBTQ (lesbian, gays, bisexual, transgender and queers) on different issues of the cited newspaper, with a starting point on the analysis of front pages and of articles published on it. Besides, we have concluded that the gender issues and social homosexual organizations, at that time, were dominantly represented by male homosexuality.

Keywords: Lampião da Esquina. Homoeroticism. Activism. Press. Gender.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Minorias sociais nas capas do Lampião da Esquina.	15
Figura 2 - Sequência de frames da fotonovela Noites de Sodoma.....	21
Figura 3 - Capa da edição experimental do Lampião da Esquina.	47
Figura 4 - Capa da edição 22 do jornal Lampião da Esquina.	51
Figura 5 - Capa da edição 36 do jornal Lampião da Esquina.	54

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - As três ondas do Movimento Homossexual Brasileiro.....	40
Quadro 2 - Comparação das capas analisadas.....	57
Quadro 3 - Comparação das três reportagens analisadas.	66

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	ACENDE-SE UM LAMPIÃO NA ESQUINA	13
2.1	IMORAL E DIVISIONISTA: A HOMOSSEXUALIDADE PERANTE DIREITA E ESQUERDA.....	17
2.2	A HOMOSSEXUALIDADE NO LAMPIÃO DA ESQUINA E NA IMPRENSA ..	18
2.3	O LAMPIÃO DA ESQUINA, A CENSURA E A HOMOFOBIA	22
3	BREVE HISTÓRICO DA HOMOSSEXUALIDADE NO BRASIL: DOS PAPÉIS SEXUAIS A TEORIA QUEER	27
3.1	HOMOSSEXUALIDADE: PECADO, CRIME OU DOENÇA.....	30
3.2	DO MOVIMENTO HOMOSSEXUAL BRASILEIRO ATÉ A SIGLA GLS	33
3.3	DA SIGLA LGBT ATÉ A TEORIA QUEER	42
4	METODOLOGIA E ANÁLISE	46
4.1	ANÁLISE DA CAPA DA EDIÇÃO EXPERIMENTAL DO JORNAL LAMPIÃO DA ESQUINA (ABRIL DE 1978)	47
4.2	ANÁLISE DA CAPA DA EDIÇÃO 22 DO JORNAL LAMPIÃO DA ESQUINA (MARÇO DE 1980)	51
4.3	ANÁLISE DA CAPA DA EDIÇÃO 36 DO JORNAL LAMPIÃO DA ESQUINA (MAIO DE 1981).....	54
4.4	ANÁLISE DA REPORTAGEM “CELSO CURTI PROCESSADO, MAS QUAL É O CRIME DESSE RAPAIZ?”	57
4.5	ANÁLISE DA REPORTAGEM “CARNAVAL DAS BICHAS É O MAIOR DO MUNDO”	61
4.6	ANÁLISE DA REPORTAGEM “A PRAÇA É DAS BICHAS”	64
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	67
	REFERÊNCIAS	70
	ANEXO A – Reportagem “Celso Curi processado. Mas qual é o crime deste rapaz?”	76
	ANEXO B – Reportagem “Carnaval das bichas é o maior do mundo”	79
	ANEXO C – Reportagem “A praça é das bichas”	83

1 INTRODUÇÃO

Nosso primeiro contato com o *Lampião da Esquina* foi em 2016, por meio do documentário homônimo, com direção de Lívia Perez. A possibilidade de transformar o assunto em pesquisa se confirmou nos anos seguintes, durante as cadeiras de metodologia, que precederam a presente monografia. Além dessa afinidade com o *Lampião da Esquina*, cultivada por anos, a atual conjuntura brasileira nos motivou a resgatar o *Lampião* e contribuir cientificamente sobre as articulações entre gênero e imprensa, no contexto político da época de publicação do jornal. Situamos, portanto, nossa pesquisa dentro dos temas gênero e imprensa, com o recorte histórico da ditadura midiática civil-militar de 1964.

A delimitação temporal da pesquisa debruça-se num período político de exceção na história do Brasil, ou seja, momento de censura por parte do Estado e resistência por parte dos censurados. Nesse contexto, surgiram diversas iniciativas jornalísticas que driblaram o regime, entre elas títulos mais famosos, como *O Pasquim*. O *Lampião da Esquina* fazia parte desse espectro, mas com uma particularidade: apresentava-se enquanto um jornal homossexual e para homossexuais.

Na época, não havia ainda um entendimento do termo LGBTQ (lésbicas, *gays*, bissexuais, transgêneros e *queers*). O jornal era feito majoritariamente por homens *gays*, e o termo homossexual servia de matriz para os entendimentos sobre gênero naquele momento. Portanto, trocaremos durante a pesquisa o uso da sigla LGBTQ pelos termos experiências homoeróticas e homossexualidades, pois essas nomenclaturas já foram usadas por autores referidos nessa pesquisa. Mais detalhes sobre essas escolhas serão justificados no capítulo 3, e a sigla será analisada numa perspectiva histórica.

Para análise, essa pesquisa é composta pelo documentário *Lampião da Esquina* (2016) com direção de Lívia Perez e pelas edições do jornal *Lampião da Esquina* publicadas entre 1978 e 1981. Todas essas publicações estão disponíveis online e gratuitamente no site do Grupo Dignidade¹. Serão escolhidas, aleatoriamente, edições do *Lampião da Esquina* para análise. Outras serão evocadas durante a revisão bibliográfica, com o propósito de exemplificar ou ilustrar pontos levantados.

¹ Disponível em: <http://www.grupodignidade.org.br>. Acesso em: 25 mar. 2019

Acreditamos, portanto, que estudar formas de articulação e resistência do Movimento Homossexual Brasileiro (atual Movimento LGBTQ) em diferentes épocas da história do Brasil mostra-se cada vez mais um trabalho importante de resgate e construção de referências. Esse esforço se faz necessário na medida em que a população LGBTQ é marginalizada. O Brasil, segundo o Grupo Gay da Bahia (2017), é o país que mais mata LGBTQs no mundo, com uma média de uma morte a cada 19 horas. Portanto, na medida em que um grupo tem seus direitos violados, aqueles que resistem devem contribuir na elaboração de referências e resgate histórico.

Falar sobre tudo isso é necessário quando, cada vez mais, assuntos desse tipo são apropriados por representantes dos três poderes de forma distorcida, rasa e dentro de um senso comum equivocado. Portanto, nos propomos nessa pesquisa a analisar e refletir sobre a construção da ideia de gênero no jornal *Lampião da Esquina*, compreender a evolução dos papéis sexuais à Teoria *Queer* e identificar quais os grupos que o *Lampião da Esquina* contemplava e que pertencem atualmente a nomenclatura LGBTQ (lésbicas, *gays*, bissexuais, transgêneros e *queers*). Esses objetivos serão desenvolvidos a partir de uma revisão bibliográfica sobre gênero e imprensa e uma análise de três capas - escolhidas aleatoriamente - e suas três respectivas reportagens principais.

O capítulo 2 tratará sobre a história do *Lampião da Esquina* e refletirá sobre o posicionamento do jornal e das homossexualidades perante os movimentos políticos de esquerda, direita e o restante da imprensa. Além disso, será desenvolvida a relação do *Lampião* com a censura e a homofobia. O capítulo 3 fará um breve resgate histórico das articulações de gênero presentes na sociedade e no *Lampião*, começando pelos papéis sexuais da antiguidade até a atual Teoria *Queer*. No 4º capítulo, apresentaremos a metodologia e faremos a análise das três capas e das suas três respectivas reportagens principais. No capítulo 5, desenvolveremos nossas considerações finais da pesquisa.

2 ACENDE-SE UM LAMPIÃO NA ESQUINA

O jornal *Lampião da Esquina* circulou pelo território brasileiro entre 1978 e 1981, à venda em bancas de revista ou conquistando assinantes por todo país. Foram 38 edições mensais regulares e três extras, com circulação de até 20 mil exemplares. A equipe de jornalistas mantinha-se no eixo Rio-São Paulo. A estrutura de redação, montagem e distribuição da publicação ficava no Rio de Janeiro. Cabia aos colaboradores paulistas produzir e enviar conteúdos que eram revisados, editados e inseridos nas edições.

Constituíam o conselho editorial original: Adão Acosta, Aguinaldo Silva, Antônio Chrysóstomo, Clóvis Marques, Darcy Penteado, Francisco Bittencourt, Gasparino Damata, Jean Claude Bernadet, João Antônio Mascarenhas, João Silvério Trevisan e Peter Fry. Tratava-se de advogados, artistas plásticos, cineastas, críticos de arte e cinema, escritores, jornalistas, poetas e professores.

O *Lampião da esquina* inspirou-se na revista norte-americana e homossexual de São Francisco *Gay Sunshine Press*. Ao estudar a “nova economia do desejo” Miskolci (2014) ressalta a importância da cidade da costa oeste norte-americana enquanto referência homossexual para o mundo:

Notória já era a importância e influência que a cidade teve e ainda tem para as homossexualidades mundo afora. Se, nos Estados Unidos, a cidade é a meca da cultura gay, no exterior ela é percebida como tendo engendrado a forma contemporânea das identidades gay e lésbica. (MISKOLCI, 2014, p. 271-272)

Na década de 1970, São Francisco já possuía abertura para as experiências e socializações homossexuais, e o Rio de Janeiro despontava como seu correspondente tropical. Acontecia um paradoxo no Brasil: uma liberação sexual e de costumes - com boates e guetos de cultura homossexual - e um regime ditatorial e conservador, que condenava subversões ao modelo heterossexual e binário. Foi nesse contexto que, a partir da visita de Winston Leyland – editor do *Gay Sunshine Press* - ao Rio de Janeiro em 1977, teve-se a ideia de criar o *Lampião da Esquina*. A motivação original da visita de Leyland era elaborar uma coletânea literária homossexual da América Latina.

Segundo Amaral (2013) e depoimento de Aguinaldo Silva ao documentário *Lampião da Esquina* (2016), o nome do jornal era uma referência ao cangaceiro Virgulino Ferreira da Silva, conhecido como Lampião. Era uma posição satírica

perante o imaginário de masculinidade que rodeava o cangaceiro Virgulino. Esquina, por sua vez, era o nome da editora criada para produzir o Lampião. O nome, portanto, possuía várias interpretações e conexões possíveis. De acordo com Bandeira, (2006):

O nome desse mensário desdobrava-se em dupla metáfora, cuja função enunciativa antecipava resumidamente parte de seu projeto político. A primeira metáfora sugeria um lampião iluminado, tal qual um equipamento pirotécnico manual destinado à iluminação dos cruzamentos de diferentes caminhos. A segunda metáfora remetia à imagem de um lampião cangaceiro, personagem histórica e símbolo de virilidade do “cabra macho” nordestino que, no entanto, ao tornar-se “da esquina” era capaz de localizar-se no “desvio” da rota recomendada pela moralidade dominante sem, contudo, abrir mão de sua masculinidade. O que Lampião da Esquina pretendia com sua “luminosidade” e sua “macheza” era mostrar a homossexualidade segundo novas perspectivas, assumindo o lugar de homossexual sem ter que abdicar do papel de homem “de verdade” e delineando um projeto de assunção gay caracterizado por formas positivas de dizê-la. (BANDEIRA, 2006, p. 36)

A presença de profissionais conhecidos e respeitados e o posicionamento editorial do jornal dão um crédito de pioneirismo ao Lampião da Esquina. Ele é comumente considerado a primeira publicação brasileira destinada ao público homossexual. Aguinaldo Silva, em depoimento para o documentário Lampião da Esquina, explicou seu esforço para que a publicação fosse vista de forma profissional: “[...] eu sempre batalhei muito para que o Lampião fosse visto assim, o Lampião é um jornal! Não é uma brincadeira de bichinhas” (LAMPIÃO, 2016, 00:08:03). Essa fala sintetiza o tipo de reação da população a esse tipo de material e a postura do jornal perante a homossexualidade e a sociedade. Dessa forma, Alves e Rezende (2012) destacam que:

A proposta era reunir assuntos diversos relacionados à homossexualidade e discuti-los de maneira amplificada, sem censura. Desse modo, a publicação representou uma parcela da população que não possuía voz alguma até então, carente de informações que, de alguma maneira, discutissem assuntos do seu interesse. (ALVES E REZENDE, 2012, p. 2)

O jornal pretendia expandir os limites do gueto. Os profissionais envolvidos eram assumidamente homossexuais e construía, ali, histórias caras a todas as minorias, o Lampião era, portanto, um espaço de reflexão e construção de identidades. Essa postura é vista em um trecho do editorial da edição experimental da publicação:

[...] Para isso, estaremos mensalmente em todas as bancas do País falando da atualidade e procurando esclarecer sobre a experiência homossexual em todos os campos da sociedade e da criatividade humana. Nós pretendemos, também, ir mais longe, dando voz a todos os grupos injustamente

discriminados – dos negros, índios, mulheres, às minorias étnicas do Curdistão: abaixo os guetos e o sistema (disfarçado) de párias. (LAMPPIÃO, 1978, p. 2)

Essa postura, portanto, norteou o trabalho do Lâmpião da Esquina. Embora o jornal fosse feito por jornalistas assumidamente homossexuais e possuísse um público homossexual, em diversos momentos abriu-se discussões acerca outras minorias. Segundo Sousa Neto (2013, p. 7), “o jornal, contava com a presença de importantes intelectuais e representantes de grupos ‘minoritários’, como negros, mulheres e índios, em suas páginas, comumente por meio de entrevistas”. Das 41 capas do Lâmpião da Esquina (contando as edições mensais regulares e as edições extras), sete trataram sobre esses temas. São exemplos disso as edições abaixo:

Figura 1 - Minorias sociais nas capas do Lâmpião da Esquina.²



Fonte: Grupo Dignidade. Disponível em: <http://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>. Acesso em: 25 mar. 2019.

O Lâmpião, no entanto, não foi inédito, mas sim original (SOUSA NETO, 2013). Jornais destinados ao público homossexual passaram a fazer parte do mercado editorial brasileiro a partir da década de 1960. Existiram cerca de 27 publicações desse tipo durante a primeira década da ditadura midiática-civil-militar brasileira de 1964.

² Edição de janeiro de 1979, edição de maio de 1979 e edição de agosto de 1979. Disponíveis em: <<http://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>>. Acesso em 25 mar. 2019.

O *Snob*, *Le Femme*, *Subúrbio à Noite* e *Gente Gay* são exemplo de precedentes do *Lampião da Esquina*. Até então, essa imprensa homossexual era predominantemente masculina. Isso é um reflexo da sociedade patriarcal. Mesmo que a sexualidade desviante da norma heterossexual binária fosse um marcador social de marginalização para homens homossexuais, estes possuíam maior liberdade e autonomia para construir seus espaços e, até mesmo, romper com seus núcleos familiares em busca de maior liberdade. Em resposta a essa tendência, destacamos o *Chanacomchana*, boletim que tinha como público alvo mulheres lésbicas. Sua circulação foi entre 1981, coincidentemente o último ano do *Lampião*, e 1987, com uma escala nacional de distribuição (LGBTs, 2018).

Muitos desses boletins e jornais não passaram do primeiro número, fosse por motivos políticos, financeiros ou ambos. Eles eram mimeografados e sem distribuição periódica. Logo, “o *Lampião* se destaca pela visibilidade atingida com uma distribuição nacional e que veio a alcançar grande destaque na mídia” (SCHULTZ; BARROS, 2014, p. 7). Ele é, portanto, reconhecido muitas vezes como pioneiro, devido ao seu alcance, circulação, formato e linguagem. Para Trevisan (2018), o jornal significou uma ruptura:

[...] onze homens maduros, alguns muito conhecidos e respeitados intelectualmente, metiam-se num projeto em que os temas tratados eram aqueles considerados “secundários” – tais como sexualidade, discriminação racial, artes, ecologia, machismo. (TREVISAN, 2018, p. 316)

Para além de uma mudança técnica de estrutura e distribuição em relação às publicações que o precederam, o *Lampião* se posicionou perante um espectro político que, de forma geral, não acolhia a causa homossexual. Esse descaso se dava na situação e na oposição, na direita e na esquerda.

João Silvério Trevisan, que foi um colaborador paulista e membro do conselho editorial do jornal, salienta ainda mais a perspectiva de colocar em voga temas considerados secundários: “[...] a primeira coisa que queríamos era confrontar a invisibilidade e dizer: estamos aqui, isso é parte do Brasil, com licença, esquerda e direita aqui estamos” (LAMPPIÃO, 2016, 00:08:30).

O *Lampião da Esquina* surgiu, portanto, num contexto hostil perante os polos de esquerda e direita. Se a homossexualidade era inconcebível perante a moral da direita, era considerada pela esquerda como um entrave da luta de classes. Essas particularidades são detalhadas a seguir.

2.1 IMORAL E DIVISIONISTA: A HOMOSSEXUALIDADE PERANTE DIREITA E ESQUERDA

A ditadura midiática-civil-militar de 1964 procurava conduzir moralmente a vida íntima e privada da população. As Marchas da Família com Deus pela Liberdade³, que antecederam e apoiaram o golpe de 1964, já davam a tônica conservadora do que viria pela frente. A ditadura-midiática-civil militar baseou-se no mito do perigo do comunismo, vivia-se sob a Guerra Fria com o mundo dividido entre os blocos capitalistas e comunistas. Logo, a retórica da ditadura era conservadora, impondo valores familiares e morais rígidos em detrimento de inimigos externos (o comunismo) ou internos (a homossexualidade e a imoralidade). A perseguição a homossexuais ganhava legitimidade no discurso oficial do governo.

No outro polo do espectro político, as esquerdas brasileiras consideravam a luta de classes como uma causa maior em relação a temas como feminismo, homossexualidade e racismo por exemplo. O Estatuto russo de 1934 criminalizava a homossexualidade masculina, mesmo que consentida, e o movimento comunista internacional foi influenciado pela associação da homossexualidade a uma decadência burguesa (GREEN, 2003a). Porém, para Bandeira (2006),

Tudo o que se relacionasse ao indivíduo era tachado como questão de caráter pequeno burguês e, por isso mesmo, não deveriam assumir grande relevância, haja vista que todas as energias deveriam voltar-se para a chamada “Luta Maior”: a luta de classes.” (BANDEIRA, 2006, p. 38)

Em relação à ressonância dessa postura no território brasileiro e as justificativas das nossas esquerdas para seu descaso em relação a temas emergentes da época, destaca-se:

Essencialmente, argumentaram, de fato, que a esquerda marxista deveria promover alianças classistas enraizadas na classe operária. Uma vez que os movimentos de gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros têm uma composição multiclassista, alguns marxistas afirmavam que o movimento poderia, por vezes, defender propostas distanciadas dos interesses da classe trabalhadora e suas organizações. (GREEN, 2003a, p. 36)

³ As Marchas da Família com Deus pela Liberdade foram uma série de passeatas realizadas em todo Brasil entre março e junho de 1964. Essas marchas possuíam um caráter conservador e uma aderência da classe média brasileira que se opunha ao que acreditava-se ser ameaças comunistas.

Segundo Trevisan (2018), as alianças que a esquerda possuía na época podiam ser abaladas. Bandeiras defendidas pelo feminismo como o aborto, por exemplo, podiam contrariar o posicionamento da Igreja Católica progressista. Seguindo esse raciocínio, outros assuntos emergentes, “fora do parâmetro da luta de classes” (TREVISAN, 2018, p. 316) poderiam gerar diferentes tipos de mal-estar em outros setores sociais. A homossexualidade, por exemplo, poderia ser malvista e interpretada pela classe operária, que era a base da “luta maior” de classes:

Numa primeira bibliografia brasileira, o movimento homossexual aparece colocado, ao lado do movimento feminista, do movimento negro e do movimento ecológico, como “movimento alternativo” ou “movimento libertário”, em contraste aos “movimentos populares”. Referidos a conflitos que teria sua origem na “esfera da cultura”, do indivíduo ou das escolhas pessoais, tais movimentos foram tratados em separado daqueles que permitiam alguma conexão com o conflito de classes. (FACCHINI, 2002, p. 31 – 32)

Nesse contexto de limitações por parte de todas correntes políticas, é necessário destacar e mencionar que a presença do Lampião da Esquina “se trata da busca de um lugar de enunciação, já que o movimento homossexual não pactuava com a postura dos militares e, para a esquerda, as questões homossexuais eram consideradas parte de uma ‘luta menor’” (SIMÕES JÚNIOR, 2006, p. 281). Em entrevista para a edição de novembro de 1979 do Lampião da Esquina, o então intelectual anistiado Fernando Gabeira declarou que “não se pode esperar 70 anos para ter um orgasmo.” (LAMPIÃO, 1979, p.5)

Entender esse posicionamento da direita e da esquerda perante a homossexualidade se faz necessário, visto que um olhar apressado pode entender o Lampião da Esquina como uma publicação de esquerda. De fato, a homossexualidade foi, gradativamente, entrando no espectro progressista de esquerda. No entanto, em 1978, o Lampião não surgiu amparado pela esquerda, nem pela direita. Ele se impôs em um ambiente hostil.

2.2 A HOMOSSEXUALIDADE NO LAMPIÃO DA ESQUINA E NA IMPRENSA

Conhecer os predecessores e as referências do Lampião da Esquina enriquece nosso entendimento sobre a publicação, porque assim, conseguimos entender a diferença da representação de homossexuais no jornal e na imprensa convencional

da época. Isso amplia nossa noção sobre a importância do jornal na construção de novas representações acerca as experiências homoeróticas.

O *Lampião* apresentava as homossexualidades para além das definições médicas que as consideravam patologias ou dos dogmas religiosos que endossavam esse discurso. Em contrapartida, existia uma dificuldade da imprensa em sair do senso comum e se apropriar desse assunto para além de uma postura negativa.

Em detrimento dessa posição negativa da imprensa perante as homossexualidades, existiram iniciativas pontuais positivas. É o caso da Coluna do Meio, lançada em 1976, no jornal paulista *Última Hora*. Escrita diariamente pelo jornalista Celso Curi “era um espaço destinado a assuntos sobre comportamentos e festas do universo gay em São Paulo” (AMARAL; BERTOLLI, 2015, p. 10).

Celso Curi acabou sendo enquadrado no artigo 17 da Lei de Imprensa (lei nº 5.250)⁴ e ilustrou a capa da primeira edição do *Lampião da Esquina* com a chamada “*Celso Curi processado. Mas qual é o crime desse rapaz*”. Dentre os motivos do processo, constava a ofensa à moral e aos bons costumes. O *Lampião da Esquina* também foi enquadrado na Lei de Imprensa, em agosto de 1978, a pedido do Ministério da Justiça. Foram colhidos depoimentos e os integrantes do jornal acabaram fichados. João Silvério Trevisan era um deles. Ele afirma que “Na polícia, lembro que fui fotografado com uma espécie de canga ao pescoço; coincidentemente ou não, nela está inscrito o número 0240 – um viado ladeado por duas bolinhas [...]” (TREVISAN, 2018, p. 323). Com ajuda voluntária dos sindicatos dos jornalistas do Rio de Janeiro e São Paulo, o *Lampião da Esquina* foi absolvido. Sobre a lei, destacamos que:

Durante a ditadura vigente a partir de 1964, criou-se um subterfúgio legal para punir veiculações consideradas obscenas, com a promulgação da Lei n.5250, de 9 de fevereiro de 1967, conhecida como Lei de Imprensa. Em seus artigos 12 e 17, essa lei impunha pena de três meses a um ano de detenção e multa de um a vinte salários mínimos para quem divulgar pela mídia fatos considerados atentatórios à moral pública e aos bons costumes. (TREVISAN, 2018, p. 165)

⁴ BRASIL. Lei nº 5.250, de 9 de fevereiro de 1967. Regula a liberdade de manifestação do pensamento e de informação. Brasília, DF: Presidência da República, 1967. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l5250.htm. Acesso em: 14 abr. 2019.

Em depoimento para o documentário *Lampião da Esquina* (2016) Celso Curi relembra a história e faz uma colocação interessante, afirmando que: “[...] eles (os militares) consideravam um atentado a moral eu escrever cidade ma-ra-vi-lhooso-sa” (LAMPIÃO, 2016, 00:02:54). Existia, portanto, uma preocupação dos censores com qualquer alusão as homossexualidades. A cidade maravilhosa de Celso Curi era uma referência a uma comunicação oral mais alegre e afetada, podendo ser reconhecida como um traço de comportamento homossexual.

Os homossexuais eram retratados nas páginas do *Lampião* em formatos diversos (reportagens, entrevistas, colunas, cartas de leitores etc.). Porém, segundo Mariusso (2015) e Green (2003b) os espaços ocupados pelos homossexuais na imprensa convencional e na imprensa alternativa restringiam-se às páginas policiais e charges satíricas:

A figura dos homossexuais atrelado ao assassino, ao mau caráter, ao ser perigoso, foi nos fins da ditadura militar e início da abertura política – como se pode observar por meio do *Lampião da Esquina* – reiterada pela imprensa no Brasil. (MARIUSSO, 2015, p. 54)

A homossexualidade era sempre posta ali como principal informação, fosse o sujeito vítima ou criminoso. A partir disso, associava-se o comportamento homossexual como marginal, relacionado a drogadição, prostituição e todas outras irregularidades que ferissem a moral e os bons costumes da época.

Essa falta de receptividade estendia-se da imprensa convencional para imprensa alternativa. Em 1975, após a morte do cineasta italiano Pier Paolo Pasolini, O Pasquim publicou na sua edição de novembro a fotonovela *Noites de Sodoma*, que fazia referência ao crime. Pasolini morreu devido um espancamento realizado por Giuseppe Pelosi, na época com 17 anos (VULLYAMI, 2014). A fotonovela publicada no Pasquim fazia uma analogia explícita entre homossexualidade e pedofilia. Em certo momento, após um dos personagens ser questionado de forma violenta sobre qual filme de Pasolini ele mais gostava, a resposta “*Aquela em que o cara faz assim no anormal*” seguida de uma sequência de agressões sintetizadas pelas onomatopeias *bam!*, *pow!*, *splash!* e *crack!* aludia as circunstâncias do assassinato. No mesmo quadrinho, o personagem agredido e deitado no chão dizia: “*morre um cineasta, mas não morre a pedofilia*”.

Figura 2 - Sequência de frames da fotonovela Noites de Sodoma⁵.



Fonte: Lampião da Esquina (2016)

A fotonovela teve repercussão negativa na época. O cineasta Luiz Carlos Lacerda lembrou do episódio durante depoimento para o documentário Lampião da Esquina (2016):

[...] mas o próprio Pasquim era muito preconceituoso porque era formado por um grupo extremamente machista e homofóbico. Quando teve o assassinato do Pasolini, o Pasquim fez uma espécie de foto novela que era uma coisa horrorosa. Uma brincadeirinha com uma coisa brutal, com um assassinato homofóbico. (LAMPIÃO, 2016, 00:03:46)

Esse episódio não foi um caso isolado, mas sim um padrão seguido pelo jornal e pela maioria de seus contemporâneos em relação a pautas emergentes da época, como por exemplo a homossexualidade e o feminismo. Cabe lembrarmos que, ao passo que os editores do Pasquim “passavam também os últimos acontecimentos políticos e faziam críticas aos costumes da classe média acomodada” (MALACHIAS; BEDIN, 2012, p. 2), a homossexualidade era encarada por parte significativa da esquerda como uma “consequência da decadência burguesa” (GREEN, 2003a, p. 32).

Green (2003b, p. 208) chama atenção que “O Pasquim nem sempre recheou a cobertura do que poderia ser visto, a princípio, como comportamento sexual transgressivo com comentários abertamente negativos”. Porém, geralmente, as representações dos homossexuais efeminados e de quem mais transgredia a dualidade homem - mulher cabiam em estereótipos negativos.

⁵ A sequência de frames da fotonovela Noites de Sodoma, reproduzida originalmente no jornal O Pasquim, foi retirada do documentário Lampião da Esquina (2016) a partir de 00:03:57

O Lampião subvertia essa lógica e expandia as possibilidades de representação dos corpos e das experiências homossexuais. Nos primeiros anos de circulação, a exposição do corpo masculino no jornal não era feita de forma gratuita. Segundo Amaral (2013, p. 165): “o corpo se torna coadjuvante na proposta do jornal.” O tom geral era de protesto e reivindicações, aliados a um resgate de uma nomenclatura homossexual. O próprio termo *gay*, por exemplo, era constantemente abrigado e transcrito guei. O Lampião queria se fazer entender. O autor considera que:

Muito embora dotado de uma linguagem muito escrachada, as fotografias do corpo masculino seguiam a linha convencional de representação sem muita variação de modos de retratação: em fotografia de identificação, semelhante às 3x4, ou em plano americano, os homens eram frequentemente retratados em trajes casuais, eram poucas as exceções que fugiam dessa regra. Aliás, quase não houve muitas fotografias que retratassem corpos masculinos por inteiro. (AMARAL, 2013, p. 274)

Essa forma do jornal encarar a representação dos corpos mudou nos últimos anos de circulação. Segundo Kucinski (2001, p. 73), “Lampião da Esquina começou elegante e terminou pornográfico”. Kucinski (2001) faz essa observação porque, a partir dos anos 1980, a abertura política gradual possibilitou um aumento da oferta de um mercado editorial pornográfico. Como forma de se manter no mercado, posicionando-se perante estes tipos de publicações, o Lampião investiu em ensaios nus masculinos e passou a explorar visualmente os corpos em suas capas.

2.3 O LAMPIÃO DA ESQUINA, A CENSURA E A HOMOFOBIA

O período da ditadura midiática-civil-militar brasileira foi marcado por censura do Estado perante a imprensa e o Ato Institucional nº 5 (AI-5) é um divisor de águas desse período (SOARES, 1989). Em dezembro de 1968, sob o governo de Costa e Silva, o AI-5 decretou o fechamento do Congresso Nacional e de Assembleias Legislativas, instituiu a censura prévia e marcou o período mais repressivo da ditadura, os chamados anos de chumbo.

O Lampião da Esquina surgiu durante o governo Geisel, após a revogação do AI-5. Esse período, em comparação aos outros governos militares da ditadura, é visto como menos censor. Já iniciava aí um processo de abertura política que culminaria com o fim da ditadura e a abertura política durante o governo Figueiredo,

Neste período iniciava-se a chamada “abertura”, de 1979 até o último governo militar de 1984, que buscava reconduzir o país a um governo civil. Mas

embora as condições favorecem a um processo de redemocratização, o presidente ainda continuou com a censura e cassou mandatos de alguns políticos, até decretando prisões. (NASCIMENTO; NETO, 2012, p. 7)

O *Lampião da Esquina*, por exemplo, não chegou a ter censores na sua redação, enviar edições para avaliação em Brasília ou ter edições empasteladas. Soares (1989) explica que a censura existiu desde o golpe em março de 1964 até a abertura política, oscilando na sua intensidade de acordo com o governo:

Do início da distensão, durante o governo Geisel, até 1976, somente foram controlados alguns aspectos mais gritantes da censura; a partir de 1976, data em que se afirma, o governo Geisel controlou a linha dura, houve uma clara diminuição de suas atividades sem que, não obstante, os seus instrumentos fossem eliminados: o ditador não abriu mão deste instrumento ditatorial. Foi somente no *final* do governo Geisel e início do governo Figueiredo que a liberdade de imprensa foi restaurada no Brasil. (SOARES, 1989, p. 21)

Segundo Amaral (2013) a exposição moderada do corpo masculino no começo da circulação do *Lampião*, por exemplo, era ainda resultado de uma censura pregressa mais rígida. Para o autor,

O jornal *Lampião da Esquina* não passou por censura no sentido ter as páginas analisadas para que pudesse circular, mas de alguma forma, os códigos de repressão ao corpo ainda reverberavam pela sociedade daquele momento. (AMARAL, 2013, p. 180)

Era como se a censura houvesse criado hábitos que tiveram ressonância por algum tempo, influenciando decisões editoriais perante a representação dos corpos. Como citado anteriormente, a posição do *Lampião da Esquina* perante a representação dos corpos e da nudez mudou durante os últimos anos de circulação do jornal.

Segundo Silva (2014, p. 32), “o golpe de 1964 foi midiático-civil-militar. Sem o trabalho da imprensa não haveria legitimidade para a derrubada do presidente João Goulart”. O autor analisou editoriais de grandes jornais brasileiros (*Correio da Manhã*, *Folha de São Paulo*, *O Estado de São Paulo* e outros) escritos antes do golpe, em março de 1964, e nos meses e anos que seguiram. Ele concluiu que a imprensa, de forma geral, disse sim ao golpe e, depois, parte dela arrependida, disse não a ditadura. Em resposta a uma imprensa arrependida, censurada e algumas vezes até mesmo alinhada ao discurso oficial do governo, que surgiram publicações alternativas. Segundo Peruzzo (2006, p. 7) a ideia de “imprensa alternativa” aludia a um “tipo de

imprensa não alinhada à linha da mídia tradicional, então sob a batuta da censura do regime militar no Brasil”.

É desse grupo que o *Lampião da Esquina* fez parte: um jornal homossexual e alternativo num contexto ditatorial. Segundo levantamento feito pela Secretaria de Comunicação Social do Rio de Janeiro (2005), a imprensa alternativa contava com mais de 150 jornais ao fim da ditadura. De acordo com Kucinski (2001, p. 72): “em reação até agressiva ao dogmatismo dos grupos de esquerda e à sua moral conservadora, surgiram os alternativos pregadores da importância da sexualidade”, dentre eles o *Lampião*.

Kucinski (2001) dedica parte extensa de sua obra numa divisão da imprensa alternativa durante a ditadura midiática-civil-militar brasileira. Becker (2007), por sua vez, esquematiza a divisão histórica proposta por ele:

1ª.) do lançamento do *Pif-Paf*, em junho de 1964, até o fim da *Folha da Semana*, em 1966, quando há o “desmoronamento do universo político do populismo”; 2ª.) a partir de 1967, “com o imaginário oriundo da revolução cubana” e da proposta de uma guerrilha continental, onde destacam-se *O Sol*, *Poder Jovem* e *Amanhã*; 3ª.) a partir de fins de 1969, com o desenvolvimento de “uma das fases mais ricas, incluindo os primeiros semanários de circulação nacional sob o signo da resistência político-cultural, entre os quais *O Pasquim* e *Opinião*”; 4ª.) a partir de 1974, “quando os primeiros presos políticos com penas já cumpridas reintegram-se à vida civil por meio da imprensa alternativa, os jornais incham e se multiplicam”, destacando-se *Versus* e *Movimento*; 5ª.) em 1975, “com a crise do padrão complacente da grande imprensa, precipitada pelo assassinato de Vladimir Herzog”, surgem *De Fato* e *Coojornal*, ocorrendo simultaneamente a “diversificação temática e regional da imprensa alternativa”; 6ª.) a partir de 1977, com o nascimento dos jornais “motivados essencialmente campanha da anistia”, entre os quais *Repórter*, *Resistência* e *Maria Quitéria*.” (KUCINSKI 2001 apud BECKER 2007, p. 11)

Dentro dessa classificação, o *Lampião* fez parte da sexta e última fase da imprensa alternativa. Ter circulado durante o fim da ditadura midiática-civil-militar, no entanto, não isentou o *Lampião da Esquina* da homofobia da época. A jornalista Rita Moreira retratou essa homofobia no documentário *Hunting Season* (Temporada de Caça em tradução livre) de 1988.

A sequência inicial de frames do vídeo mostra uma repórter, nas ruas de São Paulo, perguntando às pessoas se elas já haviam ouvido falar dos recentes assassinatos de homossexuais, a repórter incentiva os entrevistados a darem suas opiniões sobre o assunto. A sequência de respostas é “*Já sim, eu acho é que mais tem que assassinar mesmo*”; “*Acho que tá certo, homem nasceu pra ser homem*”;

“*Eu tenho muito contra eles, eu acho que eles estão poluindo a cidade de São Paulo*”;
“*Eu acho que não deveria existir homossexual*”. (HUNTING, 1988, 00:00:34)

Nesse contexto de homofobia declarada que o *Lampião da Esquina* existiu. A reação homofóbica era forte, durante o fim dos anos 1970 e começo dos anos 1980 ocorreram atentados a bombas em bancas de jornal no Rio de Janeiro e em outras cidades brasileiras. Os atentados vinham seguidos de avisos para que fosse interrompida a distribuição de certos jornais considerado pornográficos, e o *Lampião* fazia parte desse seleto grupo.

Os depoimentos de colaboradores do *Lampião*, colhidos para o documentário *Lampião da Esquina* (2016), revelam o quanto o consumo do jornal era discreto fora dos guetos homossexuais, uma forma dos leitores evitarem insinuações ou represálias homofóbicas. A mudança editorial do jornal nos seus últimos anos também afetou os hábitos de consumo e os interesses dos leitores do *Lampião*. A edição de fevereiro de 1981 (LAMPPIÃO, 1981a), com a chamada principal de capa *Cuba: os órfãos de Sierra Maestra*, tratava sobre a repressão cubana contra homossexuais. Resultado: foi a edição menos vendida da história do *Lampião*. Em contrapartida, as capas com uma exploração gráfica maior do nu e com temas menos politizados, vendiam mais.

Glauco Mattoso, em depoimento ao documentário *Lampião da Esquina* (2016), afirmou que “*toda publicação muito pioneira ela tem uma vida útil*” (LAMPPIÃO, 2016, 00:01:10). Foi o caso do *Lampião da Esquina* e de outras publicações da imprensa alternativa. A abertura política dos anos 1980 permitiu que jornais da imprensa convencional se apropriassem de temas emergentes, que antes eram exclusivos à imprensa alternativa, como por exemplo, o feminismo, o movimento negro, a ecologia e a homossexualidade. De acordo com Trevisan (2018, p. 337): “indiretamente, essa recente liberalidade com temas antes intocados contribuiu bastante para esvaziar o impacto do *Lampião*, cuja acanhada estrutura, além de tudo, propiciara uma inegável centralização do poder”.

A centralização do poder citada por Trevisan (2018) faz referência a uma questão do jornal, o grupo de profissionais paulistas tinha um perfil mais militante em detrimento dos jornalistas cariocas. Logo, os editores do Rio de Janeiro acabavam cortando ou eliminando matérias vindas de São Paulo por motivos variados, e isso gerava discussões. Essa tensão e divergência editorial desgastou o *Lampião*, pois

ocorreu em um contexto macro de apropriação dos temas - até então exclusivos da imprensa alternativa - pela imprensa convencional, assim, em um contexto micro de desentendimentos e fragilidade financeira do jornal, que o Lâmpião encerrou suas atividades, em 1981.

3 BREVE HISTÓRICO DA HOMOSSEXUALIDADE NO BRASIL: DOS PAPÉIS SEXUAIS A TEORIA QUEER

Um aspecto importante que permeia essa pesquisa é a diferença de como articulava-se o gênero na década de 1970 e como isso é feito hoje, porque a forma de se referir a lésbicas, *gays*, bissexuais e transgêneros (travestis e transsexuais) era distinta há 41 anos. Ou seja, era diferente, em 1978, quando o *Lampião da Esquina* foi lançado. Se analisarmos o *Lampião* apenas a partir da visão que temos hoje, ele de fato pode parecer negativo em algumas colocações. As travestis, por exemplo, não eram referidas pelo artigo feminino. O conceito de uma sigla, pensada para agregar todos que possuíam sexualidades ou identidades de gênero que desviavam do padrão heterossexual binário também não existia. Ao lermos as edições do *Lampião*, percebemos que os entendimentos sobre sexualidade na época se davam, geralmente, a partir de três figuras: o *gay*, a lésbica e o travesti.

As classificações *gay*, lésbica e travesti que o jornal usava para simplificar uma gama de opções faziam parte do contexto da época e dos sistemas de poder que conduziam (e ainda conduzem) a linguagem. Butler (2018) refere-se a esses sistemas de poder enquanto “matriz heterossexual” e “cultura masculinista”, ou seja, o homem heterossexual visto enquanto universal e referencial. O *Lampião* possuía um caráter alternativo, no entanto, essa subversão se dava dentro de um sistema de poder heterossexual, que em última instância influenciava a linguagem. As ideias sobre sexualidade presentes no *Lampião*, portanto, partiam também dessa “matriz heterossexual”. A construção das homossexualidades presente no *Lampião da Esquina* deve ser vista a partir desses contextos. Por isso, consideramos importante discorrer sobre aspectos que marcaram a forma de encarar as sexualidades no Brasil e no mundo. Esses aspectos antecederam e influenciaram a organização social de homossexuais e o contexto no qual o *Lampião da Esquina* surgiu.

Segundo Lins (2014, p. 263) a sociedade grega clássica, por exemplo, considerava a homossexualidade enquanto “uma manifestação legítima do desejo amoroso”. A autora afirma que:

Em algumas cidades gregas, a homossexualidade aparece como uma prática necessária dos ritos de passagem da juventude cívica, num quadro regido pelas leis, mas se relacionando estreitamente com a masculinidade. (LINS, 2014, p. 265)

Lins (2014) chama atenção para a inexistência dos termos “homossexualidade” ou “heterossexualidade” na Grécia e Roma antigas. Essa dualidade não existia, ambos comportamentos eram vistos como naturais. Importava de fato o papel desempenhado dentro de cada relação: o “papel sexual”. O “papel sexual” dizia respeito a atividades e hábitos atribuídos a cada gênero e a preservação da masculinidade mesmo em relações homossexuais. Ou seja, um homem adulto devia sempre desempenhar um papel ativo e masculino. Esse papel era desempenhado da seguinte forma: o homem adulto devia ter como parceiros “uma mulher (naturalmente inferior), um escravo (não livre) ou um jovem (um homem ainda não completamente desenvolvido)” (LINS, 2014, p. 266). Quando dois homens adultos se relacionavam sexualmente e essa lógica era quebrada, acreditava-se que o sexualmente passivo estava abdicando da sua masculinidade. Na visão de Fry e MacRae (1985):

Se formos pensar em termos históricos, veremos que já na Roma antiga, embora o relacionamento homossexual em si não fosse especialmente malvisto, era considerado totalmente ultrajante um homem livre assumir um papel passivo tanto com um escravo quanto com outro cidadão. (FRY; MACRAE, 1985, p. 53)

Temos, portanto, um exemplo de papéis sexuais bem definidos, onde o homem maduro é ativo e, as mulheres, homens não livres e mais jovens, por serem inferiores ao modelo masculino e maduro, são passivos. Não existe aqui, portanto, uma divisão sexual baseada em, apenas, com quem se relaciona sexualmente. O mais importante é o papel desempenhado.

Essa lógica antiga e clássica de encarar a sexualidade, no entanto, foi ofuscada dos discursos oficiais e científicos por uma lógica cristã e dogmática. Sociedades indígenas, que tem em comum com as sociedades greco-romanas uma organização social sem a influência cristã dogmática, possuíam também uma definição de papéis sexuais. Segundo Trevisan (2018), homossexuais e travestis faziam parte das sociedades indígenas brasileiras. Gregor (1982), por exemplo, discorreu sobre os papéis sexuais de tribos no Alto Xingu, e reconheceu que os papéis sexuais masculinos e femininos eram construções coletivas, passíveis de mudança. Fry e MacRae (1985), por sua vez, exemplificam o “papel sexual” a partir da tribo indígena paraguaia Guaiáqui. Nessa tribo “são os homens que caçam e coletam enquanto as mulheres cozinham, cuidam das crianças e fabricam cestos, potes e cordas para os

arcos” (FRY; MACRAE, 1985, p. 33). O cesto carregava a simbologia do feminino e o arco carregava a simbologia do masculino. Para Fry e MacRae (1985) era vetado, portanto, que as mulheres Guiaiqui tocassem nos arcos e que os homens Guiaiqui tocassem nos cestos. No entanto, Clastres (1978, p. 73) afirma que “havia entre os guiaiqui dois homens que carregavam cestos”.

Um deles era ridicularizado e menosprezado ao passo que o outro não, servindo até mesmo de parceiro sexual eventual de outros índios sem problema algum perante a tribo. De acordo com Clastres (1978), isso se dava porque um desses homens coletava com as mulheres e possuía um cesto (símbolo do “papel sexual” feminino), mas não desempenhava o “papel sexual” feminino no âmbito social e sexual. O outro, por sua vez, assumiu o papel sexual feminino, com todas suas circunstâncias sociais e sexuais. “Ele vivia como as mulheres e, à semelhança delas, mantinha em geral os cabelos nitidamente mais longos que os outros homens, e só executava trabalhos femininos” (CLASTRES, 1978, p. 77).

Fry e MacRae (1985) comparam esse conceito de “papel sexual” com a ideia de homossexualidade presente nas classes populares brasileiras e nas páginas do *Lampião da Esquina*:

Desta forma, neste Brasil que estamos chamando de "popular", como entre os guiaiqui, o menino é chamado de "bicha" não simplesmente porque se supõe que ele goste de manter relações homossexuais, mas porque ele é "efeminado" (desempenha o papel feminino) e porque se mantiver uma relação homossexual desempenhara um papel "femininamente passivo". O rapaz que desempenha papel masculino e que poderia ser o parceiro sexual da bicha (portanto mantendo uma relação homossexual), é chamado de "homem" ou de "machão." (FRY; MACRAE, 1985, p. 43)

Ou seja, a ideia de “papel sexual” que resgatamos das sociedades ocidentais clássicas e indígenas permeou o entendimento popular brasileiro sobre sexualidades e apresentou-se nas páginas do *Lampião da Esquina*. Identificamos esse “papel sexual” nas dualidades bofe (homem masculino e atraente, podendo ser hétero ou homossexual) e bicha (homem efeminado e, portanto, homossexual) ou lésbicas e *butchs/caminhoneiras* (mulheres com aparência masculinizada e lésbicas), por exemplo.

Esse histórico e o contexto da década de 1970 faziam também que o *Lampião* se referisse a lésbicas, *gays*, bissexuais e transgêneros (travestis e transsexuais) de forma diferente do que fazemos hoje. Portanto, nessa pesquisa usamos o termo

homossexualidades para nos referirmos a lésbicas, *gays*, bissexuais, transgêneros (travestis e transsexuais) e experiências homoeróticas no geral. O termo foi usado por outros autores, como por exemplo Trevisan (2018) e Bandeira (2006). Bandeira (2006, p. 33) reconhece, inclusive, que homossexualidades “não traduz a multiplicidade das experiências históricas que denomina. Seu uso será apenas uma maneira de me referir aos personagens desta pesquisa, denominando-os tal qual as convenções da época estudada”. Trevisan (2018), por sua vez, ao refletir sobre as “imprecisões conceituais” da história da homossexualidade no Brasil, considera que:

Preferi não atualizar modos de expressão que poderiam estar superados, como o jeito antigo de chamar a pauta LGBT simplesmente de “homossexual”, soando como possível reducionismo ou hegemonia *guei*. Pareceu-me importante que as gerações LGBT a posteriores possam aferir como as gerações anteriores se expressavam, de acordo com as especificidades do seu tempo. Essa imprecisão conceitual faz parte da história das sexualidades não heteronormativas no Brasil. (TREVISAN, 2018, p. 14)

Entendemos também que o termo homossexualidades não seja o mais inclusivo, dada as opções que temos hoje para nos referirmos a lésbicas, *gays*, bissexuais e transgêneros (travestis e transsexuais). No entanto, analisar um jornal homossexual de 1978 aceitando seu contexto histórico e o assimilando, inclusive na linguagem, é um exercício de não esquecimento. É importante sabermos de onde partimos e o que antecedeu o esclarecimento que existe atualmente. Por isso, propomos, nesse capítulo, reconstruir brevemente a origem da sigla LGBT para entendermos seus antecedentes. Visto ainda que o começo do chamado “Movimento Homossexual Brasileiro”, em 1978, converge e se confunde com o surgimento do *Lampião da Esquina*, esse exercício se faz ainda mais importante.

3.1 HOMOSSEXUALIDADE: PECADO, CRIME OU DOENÇA

A partir da Idade Média, a Igreja Católica passou a condenar qualquer ato ou relação sexual que não fossem destinados à reprodução. Portanto, além das homossexualidades, práticas como masturbação, sexo oral e sexo anal entre casais heterossexuais também eram proibidos. A Igreja subverteu a lógica do “papel sexual”, não importava, por exemplo, se o homem desempenhava um papel ativo dentro do ato sexual com outro homem. O fato de serem dois homens já era o suficiente para punições. Segundo Soares (2017, p. 4): “a sodomia era um ato condenável pelo Ofício

da Sagrada Inquisição instalado em Portugal em 1553, assim como segundo o código penal português, que se aplicou no Brasil ao longo de todo o período colonial”. Ou seja, as experiências homoeróticas passam a ser nomeadas e categorizadas. As homossexualidades eram vistas como um pecado e passaram a ser proibidas e criminalizadas.

Os termos “heterossexual” e “homossexual” ainda não existiam, a prática homoerótica masculina era chamada de “sodomia” e os homossexuais de “sodomitas” (TREVISAN, 2018). Essa concepção católica de classificação da sexualidade serviu de esteira para juristas, médicos e psiquiatras que disputaram as homossexualidades nos campos médicos e jurídicos. A concepção de “papel sexual”, no entanto, continuou permeando a ideia popular de sexualidade nas imagens do bofe e da bicha, por exemplo. Em entrevista aos programas Profissão Repórter⁶, da Rede Globo, e A Liga⁷, da Rede Bandeirantes, homens que trabalhavam como garotos de programa no eixo Rio-São Paulo não se consideravam homossexuais, pois desempenhavam um papel ativo no sexo. Essa ideia popular permeada pelo “papel sexual” coexiste com a definição vigente de que homossexuais são simplesmente homens que possuem atração afetiva-sexual por outros homens, não importando se seu “papel sexual” é ativo ou passivo.

Entre os séculos XIX e XX são vários os termos que disputam espaço na ciência e nas camadas populares para designar experiências homoeróticas. Nos interessa aqui entender os termos centrais que derivaram de uma suposta cientificidade e ficaram atrelados a contextos históricos específicos. Soares (2017) aponta, por exemplo, que pederasta, uranista e homossexualismo dividiam espaço na literatura médica brasileira por volta do ano de 1906. Segundo Rodrigues (2018, p. 3): “o surgimento de signos específicos para significar as práticas sexuais consideradas perversões, faz com que exista a constituição do ‘enfermo’, do ‘outro’, do ‘pervertido’, do ‘alheio’”.

⁶ Profissão Repórter Reportagem Especial: Prostituição Masculina, direção: Marcel Souto Maior, Rio de Janeiro, realização e produção: Central Globo de Jornalismo, 2010. disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=L0Wscr7w6CQ>. Acesso em: 04 mai. 2019.

⁷ A Liga: Prostituição, direção: Dida A. Silva, Rio de Janeiro, realização: Cuatrocabezas e Rede Bandeirantes, 2010. disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MOPiLvcIOE8>. Acesso em: 04 mai. 2019.

Foi apenas em 1869 que o médico austro-húngaro Karoly Benkert criou os termos homossexualidade e heterossexualidade. As terminologias uranista e homossexualismo, no entanto, precederam esse dualismo. Foi Karl-Heinrich Ulrichs, um jurista alemão homossexual, que cunhou o termo uranista. Soares (2017) explica que,

Os termos homossexual (“homossexual”), homossexualidade (“homosexualität”) e homossexualismo (“Homosexualismus”), criados na Alemanha, em 1869, ganhariam, ainda no final do século XIX, caráter marcadamente científico, nas teses produzidas pelos primeiros médicos que escreveram sobre relações sexuais entre pessoas do mesmo sexo. O termo “homossexual”, passaria então a concorrer com outros produzidos no mesmo período, com o mesmo sentido, entre os quais, notadamente, os termos “uranista”, cunhado pelo alemão Karl Heinrich Ulrichs, e “inversão sexual” ou “invertido.” (SOARES, 2017, p. 6)

Segundo Ceccarelli e Franco (2012, p. 124) a intenção era “transferir essa manifestação da sexualidade do domínio jurídico para o médico”. De acordo com Trevisan (2018, p. 31), a postura científica “passou da condenação à curiosidade *científica* perante uma anomalia, digamos moralmente neutra.”

Na segunda metade do século XIX, o Estado brasileiro iniciou ações coletivas moralizantes e higienistas. A figura do médico higienista surgiu enquanto um braço do Estado para manter a estrutura familiar heterossexual e patriarcal. Segundo Trevisan (2018, p. 168), eles “[...] visavam melhorar a raça e, assim, engrandecer a pátria”. As homossexualidades eram, portanto, preveníveis e o homem efeminado era um parâmetro da perda de masculinidade. A polícia era responsável por coibir práticas homossexuais que quebrassem o decoro social. Existia, portanto, prevenção e repressão. Simões e Facchini (2009) explicam que,

Elas se orientavam por um conjunto de preocupações políticas e morais voltadas a identificar toda sorte de anomalias, perversões ou ameaças na esfera da sexualidade (incluindo a prostituição e as relações extraconjugais) que poderiam causar dano à saúde da família e, por extensão, à saúde da nação. Pelo mapeamento das supostas anomalias, tratava-se de circunscrever um modelo ideal de sexualidade moral e saudável, na forma da heterossexualidade praticada entre adultos, dotados da identidade de gênero tida como adequada ao seu respectivo sexo biológico, unidos por um vínculo conjugal, monogâmico e destinado à reprodução. (SIMÕES; FACCHINI, 2009, p. 37)

A busca pela origem das homossexualidades transitou, durante muito tempo, entre um “culturalismo radical e um determinismo biológico” (TREVISAN, 2018, p. 38). Ao considerar as homossexualidades apenas enquanto aspectos puramente culturais,

socialmente construídas e com influências externas, a sua repressão acontecia por meio da punição. Da mesma forma, ao considerar as homossexualidades apenas enquanto algo inerente ao ser humano e biologicamente determinadas a sua repressão acontecia por meio da cura (TREVISAN, 2018). Essa reflexão se faz importante, pois mesmo passando do campo jurídico para o campo médico os estudos acerca das homossexualidades previam sempre um controle e uma busca de soluções para a situação. Esse quadro é revertido numa mudança de postura perante a linguagem: a mudança do termo homossexualismo para o termo homossexualidade, e uma apropriação por parte dos homossexuais do determinismo biológico para uma desvinculação da criminalização e da patologização.

Esse estigma médico que considerou as homossexualidades enquanto anomalias ou desvios, durante o século XIX, perdurou até o começo do século XX. Termos como “uranista”, “pederasta” e “homossexualismo”, por sua vez, foram superados pela ciência por serem reducionistas ou aludirem a concepções equivocadas sobre homossexualidades. O sufixo “ismo”, de homossexualismo, por exemplo, é uma marca linguística que classifica doenças comportamentais. Atualmente não cabe, portanto, se referir a homossexuais pela terminologia homossexualismo, da mesma forma que os significados de uranismo ou pederastia soam antigos para as novas gerações.

A linguagem mudou, mas a perseguição continuou de outras formas. Durante a República Brasileira, a polícia continuou enquadrando, por exemplo, os homossexuais por crime de vadiagem. Nesse período, a homossexualidade não era mais ilegal no território brasileiro, mas isso não era suficiente, visto que a ideia de anormalidade continuava arraigada. Logo, usava-se subterfúgios como o combate a vadiagem, para criminalizar a sociabilidade homossexual. No entanto, a polícia e a medicina não conseguiram frear as experiências homoeróticas, que culminaram em um Movimento organizado na década de 1970.

3.2 DO MOVIMENTO HOMOSSEXUAL BRASILEIRO ATÉ A SIGLA GLS

Segundo Oliveira (2010), a década de 1950 é marcada por uma sociabilidade *gay* brasileira, por meio de eventos e espaços públicos de notória frequência homossexual. “A organização política acontece na década de 1970 com a formação

de grupos e jornais caseiros” (OLIVEIRA, 2010, p. 373). A instituição do AI-5 e o período conhecido como “anos de chumbo”, de 1969 até 1974, atrasaram a organização política de homossexuais, negros e mulheres no Brasil. Bandeira (2006) ressalta que:

[...] as lutas de mulheres e negros não surgiram na década de 70. Elas já vinham desde há muito tempo, embora tivessem arrefecido depois da segunda guerra e, principalmente, após o golpe de 64. Todavia, foi na década de 70, com a ausência de apoio da esquerda para suas questões específicas e com as possibilidades otimistas de uma redemocratização do país, que esses grupos se rearticularam, retomando suas antigas reivindicações e formulando novas demandas na busca de sua autonomia política. Tal busca permitiu que negros, mulheres, ecologistas e homossexuais fossem considerados divisionistas pela esquerda tradicional. (BANDEIRA, 2006, p. 43)

De acordo com Facchini (2002, p. 91), “um movimento politizado pelos direitos de gays e lésbicas possivelmente teria surgido já no início dos anos 70” caso não tivesse ocorrido o AI-5 e a potencialização da censura nos anos seguintes. O AI-5 encerrou, em 13 de dezembro de 1968, um ano que ficou conhecido internacionalmente como “período de protestos operários e estudantis”. Se o AI-5 inaugurou os conhecidos “anos de chumbo”, é verdade também que ele encerrou os chamados “anos dourados”:

Em 1968 presenciamos a era das múltiplas explosões e revoltas: operárias, estudantis, feministas, dos negros, dos movimentos ambientalistas, dos homossexuais, dentre tantas outras formas de levante e descontentamento social e político, naqueles anos que selavam o “fim dos anos dourados.” (ANTUNES; RIDENTI, 2007, p. 79)

Sendo assim, somente em 1978 surgiu o Grupo Somos, associados diretamente ao surgimento do Movimento Homossexual Brasileiro. Antes, porém, de aprofundarmos sobre o Movimento Homossexual Brasileiro e seus desdobramentos, cabe elucidarmos o conceito de movimento social e situarmos o Movimento Homossexual Brasileiro dentro de uma definição possível de movimento social.

O conceito de movimento social ainda não foi esgotado pela bibliografia disponível sobre o assunto. “Até o início do século XX, o conceito de movimentos sociais contemplava apenas a organização e a ação dos trabalhadores em sindicatos” (GOSS; PRUDÊNCIO, 2004, p. 75). Segundo Viana (2016, p. 9), “poucos autores se dedicaram a fornecer uma definição de tais movimentos, em comparação com o número dos que se dedicam à sua análise”.

Viana (2016) explica que um movimento social parte sempre de um “grupo social” mobilizado com características, realidades e objetivos em comum. No caso do Movimento Homossexual Brasileiro, o grupo social em questão eram os homossexuais. Viana (2016, p. 34) ressalta também que “quatro determinações complementares são fundamentais para existir um movimento social: *a insatisfação social, o senso de pertencimento, mobilização e objetivo.*”

Podemos considerar que a insatisfação social do Movimento Homossexual Brasileiro era a homofobia e a marginalização de homossexuais e que, a partir disso, surgiu um “processo de autoconsciência coletiva” (VIANA, 2016, p. 35) entre os homossexuais brasileiros. O senso de pertencimento, a mobilização e o objetivo são derivações naturais dessa organização. Partindo das considerações de Viana (2016), conseguimos enquadrar o Movimento Homossexual Brasileiro enquanto, de fato, um movimento social, e nos debruçarmos na definição proposta pelo autor de que “os movimentos sociais são mobilizações (ações coletivas ou compartilhadas) de determinados grupos sociais derivadas de certas situações sociais que geram insatisfação social, senso de pertencimento e determinados objetivos” (VIANA, 2016, p. 43).

De acordo com Oliveira (2010), podemos dividir o Movimento Homossexual Brasileiro em “três ondas”: a primeira, no fim da década de 1970, coincidindo com o surgimento do Grupo Somos, do jornal Lampião da Esquina e com o período final da ditadura midiática-civil-militar; a segunda, durante a década de 1980, com a reabertura política e a epidemia do HIV-Aids; e, a terceira, nos anos 1990. “Esses adventos transfiguram as iniciativas realizadas até então, atribuindo ao movimento novas características, novos objetivos, novas estratégias de ação e, ainda, estão inseridos em novos contextos” (OLIVEIRA, 2010, p. 374). Cada onda do Movimento Homossexual Brasileiro, portanto, aconteceu a partir de determinado contexto histórico. Ou seja, as reivindicações e a forma de se portar do Movimento mudaram em cada onda.

O surgimento do Grupo Somos e da primeira onda do Movimento Homossexual Brasileiro em si possuíam influência dos espaços de sociabilidade, que precederam os movimentos organizados da década de 1970, da contracultura norte-americana e do movimento *gay* internacional. Esse movimento *gay* internacional, inclusive, não possui um desenvolvimento histórico linear. Ele surge entre as décadas de 1910 e

1920, mas é suplantado na Europa pela ascensão do nazifascismo. Da mesma forma que em 1968 a ditadura midiática-civil-militar coíbe a organização de movimentos homossexuais, negros e feministas no Brasil. Ao longo da história, governos autoritários, baseados em uma suposta moral, interrompem, portanto, a organização de movimentos homossexuais ao redor do mundo. Vivências homoeróticas, no entanto, sempre existiram. O Lampião da Esquina é um exemplo disso, ao noticiar durante um período autoritário e censor, dentre outras pautas pertinentes, a sociabilidade homossexual carioca.

Na cena homossexual, um evento explosivo passou a marcar essa virada. Na noite de 28 de junho de 1969, uma tentativa da polícia de Nova York de interditar o bar Stonewall Inn, situado na Christopher Street, movimentada rua da região boêmia freqüentada por homossexuais, deparou-se com a reação irritada dos próprios freqüentadores da área, que travaram uma batalha de pedras e garrafa com os policiais. Os protestos de Stonewall passaram a assinalar simbolicamente a emergência de um Poder Gay, e a data passou a ser posteriormente consagrada como o "Dia do Orgulho Gay e Lésbico." (SIMÕES; FACCHINI, 2009, p. 45)

Stonewall foi um marco para o Movimento Homossexual ao redor do mundo, influenciando militantes inclusive no Brasil. Usamos como exemplo aqui João Silvério Trevisan, um dos articuladores do Grupo Somos e colaborador do Lampião da Esquina, que se auto exilou por três anos no México e nos Estados Unidos. João Antônio Mascarenhas, por sua vez, era um assinante do jornal *gay* norte-americano *Gay Sunshine Press* e reuniu, em 1977, Winston Leyland – editor do *Gay Sunshine Press* – com o grupo que posteriormente formaria o conselho editorial do Lampião da Esquina. Ambos são personagens chave na consolidação da primeira onda do Movimento Homossexual Brasileiro, por estarem diretamente ligados à criação do Grupo Somos e do jornal Lampião da Esquina. Ambos colaboraram para essa primeira onda a partir de suas vivências e contatos com iniciativas estrangeiras.

João Silvério Trevisan tentou, inclusive, organizar em 1976, uma iniciativa semelhante ao Grupo Somos. No entanto, o grupo não prosseguiu após algumas semanas. Foi em abril de 1978, que surgiu o provisório Núcleo de Ação pelos Direitos dos Homossexuais – Afirmação Homossexual, rebatizado em dezembro do mesmo ano de Grupo Somos. Essa articulação bem-sucedida em 1978 se deu como resposta a um boicote contra o Lampião da Esquina e minorias, em um debate sobre imprensa alternativa. Segundo Facchini (2002, p. 67): “o grupo, nesse momento, era composto exclusivamente por homens”. A filiação de mulheres ao Grupo Somos se deu a partir

da participação do Grupo em uma série de debates promovidos na Universidade de São Paulo (USP) com uma temática voltada a minorias (FACCHINI, 2002). Segundo Green (2000b),

O debate foi parte de uma série de discussões sobre o tema de organização das “minorias” brasileiras– em referência às mulheres, os negros, os povos indígenas, e os homossexuais – e acabou sendo também o evento em que o movimento de gays e lésbicas do Brasil “se assumiu.” (GREEN, 2000b, p. 274)

Podemos avaliar que, a partir desse momento de consolidação e abertura do grupo, discordâncias internas e rachas passaram a marcar o cotidiano do Somos. Essas discordâncias se davam a partir de duas questões centrais: parte do Movimento pregava uma autonomia política ao passo que, outra parte, enxergava uma articulação com a esquerda como futuro para o Grupo Somos.

A participação de militantes homossexuais na comemoração do Primeiro de Maio, dia do trabalhador, na cidade do interior paulista de São Bernardo em 1980 ilustra bem essa oposição de posicionamentos. Trevisan (2018), por exemplo, enxergava aí uma tentativa de “cooptação e domesticação” por parte da esquerda com o Movimento Homossexual Brasileiro:

E orgulhosamente, desfilaram perante milhares de sindicalistas, de estudantes e de intelectuais de esquerda, sem se dar de que, além de engrossar a ala visível dos trotskistas, lá estavam melancolicamente apresentando seu certificado de boa conduta e pedindo a bênção da hierarquia proletária, como homossexuais bem-comportados. (TREVISAN, 2018, p. 332)

Green (2000b), por sua vez, relaciona o ato com o início de algo maior, de um movimento mais unificado. Ele reconhece a relação conturbada das esquerdas com o Movimento Homossexual Brasileiro num primeiro momento, mas diferente de Trevisan (2018), não considera a parceria problemática. “Quando o grupo entrou no estádio de futebol da Vila Euclides, foi ovacionado por milhares de participantes” (GREEN, 2000b, p. 276). Essa diferença de pensamentos acerca a relação do Movimento Homossexual Brasileiro com as esquerdas, ilustrada aqui pelas visões de Trevisan (2018) e Green (2000b), centrou debates e discordâncias políticas dentro do Grupo Somos. A outra questão era o desconforto de lésbicas ao participarem de encontros e atividades majoritariamente masculinos, onde o machismo se apresentava mesmo na

fala de homens homossexuais. Esses pontos centrais de discordâncias levaram a rachas e a multiplicidade de grupos homossexuais brasileiros.

Na década de 1980, houve uma redução quantitativa dos grupos ligados ao Movimento Homossexual Brasileiro. Green (2000b) contabilizou vinte grupos brasileiros ativos em 1981 e apenas sete em 1984. A epidemia do HIV-AIDS e o fim do *Lampião da Esquina*, em 1981, são motivos que contribuíram para essa situação. De acordo com Facchini (2002),

Antes do final da primeira metade dos anos 80, houve uma drástica redução na quantidade de grupos presentes no movimento. Isso pode ser justificado, entre outras coisas, pelo surgimento da epidemia da aids, então chamada “peste gay”, e seu poder de desmobilização das propostas de liberação sexual, e, ainda pelo fato de muitas lideranças terem se voltado para a luta contra a aids, criando as primeiras respostas da sociedade civil à epidemia. (FACCHINI, 2002, p. 73)

O *Lampião da Esquina*, por sua vez, cumpria um papel importante na divulgação dos grupos e dos encontros promovidos por eles. Essa importância se destacava ainda mais fora do eixo Rio-São Paulo, visto que o *Lampião* tinha uma circulação nacional. O jornal alcançava grupos e militantes de todo Brasil. Embora o *Lampião* não assumisse uma postura política partidária, ele era um ponto de convergência dos grupos de diferentes regiões brasileiras. Segundo Facchini (2002),

Do mesmo modo que a redemocratização produziu um vácuo para a continuidade do *Lampião*, estruturado fortemente sobre a nossa versão antiautoritária de contracultura, pode-se imaginar que o final da ditadura tenha criado também dificuldades para a continuidade da atuação dos grupos homossexuais. (Facchini, 2002, p. 74)

Vale ressaltarmos que o fim do *Lampião da Esquina* converge com a chamada “década perdida” de 1980, quando o Brasil sofria com uma inflação média de 233,5% ao ano (ROSSI, 2013). Da mesma forma, a falta de informação e a homofobia estigmatizavam o HIV-AIDS enquanto uma “peste gay”. Podemos notar, portanto, que a perda do *Lampião* como espaço de divulgação dos grupos e a epidemia do HIV-AIDS reformularam as estratégias da segunda onda do Movimento Homossexual Brasileiro. Os grupos remanescentes e ativistas da primeira onda que haviam passado por períodos mais repressivos constituíam alianças com o Estado, com objetivo de combater o HIV-AIDS e desconstruir o estigma homossexual atrelado ao vírus:

Além de aumentar o número de pessoas que se envolveram no movimento buscando informação e apoio, o crescimento de ONGs voltadas a prevenção

do HIV-AIDS aumentou os recursos e infra-estrutura do movimento. Grupos aprenderam a pedir verbas tanto para os governos estadual e federal, quanto para organizações internacionais. (GREEN, 2000b, p. 292)

Segundo Facchini (2002), nota-se na década de 1990 um crescimento considerável da participação de grupos homossexuais nos eventos anuais ou bianuais organizados. Além disso, Facchini (2002) aponta a presença de grupos organizados da sociedade civil que não eram diretamente ligados a homossexualidade, como por exemplo: a ong carioca ISER (Instituto de Estudos da Religião) e a Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS, que também era um ong carioca.

Nesse ponto do Movimento Homossexual Brasileiro, já na sua terceira onda, é possível notar uma mudança sensível, mas determinante. Em setembro de 1993 ocorre o VII Encontro Brasileiro de *Lésbicas e Homossexuais* (grifo nosso), ou seja, o Movimento Homossexual Brasileiro inclui a terminologia lésbica. A partir desse evento de setembro de 1993, as terminologias “homossexual” e “lésbica” passaram a dividir espaço na definição oficial do antigo Movimento Homossexual Brasileiro, “o encontro seguinte passa a incorporar os homossexuais do sexo masculino sob a denominação *gay*” (FACCHINI, 2002, p. 89). Essa transição possui 26 anos, a partir daí, o Movimento Gay e Lésbico passa a engendrar uma dinâmica mais parecida com a qual conhecemos hoje: uma preocupação com uma denominação mais inclusiva, sem resumir as vivências homoeróticas apenas à terminologia homossexual:

Até 1992, o termo usado era "movimento homossexual brasileiro", às vezes designado pela sigla MHB, e os congressos de militância eram chamados de "encontros de homossexuais". O termo "lésbicas" passou a ser usado no Encontro de 1993, enquanto a denominação "gays e lésbicas" foi empregada no Encontro de 1995. Nesse ano foi criada a ABGLT, com o nome de Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Travestis, que, muito recentemente, passou a se denominar Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais, mantendo, porém, a sigla original. O termo "travestis" foi acrescentado a "gays e lésbicas" no Encontro de 1997, e os termos "bissexuais" e "transexuais" foram incluídos no Encontro de 2005, quando se formaram também as respectivas redes de associações nacionais desses segmentos. (SIMÕES; FACCHINI, 2009, p. 15)

As denominações começam a reconhecer e agregar outras nuances homoeróticas, não centralizando tudo a partir do homossexual. Entende-se nessa fase a importância de nominar lésbicas, bissexuais e transgêneros. Tratava-se do reconhecimento e da busca das diferentes nuances de orientação sexual e de gênero.

A partir das pesquisas de Green (2000a, 2000b, 2003a), Facchini (2002) e Simões e Facchini (2009), podemos esquematizar as chamadas três ondas do Movimento Homossexual Brasileiro de acordo com o quadro abaixo:

Quadro 1 - As três ondas do Movimento Homossexual Brasileiro.

Primeira onda	A partir de 1978	Abertura política, surgimento do Grupo Somos e lançamento do jornal Lâmpião da Esquina
Segunda Onda	Década de 1980	Redemocratização e epidemia do HIV/Aids
Terceira Onda	Década de 1990	Parceria com o Estado e mercado segmentado homossexual

Fontes: Quadro elaborado pelo autor (2019) a partir de Green (2000a, 2000b, 2003a), Facchini (2002) e Simões e Facchini (2009).

A partir do que foi posto, notamos, portanto, que o Movimento Homossexual Brasileiro surge deslocado dos partidarismos de esquerda ou direita. A primeira onda é marcada por discussões internas, que visam entender a essência e o futuro do Movimento. Essa primeira onda, opondo-se à ditadura midiática-civil-militar era “antiautoritária” (FACCHINI, 2002). O Lâmpião da Esquina possui participação nessa primeira onda, ao divulgar os diferentes grupos brasileiros em suas páginas e, por usar seu alcance nacional ao informar, para fora do eixo Rio-São Paulo, sobre a organização política e social de homossexuais. Ainda não existia uma preocupação em siglas ou denominações mais inclusivas, entendia-se as diferentes experiências homoeróticas apenas a partir da figura do homossexual.

A segunda onda diz respeito a “institucionalização do movimento” (SIMÕES; FACCHINI, 2009, p. 14). O Lâmpião da Esquina já não circulava mais, a redemocratização e a epidemia do HIV–AIDS mudaram a relação do Movimento com o Estado e a sociedade. Se a primeira onda tinha como cerne uma postura “antiautoritária” (FACCHINI, 2002), por conta da ditadura midiática-civil-militar, a segunda onda começou a pensar junto ao Estado em estratégias combativas ao HIV-AIDS. A homofobia não havia sido superada, e por isso mesmo esse estreitamento

entre o Movimento, o Estado e a sociedade se fez necessário. Era necessário desestigmatizar a homossexualidade, associada diretamente ao HIV-AIDS. Assim, a terceira onda do Movimento culmina numa combinação entre militância e mercado. É o caso da sigla GLS (Gays, Lésbicas e Simpatizantes), situada já na terceira onda do Movimento, que se opõe às outras por sua origem mercadológica. Simões e Facchini (2009) explicam que,

A origem da sigla GLS está associada à primeira metade dos anos 1990 e ao jornalista André Fischer, carioca radicado em São Paulo, um dos principais idealizadores de eventos como o Mercado Mundo Mix ("feira moderna" que reúne expositores e público GLS) e o Festival de Cinema Mix Brasil da Diversidade Sexual, além do primeiro portal GLS brasileiro, o Mix Brasil, no ar desde 1994. (SIMÕES; FACCHINI, 2009)

Segundo Trevisan (2018), a sigla GLS expande o gueto a partir da ideia do simpatizante, ao mesmo tempo que a dubiedade do termo simpatizante podia criar "novos armários". Outros autores, como Simões e Facchini (2009), enxergam o GLS como o correspondente brasileiro ao norte americano *gay friendly*. "Na esteira do GLS, articularam-se em várias cidades, ainda que não de forma homogênea, novas identidades e expressões de estética, festa e consumo que retomaram o flerte com os estilos de vida associados à homossexualidade" (SIMÕES; FACCHINI, 2009, p. 148-149). O GLS associa-se, portanto, ao estilo de vida homossexual e, nesse ponto, militância e mercado confundem-se em vários momentos. Essa associação perdura até hoje, mesmo com a sigla GLS superada e considera reducionista. Ela foi o ponto de partida do que conhecemos hoje: uma convergência constante entre militância e consumo:

A efervescência do mercado voltada a atender os homossexuais fez surgir uma nova denominação: o mercado GLS (Gays, Lésbicas e Simpatizantes). Ao contrário da sigla LGBT, que se refere às identidades de gênero, a sigla GLS está atrelada às referências mercadológicas e também contempla aqueles que não são gays ou lésbicas, uma referência ao conceito de *gay-friendly*, criado nos Estados Unidos para denominar indivíduos e estabelecimentos comerciais que são afáveis e respeitosos ao comportamento de indivíduos homossexuais: um movimento de marketing realizado pelo idealizador da sigla, o jornalista André Fischer, em 1994, durante a primeira edição do Festival Mix Brasil de Cinema da Diversidade Sexual. (AMARAL, 2013, p. 93)

Esse resultado mercadológico se dá a partir dos desdobramentos das três ondas do Movimento Homossexual Brasileiro vistas em perspectiva. Homossexuais, lésbicas, bissexuais e transgêneros gradativamente se organizaram e saíram para

além dos guetos, buscando reconhecimento. A homofobia perpassou todas as ondas. Se a primeira era divisionista perante a esquerda, e imoral perante a direita, a segunda enfrentou a estigmatização da epidemia HIV-AIDS e a terceira buscou criar uma identidade a partir do posicionamento no mercado de consumo.

3.3 DA SIGLA LGBT ATÉ A TEORIA QUEER

Em 28 de junho de 1997, aconteceu a primeira Parada de Orgulho Gay de São Paulo. Em 2018 São Paulo sediou a Parada do Orgulho LGBT e outras capitais brasileiras, como por exemplo, Porto Alegre, que sediou Paradas *Livres* (grifos nossos). A mudança do uso do termo *gays* para os termos LGBT e *livres* não é uma coincidência ou uma mudança neutra. É notório, atualmente, que as diferenças de gênero e de sexualidades não se dão apenas a partir da figura homossexual/*gay*. Existem lésbicas, bissexuais e transgêneros (travestis e transsexuais), pessoas que querem se sentir representadas. Se nas primeiras ondas do então chamado Movimento Homossexual Brasileiro, mulheres lésbicas sentiam a necessidade de romper com os grupos homossexuais, atualmente existe a necessidade de uma identidade em comum, uma identidade LGBTQ. Segundo Rodrigues (2018, p. 4), “A questão da proliferação de identidades – e terminologias para estas – em diferentes culturas, exalta uma discussão sobre a globalização destas e as particularidades locais”.

Sobre a construção da sigla LGBT e seus desdobramentos, cabe ressaltarmos que:

A denominação LGBT aqui usada segue a fórmula recentemente aprovada pela I Conferência Nacional GLBT, referindo-se a lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transsexuais. Antes disso, o XII Encontro Brasileiro de Gays, Lésbicas e Transgêneros, de 2005, incluiu oficialmente o B de bissexuais e convencionou que o "T" referia-se a travestis, transsexuais e transgêneros. Embora, com a deliberação da I Conferência Nacional, a sigla LGBT venha predominando nos meios ativistas, ela eventualmente assume outras variantes, que invertem a ordem das letras (colocando o "T" à frente do "B"), duplicam o "T" (para distinguir entre travestis e transsexuais, por exemplo) ou acrescentam novas letras que remetem a outras identidades (como "i" de "intersexual" ou "Q" de "queer"). (SIMÕES; FACCHINI, 2009, p. 14 - 15)

É comum encontrarmos, portanto, as nomenclaturas LBTT (lésbicas, *gays*, bissexuais, travestis e transsexuais), LGBTQ (lésbicas, *gays*, bissexuais, transgêneros e *queer*) ou ainda LGBTQI+ (lésbicas, *gays*, bissexuais, transgêneros,

queer e intersexuais). Essas diferentes variações disputam espaço na militância, cabendo debates das suas reais efetividades e o quanto elas seriam, de fato, incorporadas fora dos ambientes acadêmicos ou militantes. A matriz segue sendo, portanto, a sigla LGBT, com uma adesão cada vez maior do Q de *queer*. De acordo com Rodrigues (2018, p. 5), “O ‘queer’, por exemplo, é fruto de uma recente apropriação linguística promovida por ativistas do movimento que não se identificam com nenhuma das identidades sociais vigentes.”

Segundo Amaral (2013, p. 50), “o sujeito queer tem como pressuposto o rompimento de paradigmas das representações do corpo e da sexualidade.” Butler (2018) busca constantemente questionar a construção desse “sujeito”, visto que a adesão do “sujeito” a categorias de gênero, por exemplo, se dá dentro de uma estrutura de poder heterossexual, a “matriz heterossexual” proposta por Butler (2018).

A apropriação de termos pejorativos, por sua vez, mostra-se um traço em comum às homossexualidades ao redor do mundo. Foi o caso do Lampião da Esquina ao resgatar os termos bicha, viado, boneca e outros e da etimologia do termo *queer*. Amaral (2013), explica que o termo,

[...] é de origem americana e tem a conotação pejorativa, pois significa estranho, esquisito, fora do comum, mas que nos estudos da sexualidade foram adotadas para designar a diversidade das identidades sexuais. Mesmo adotando um termo com significação pejorativa não seria um retrocesso aos avanços conquistados ao longo de vários anos pelos grupos organizados para o reconhecimento dos LGBTTT nos espaços sociais? Certamente que não, o termo mesmo sendo considerado ofensivo oferece um choque para o reconhecimento social, uma espécie de grito para a percepção desses sujeitos quanto à sexualidade. (AMARAL, 2013, p. 49)

Segundo Fidalgo (2013, p. 25): “o surgimento de correntes teóricas que estudavam o gênero começou na década de 1990”. Foi na década de 1990 que Butler trouxe à tona as especificidades culturais, socioeconômicas e raciais pelas quais a opressão e a construção do “sujeito” se davam. A dialética de Butler (2018) não pretende, necessariamente, buscar respostas. Interessa mais a ela tencionar o que está posto e buscar reflexões sobre isso, nesse caso sobre a construção do “sujeito” dentro das categorias de gênero por exemplo. Para Fidalgo (2013),

As Teorias Queer nascem no século XX, colocando em evidência questões referentes ao sujeito, à identidade e à identificação. Elas são iniciadas por meio de estudiosos como Eve Kosofsky Sedgwick e Judith Butler e sugerem que a orientação e a identidade sexual de um indivíduo é uma reflexão do que a sociedade construiu e que, a partir disso, não existem papéis sexuais,

ou de gênero, naturalmente humanos e, sim, maneirais sociais de expressar a sexualidade e vivenciá-la. (FIDALGO, 2013, p. 26)

As classificações que partem do binarismo homem e mulher, como *gay* e *lésbica*, por exemplo, podem em algum momento servir como instrumentos de opressão. Podemos usar, como exemplo disso, as teorias higienistas do século XIX, que pretendiam classificar as homossexualidades dentro do campo médico para, assim, propor prevenções e soluções. Supor os termos LGBTQs enquanto conceitos fechados, sem a fluidez proposta pela teoria *queer* pode ser mais uma estratégia de normatização e classificação. Portanto, se faz necessário “que modos alternativos de descrição estejam disponíveis dentro das estruturas de poder” (SALIH, 2015, p. 12). De acordo com Butler (2018),

A hipótese de um sistema binário dos gêneros encerra implicitamente a crença numa relação mimética entre gênero e sexo, na qual o gênero reflete o sexo ou é por ele restrito. Quando o *status* construído do gênero é teorizado como radicalmente independente do sexo, o próprio gênero se torna um artifício flutuante, com a consequência de que *homem* e *masculino* podem, com igual facilidade, significar tanto um corpo feminino como um masculino, e *mulher* e *feminino*, tanto um corpo masculino como um feminino. (BUTLER, 2018, p. 26)

Segundo Fidalgo (2013), ao se apropriar de termos até então negativos, como por exemplo, a palavra *bicha*, o *Lampião da Esquina* se relacionava com uma postura *queer*. Essa postura do *Lampião* se torna ainda mais marcante quando entendemos que o *queer*, em essência, é aquilo que não pretende ser assimilado, desviante por excelência (SALIH, 2015). Fidalgo (2013) ainda ressalta, sobre o uso do termo pelo *Lampião*,

[...] como uma forma de apropriação identitária e de resignificação da forma como a sociedade brasileira nomeia homoafetivos. Termos como este são vistos em todas as edições de *O Lampião*, e reiteram uma posição *queer* e de afirmação no discurso do jornal. (FIDALGO, 2013, p. 53)

Essa associação do *Lampião* com uma postura *queer* se dá devido ao posicionamento de vanguarda do jornal perante as homossexualidades. O *Lampião* não buscava normatizar as vivências homoeróticas, pelo contrário, buscava mostrar a sua diversidade. Logo, podemos vê-lo por uma perspectiva *queer*.

É verdade também que o *Lampião da Esquina* (1978) e a teoria *queer* (década de 1990), não foram contemporâneos. O *Lampião da Esquina* não bebeu, portanto, diretamente da teoria *queer* ou se inspirou diretamente nela. O jornal teve uma postura

que, anos depois, foi de certa forma esquematizada e tencionada pelos estudos *queers* e, hoje, pode ser visto dessa perspectiva. Segundo Salih (2015, p. 19), “a teoria queer surgiu, pois, de uma aliança (às vezes incômoda) de teorias feministas, pós estruturalistas e psicanalíticas que fecundavam e orientavam a investigação que já vinha se fazendo sobre a categoria do sujeito.” Ou seja, a teoria não inaugurou um comportamento, mas tencionou formas alternativas possíveis de construção do “sujeito” dentro dos sistemas de poder vigentes.

Essa assimilação entre o *Lampião da Esquina* e a teoria *queer* fica mais clara quando entendemos a postura libertária do jornal e o posicionamento fluído da teoria. Essas particularidades do jornal o tornam um objeto de estudo interessante. O *Lampião da Esquina* potencializou a primeira onda do Movimento Homossexual Brasileiro, servindo na divulgação dos grupos e promovendo um intercâmbio de ideias entre homossexuais de diferentes partes do Brasil. Fazia isso a partir de uma linguagem mais informal e resgatada dos guetos homossexuais, ou seja, tinha por excelência um posicionamento que, a partir da década de 1990, podemos classificar enquanto *queer*.

4 METODOLOGIA E ANÁLISE

Serão analisadas três capas do jornal *Lampião da Esquina* e as três respectivas reportagens principais de cada uma dessas capas. A escolha dessas publicações foi aleatória e pensada de forma que pudéssemos entender a evolução do jornal *Lampião da Esquina*. Portanto, compor o corpus da análise com três edições foi uma forma de dividir cronologicamente a vida útil do *Lampião* em início, meio e fim.

Por isso, foram selecionadas a edição experimental de abril de 1978, a edição número 22 de março de 1980 e a edição número 36 de maio de 1981. As reportagens principais de cada edição são, respectivamente: “*Celso Curi processado, mas qual é o crime desse rapaz?*”, “*Carnaval das bichas é o maior do mundo*” e “*A praça é das bichas*”.

Analisadas separadamente, as publicações nos mostram o posicionamento do jornal *Lampião da Esquina* naquele momento histórico e, comparadas entre si, dentro de uma cronologia, revelam a mudança ou a continuidade de posicionamentos editoriais do *Lampião*. Cada capa e reportagem serão analisadas a partir de dois aspectos: a) diagramação e b) produções de sentidos. A análise a partir da diagramação leva em conta o processo de montagem e aspectos técnicos que definiam a forma como o conteúdo era apresentado. Já a análise a partir das produções de sentidos leva em consideração a forma como o *Lampião* articulava o gênero nas suas capas e reportagens e o contexto histórico que pode ser evocado de cada uma das publicações. O jornal é visto aqui enquanto um registro histórico, nesse caso um registro histórico das questões relacionadas ao homoerotismo e às homossexualidades nas décadas de 1970 e 1980 no Brasil.

As três capas e as três reportagens, por sua vez, serão comparadas a partir de itens postos em quadros. O quadro com a comparação das capas e o quadro com a comparação das reportagens estão preenchidos e disponíveis, respectivamente, no final da análise da última capa e no final da análise da última reportagem.

4.1 ANÁLISE DA CAPA DA EDIÇÃO EXPERIMENTAL DO JORNAL LAMPIÃO DA ESQUINA (ABRIL DE 1978)

Figura 3 - Capa da edição experimental do Lampião da Esquina.



Fonte: Grupo Dignidade Disponível em <http://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>. Acesso em: 25 mar. 2019.

A capa da edição experimental do jornal *Lampião da Esquina* apresenta o jornal apenas enquanto *Lampião*, o complemento *da esquina* foi incorporado a partir da edição número 2. O cabeçalho da edição experimental era constituído pelo logo do jornal, alinhado à esquerda, seguido do nome *Lampião* em letras maiúsculas, com a informação do número de edição na margem superior esquerda. abaixo do título, e as informações de mês, ano e circulação postas na margem superior direita, abaixo do título, também.

A informação de circulação, inclusa na margem superior direita abaixo do título junto às informações de mês e ano, continha a frase “circulação restrita”. A partir da edição número 3 (julho e agosto de 1978), essa advertência mais sutil foi trocada pelo aviso claro “leitura para maiores de 18 anos”. Na edição experimental era necessário um olhar mais atento para entender sobre o que se tratava o *Lampião*, caso esse julgamento fosse feito apenas a partir da capa. Já era possível entender um jogo de imagens e palavras ao relacionar o título com o logo. A mensagem “circulação restrita” poderia ser interpretada como uma alusão ao público do jornal, ou seja, quem poderia ler ou não ou uma questão de tiragem e circulação do *Lampião da Esquina*. A partir do número 3 (julho e agosto de 1978) a informação “leitura para maiores de 18 anos” acabou com essas sutilezas de interpretações, uma vez que o *Lampião* já estava nas bancas e já se entendia sobre o que o jornal tratava, e qual era o seu tipo de conteúdo.

O espaço entre o cabeçalho e o restante da capa da edição experimental era delimitado por um fundo vermelho, onde foram dispostas cinco chamadas. A disposição das informações não era clara, ficou difícil entender onde começavam e onde terminavam cada uma das chamadas. Geralmente, não ficava explícito também a qual editoria cada uma daquelas chamadas pertencia, portanto, não se sabe apenas pela capa se uma determinada chamada constituía uma reportagem, um ensaio ou uma coluna de opinião. por exemplo.

Alinhada à esquerda, no topo da página, a manchete “*Homo Eroticus um ensaio de Darcy Penteado*” era uma exceção onde o formato do conteúdo ficava claro já na capa. A chamada principal foi diagramada em três colunas. Na coluna do meio foi disposto o texto “*Celso Curi processado. Mas qual é o crime deste rapaz?*”, nas colunas da esquerda e direita constavam fotos e ilustrações sem créditos de autoria. Essa reportagem podia ser considerada a principal porque, estava centralizada na capa da edição e era a única que usava de recursos gráficos para além do texto. As

outras três chamadas foram: “*Duelo de machões Nureyev VS Cássius Clay*”, “*Exclusivo Garcia Loca também assume*” e “*Uma noite no cinema Íris.*” Essas três chamadas também possuíam indicativos do teor do jornal para olhares mais atentos.

O uso da palavra *machões* e da frase *Garcia Loca também assume* podiam não passar despercebidos por quem entendia a ironia e os termos usados nos espaços de sociabilidade homossexual. O cinema *Íris a noite*, por sua vez, fazia parte da geografia carioca de sociabilidade homossexual. Esse conjunto de informações textuais (chamadas) e gráficas (logo) tornavam a capa da edição experimental discreta, mas nem um pouco enrustida.

Na parte inferior da capa, encontravam-se os nomes dos colaboradores daquela edição. A maioria fazia parte também do conselho editorial do *Lampião da Esquina*, apresentado nas primeiras páginas daquela mesma edição. Em 1978, o primeiro contato entre os leitores do *Lampião da Esquina* e o jornal, era a sua capa. Logo, era necessário que o jornal usasse de alguns recursos para chamar atenção; na edição experimental, esses recursos foram majoritariamente textuais. O único elemento gráfico que chamava atenção nessa capa era o logo do *Lampião da Esquina*. Tirando isso, o jornal usava elementos textuais para se destacar, como por exemplo, frisar nomes de profissionais respeitados intelectualmente na capa. A chamada “*Homo eroticus um ensaio de Darcy Penteado*” (grifo nosso) e citar nominalmente João Silvério Trevisan, Gasparino Damata, Francisco Bittencourt, Clóvis Marques, Iaponi Araújo, Adão Costa, Aguinaldo Silva e João Antônio Mascarenhas, são exemplos disso. Dessa forma, o *Lampião da Esquina* vinculava seus conteúdos a nomes respeitados, se colocando enquanto uma publicação de qualidade perante o público.

A tipografia usada nessa capa era simples, sem ornamentos ou adicionais gráficos (onomatopeias por exemplo). Os contrastes tipográficos se davam nessa capa por meio da cor (preto, branco e vermelho) e do tamanho (caixa alta e caixa baixa).

Esses profissionais eram também assumidamente homossexuais e isso era mais um indicativo, presente na capa, sobre o teor do conteúdo do jornal. No entanto, por todas essas indicações serem em sua maioria textuais, elas podiam passar despercebidas por muitas pessoas. Era necessário parar, ler e concatenar todas esses indicativos. Nessa capa não houve a exploração do corpo nu masculino ou feminino. A foto da coluna esquerda era da cintura para cima e o homem estava

vestido, as ilustrações da direita eram *close-ups* de rostos. Prevaleceu, nessa capa, aspectos menos eróticos e explícitos em detrimento de aspectos mais artísticos. Isso se deu devido o posicionamento inicial do Lampião, que era mais político e não utilizava representações de nudez para tal.

Notamos, portanto, que a capa da edição experimental do jornal Lampião da Esquina teve uma preocupação maior com o texto em detrimento da imagem. As poucas imagens eram em preto e branco e os outros contrastes se davam a partir das oposições das cores preto e vermelho.

No geral, a capa da edição experimental foi a apresentação do Lampião para o público. Ela foi discreta e explorou recursos textuais. As sobreposições entre imagens preto e branco, texto e um fundo vermelho tornavam a capa colorida, e isso também era um aspecto que destacava a publicação. Além disso, o jornal fez questão, em sua primeira capa, de associar seus conteúdos a profissionais respeitados e resgatar termos da linguagem homossexual e do gueto.

O logo do Lampião, por sua vez, transmitia o sentido dúbio e irônico da publicação. Construído a partir de figuras geométricas, é possível enxergá-lo por meio de suas duas metades. A metade superior representava um chapéu de couro nordestino, típico da indumentária dos míticos e masculinos cangaceiros. A metade inferior, por sua vez, era a representação de um rosto formado por um retângulo vertical arredondado na parte inferior (nariz), ladeado por duas bolas (os olhos). Esse rosto, portanto, era fálico.

4.2 ANÁLISE DA CAPA DA EDIÇÃO 22 DO JORNAL LAMPIÃO DA ESQUINA (MARÇO DE 1980)

Figura 4 - Capa da edição 22 do jornal Lampião da Esquina.



Fonte: Grupo Dignidade. Grupo Dignidade. Disponível em <http://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>. Acesso em: 25 mar. 2019.

O cabeçalho dessa edição era mais discreto em relação ao cabeçalho da edição experimental. O logo do Lâmpião da Esquina e o título do jornal foram diagramados nas mesmas posições e proporções usadas na outra edição. As informações de ano, número e circulação, no entanto, foram postas em uma arte gráfica parecida com uma etiqueta, posicionada abaixo do cabeçalho à direita.

O restante da capa foi bem delimitado a partir de retângulos horizontais e verticais com bordas externas e internas pretas. A foto em preto e branco de um homem fantasiado ocupava uma coluna e, ao lado, a manchete “*Carnaval das bichas é o maior do mundo*”. A manchete era alinhada à esquerda, com letras maiúsculas na cor branca e sobreposta em um fundo colorido laranja. O conjunto da foto, da manchete e da sobreposição ao fundo colorido era o que mais chamava atenção na capa, ocupando um espaço significativo da mesma. Ou seja, esse primeiro bloco de informações podia ser considerado o bloco principal, que indicava a reportagem de capa da publicação.

Abaixo disso, três retângulos horizontais foram usados para três diferentes manchetes, de cima para baixo lia-se: “*O travesti: este desconhecido*”, “*Buenos Aires: numa cidade em pânico, os gays resistem*” e “*Homens nus!*”. O recorte de uma ilustração ocupava o primeiro retângulo e avançava para o espaço da manchete principal, a ilustração era uma pessoa, contida por outras duas, com os braços erguidos e dizendo, a partir de um balão de fala: “*Geni é a mãe*”. Não ficava claro, apenas olhando a capa, se essa fala complementava alguma das quatro manchetes ou era uma quinta chamada. Ao lermos a edição, notamos que se tratava de uma coluna de opinião, ou seja, era uma quinta chamada de capa.

Cada uma das cinco manchetes de capa usou uma fonte diferente. A chamada “*O travesti: este desconhecido*” usou uma fonte fantasia com sombreados e uma sobreposição entre branco e preto. A manchete “*Buenos Aires: numa cidade em pânico, os gays resistem*”, por exemplo, usou letras capitulares bem ornamentadas nas palavras “Buenos Aires”, para um efeito estético diferenciado. A chamada “*Homens nus!*” foi escrita no imperativo, em letras maiúsculas e em negrito. Esses recursos foram usados para que essa manchete chamasse atenção, mesmo estando posta na parte inferior da capa.

As manchetes, a foto e a ilustração da capa não possuem nenhum crédito ou referência de editoria. Nessa capa, é possível notar um trabalho maior dentro das

possibilidades gráficas da época; foram usadas fontes diferentes, além do jornal explorar fotos e ilustrações. No entanto, as fontes tipográficas da capa não foram reproduzidas no conteúdo interno e isso é uma marca do trabalho manual de montagem e da sua menor reprodutibilidade.

A partir dessa capa, é possível também notarmos uma mudança de postura do jornal e o que ele prometia aos seus leitores. A manchete "*Homens nus!*" indica a presença desse conteúdo erótico no *Lampião da Esquina*, ao mesmo tempo em que o jornal começa a trabalhar visualmente corpos em sua capa, nessa ocasião, ainda vestidos.

Nessa capa, o *Lampião da Esquina* refere-se a travestis pelo artigo masculino, e isso foi uma marca histórica das décadas de 1970 e 1980, que foi reproduzida nas capas e nos conteúdos internos do *Lampião*. É marcante também a presença dos termos "bichas" e "gays" na capa, cabendo aqui uma observação. Ao se referir a uma festa e um contexto brasileiro (carnaval), o *Lampião* utilizou o termo "bichas", no entanto, e ao se referir a um contexto internacional (Buenos Aires) o jornal utilizou o termo *gays*. Esses dois termos, empregados na mesma capa e nessas condições, mostram que a escolha entre o resgate de uma nomenclatura homossexual ou o uso dos termos padrões sofria influências geográficas. Esse resgate e utilização de uma nomenclatura homossexual foi notado também nas reportagens e será mais explorado nos próximos capítulos.

Essa capa faz parte do segundo ano de veiculação do *Lampião da Esquina* e evidencia uma mudança quando comparada com a capa da edição experimental. Nessa capa, o *Lampião* desenvolve a parte visual em detrimento do texto. Se na capa experimental, nomes de profissionais foram usados para chamar atenção, nessa edição a promessa de *homens nus* nas páginas internas cumpriu essa mesma função.

4.3 ANÁLISE DA CAPA DA EDIÇÃO 36 DO JORNAL LAMPIÃO DA ESQUINA (MAIO DE 1981)

Figura 5 - Capa da edição 36 do jornal Lampião da Esquina.



Fonte: Grupo Dignidade. Disponível em <http://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>. Acesso em: 25 mar. 2019.

A edição 36 foi a penúltima edição do Lampião da Esquina, portanto, essa capa sintetiza alguns posicionamentos editoriais do jornal durante seu último ano de veiculação. Antes, no entanto, iremos nos ater a aspectos técnicos de diagramação.

Nessa capa, todas as informações técnicas de ano, número, data e circulação foram diagramadas no cabeçalho. Até mesmo o logo, que antes possuía o canto superior esquerdo apenas para ele, dividiu seu espaço com as informações de ano e número da edição. Ao diagramar todas essas informações no cabeçalho, sobrou mais espaço para o jornal aproveitar com manchetes e materiais gráficos.

A confusão gráfica que permeou as capas do Lampião da Esquina se repetiu nessa edição, mas de forma ainda mais caótica e colorida. Do topo esquerdo para o canto direito, foram postas três manchetes em cascata, eram elas: “*A praça é das bichas*”, “*Todos nus!*” e “*Paraplégicos também amam*”. Em referência à primeira manchete, havia do lado direito uma foto de três travestis com os seios à mostra. O Lampião da Esquina usou dois balões de fala para simular uma interação entre as personagens da foto e o público, como se aquela fosse uma articulação da personagem sobre a manchete. Num dos balões constava a frase: “*mas querem lotear a velha Tiradentes*” e no outro: “*e a nossa pegação, como é que fica?*”. A segunda manchete era complementada por uma ilustração dos rostos de três homens, incluindo o já conhecido cantor Ney Matogrosso, e um balão de fala que prometia “*mais 5 bofes*”. Todas essas informações estavam sobrepostas num fundo colorido laranja.

Já a manchete “*Paraplégicos também amam*” tinha como apoio uma caixa de texto vertical que dizia “*saiba como é a transa deles... e experimente*” e artes gráficas em formato de coração no entorno das informações. Ocupando um espaço significativo da capa, no canto esquerdo, o jornal comemorava três anos de circulação com a frase “*Lampião agora tem 3 anos*” e a imagem de três velas de aniversário com formato fálico e acessas.

Esse conjunto de escolhas gráficas nos mostra várias mudanças editoriais. Primeiro, uma prevalência das imagens e das ilustrações em detrimento do texto. Segundo, o tipo de imagem usada. O nu é explorado de forma explícita, sem nenhum tipo de censura. Vale lembrarmos que, nesse período, o Brasil vivia a sua abertura política pós ditadura midiática-civil-militar de 1964 e o Lampião da Esquina já competia

com publicações pornográficas. Essa mudança da postura do jornal perante a exploração da nudez é mais explorada no decorrer das análises das reportagens.

Por isso mesmo, nessa capa vemos um apelo comercial do jornal a partir da nudez, que virou manchete e diferencial. Diferencial visto que o *Lampião* anunciou na capa seus mais bonitos ou mais conhecidos modelos. Ou seja, era uma forma de mostrar para o público que o *Lampião* possuía algo que os outros não tinham. Se na edição experimental isso foi feito a partir dos renomados profissionais envolvidos, essa estratégia foi pensada a partir da exploração da nudez. Dessa forma, essa capa se mostrou mais apelativa, prometendo experiências aos seus leitores, fosse pela nudez apresentada ou os convidando para, após entender o sexo dos paraplégicos, o experimentar.

O resgate de uma nomenclatura homossexual se mostra forte, com a palavra “bicha” empregada na manchete. Vale ressaltarmos que essa manchete evidencia a geografia da sociabilidade homoerótica da cidade ao, categoricamente, dizer que a praça Tiradentes é das bichas. Esse tipo de geografia da sociabilidade homoerótica é presente até hoje nos centros urbanos, e é ignorada pela imprensa, mas o *Lampião* não ignorava. Nessa manchete, portanto, a palavra “bicha” não está sendo usada de forma pejorativa. As bichas aqui, são donas de um espaço, no caso a praça Tiradentes. Essa análise nos leva a refletir também que a nudez tem um apelo comercial, não pejorativo ou com objetivo de ridicularizar.

O trocadilho “*Lampião agora tem três anus*” revela o teor irônico que o jornal possuía, a dubiedade era uma marca da nomenclatura homossexual. É através dessas dubiedades e ironias que os homossexuais atacavam os armários e as morais e os bons costumes. As palavras homônimas “anus” e “anos” foram um prato cheio para que isso fosse posto em ação. As informações desenvolvidas aqui foram esquematizadas a partir do quadro a seguir:

Quadro 2 - Comparação das capas analisadas.

	Sobreposição de fundo colorido, texto e imagem	Utilização de texto em detrimento da imagem	Imagens de nu masculino e feminino	Uso de palavras e expressões de uma nomenclatura homossexual
Capa da edição experimental (abril de 1978)	X	x		X
Capa da edição 22 (março de 1980)	X			X
Capa da edição 36 (maio de 1981)	X		x	X

Fonte: O autor (2019).

4.4 ANÁLISE DA REPORTAGEM “CELSO CURTI PROCESSADO, MAS QUAL É O CRIME DESSE RAPAZ?”

A reportagem *“Celso Curi processado, mas qual é o crime desse rapaz?”* (ANEXO A), publicada na edição experimental do jornal *Lampião da Esquina* em abril de 1978, era sobre uma situação que se desenrolava desde 1976. Como citamos anteriormente, a partir de fevereiro de 1976, o jornalista passou a assinar diariamente a Coluna do Meio, um espaço dentro do jornal *Última Hora*, destinado ao público homossexual. Ou melhor, como iremos aferir a seguir, destinado ao público homossexual masculino. No mesmo ano, iniciou-se um processo judicial contra a Coluna, baseado no art. 17 da Lei de Imprensa – atentado a moral e os bons costumes. Em 1977, Celso Curi foi despedido e em abril de 1978 o *Lampião* estreou sua vida útil, de quatro anos e 41 publicações, falando sobre o caso.

O contexto homofóbico da época foi percebido na reportagem. A Coluna, segundo o processo instaurado, primeiro ofendia a moral e os bons costumes. Depois a questão passou a ser a “homossexualidade”, ou como era referido na época: o “homossexualismo” e a sua apologia. O processo demarcava uma oposição entre

“homossexualidade” e normalidade fortemente recusada pelo Lampião da Esquina. O Lampião entendia a Coluna enquanto uma inovação jornalística, uma quebra de tabu.

A reportagem começava a partir da página seis da edição experimental do jornal Lampião da Esquina e ia até a página oito. O sinal gráfico que marcava o fim da reportagem era a assinatura de João Silvério Trevisan e os créditos à Dimas Shtini pelas fotos. A falta de créditos observada na capa foi suprida no conteúdo interno do jornal. O texto era escrito sob a editoria de reportagem, sinalizada nas margens esquerdas superiores das três páginas. A manchete, no entanto, não condizia com a chamada de capa. Na capa foi posto *“Celso Curi processado, mas qual é o crime desse rapaz?”*, já na abertura de reportagem lia-se *“Demissão, processo, perseguições. Mas qual é o crime de Celso Curi?”*.

A diagramação da reportagem possuía uma espécie de cabeçalho onde o título, o *lead* e uma foto de Celso Curi foram distribuídos na horizontal e separados uns dos outros por linhas pretas. O restante do texto datilografado era diagramado em quatro colunas. Na página sete, também existia uma espécie de cabeçalho, onde o subtítulo *“Na defesa, as palavras do Ministro Baleeiro”*, ocupava uma coluna, e duas fotos de Celso Curi ocupavam, respectivamente, duas e uma coluna. Uma outra marca gráfica ocupava duas colunas nessa página, tratava-se do nome Curi Celso escrito em fonte fantasia, semelhante à fonte da marca Coca-Cola. Abaixo da brincadeira uma ironia: *“marca reg. de fantasia”*. Outra escolha editorial que chamou nossa atenção foi uma fala direta de uma fonte com mais de vinte linhas, ocupando duas colunas de texto. A fala foi de Luiz Gonzaga Modesto de Paula, advogado de Celso Curi. Na página oito, o Lampião da Esquina reproduziu uma Coluna do Meio. Era uma forma do leitor se apropriar do tema da reportagem, tendo contato com a Coluna de Celso Curi.

A reportagem possuía uma colunagem padrão, onde o texto era recortado e colado em quatro colunas. Entre o final de uma coluna e começo de outra, notamos espaços em branco, marcas do trabalho manual de recorte e colagem dos textos em chapas. As fotos ou reproduções gráficas eram todas preto e branco, o jogo de contrastes com fundos coloridos vistos nas capas não se repetiu nesse conteúdo interno.

Em alguns momentos, a reportagem optou pelo uso de adjetivos para qualificar e contextualizar o que era apresentado e as situações descritas. Usamos como

exemplo o trecho a seguir: “A 5 de fevereiro de 1976, começou a sair diariamente nas páginas do jornal Última Hora uma nova coluna de *cunho informativo, social e burlesco*” (LAMPIÃO, 1978, p.6 grifos nosso). Em outro momento da reportagem, o Lampião descreveu aspectos emotivos de Celso Curi, para, dessa forma, informar como a situação tratada na reportagem o afetava. “[...] Existe um ar de cansaço no rosto de Celso Curi, um ar de muitas batalhas. [...] Então Celso ri um riso de quem encara a fatalidade” (LAMPIÃO, 1978, p. 7-8). O uso desses adjetivos mostrava também o posicionamento do Lampião da Esquina perante os fatos. O objetivo da reportagem não era ser imparcial, mas sim denunciar o teor absurdo do processo movido contra a Coluna do Meio.

Outro ponto que nos permite inferir sobre esse posicionamento do Lampião da Esquina é a escolha de testemunhos e fontes para a reportagem. Foram usados testemunhos de leitores da Coluna do Meio que haviam enviado cartas para Celso Curi e testemunhos de travestis que foram entrevistadas pela equipe do Lampião em zonas de prostituição de São Paulo. As fontes escolhidas, por sua vez, foram o próprio Celso Curi e seu advogado. O inquérito judicial foi citado, mas o Lampião não procurou ouvir o Ministério Público para criar algum tipo de imparcialidade, visto que esse não era o objetivo da reportagem.

Os testemunhos colhidos para a reportagem, por sua vez, nos permitem entender a articulação de gênero presente no Lampião da Esquina. A palavra “viado”, por exemplo, foi usada de forma pejorativa em cartas destinadas a Celso Curi e reproduzidas na reportagem, como no trecho a seguir: “Viados escrotos, raça maldita. Vou acabar com vocês. Eu vomito quando penso em vocês” (LAMPIÃO, 1978, p. 6). Porém, em outro momento, o próprio Celso Curi usou esse termo sem a intenção pejorativa, mas apenas como forma de tratamento. Isso demonstra o resgate e a ressignificação de vocábulos ofensivos e do gueto.

O uso de homossexualismo, no entanto, foi corrente na reportagem. Esse termo foi usado pelo Lampião da Esquina, por Celso Curi, pelo Ministério Público e pelo advogado de Celso Curi, que foi fonte da reportagem. A significação disso, no entanto, é diferente entre cada um deles. O Lampião da Esquina, Celso Curi e seu advogado usaram com uma neutralidade, com a mesma intenção que usamos a palavra homossexualidade atualmente. Os documentos do Ministério Público, presentes no inquérito e reproduzidos na reportagem, usaram o termo com toda a carga pejorativa

e patológica que ele de fato mantinha. É feita uma oposição, nesse caso, entre homossexualismo e normalidade, ou entre homossexualismo e moral e bons costumes.

As travestis, por sua vez, foram referidas durante todo o texto pelo artigo masculino. A ideia de bissexualidade foi citada rapidamente quando a reportagem fez menção ao ativismo norte-americano e a sua luta a favor de homossexuais e bissexuais no exército. O gênero foi desenvolvido durante a reportagem a partir de uma matriz masculina, das figuras do homossexual e *do* travesti. Em certo momento, durante entrevista concedida ao Lampião e reproduzida na reportagem Celso Curi, diz que falava em nome dos travestis. Isso mostra qual era o protagonismo de gênero do então incipiente Movimento Homossexual Brasileiro e o porquê articulações de gênero serem feitas, naquela época, a partir de uma matriz hegemonicamente masculina.

Durante a reportagem, por exemplo, em nenhum momento foi feita alguma menção às lésbicas. Entende-se, portanto, que a Coluna do Meio, o Lampião da Esquina e o Movimento Homossexual eram destinados a homens homossexuais. As travestis foram incluídas, mas sua feminilidade não era totalmente reconhecida, visto que eram referidas no masculino. Eram apresentados os travestis, homens travestidos de mulher. As nuances e diferenças entre suas identidades de gênero e sexualidade não eram exploradas.

Em entrevista ao Lampião, que foi citada na reportagem, Celso Curi fez colocações interessantes sobre o Movimento Homossexual Brasileiro que estava, naquele momento, ainda se desenvolvendo: “[...] Mas quando me perguntam pelo movimento homossexual no Brasil, respondo que ele não existe. Existe é uma movimentação homossexual da boate para o táxi, do táxi para a sauna” (LAMPIÃO, 1978, p. 7). Essa fala de Celso Curi mostra uma diferença clara entre as concepções de movimento e mobilização social e sociabilidade e consumo. Atualmente essas ideias se confundem, mas ao lermos essa reportagem do Lampião da Esquina entendemos que esses aspectos eram vistos enquanto polos opostos na época. Em outro momento é possível reconhecer, em outra fala de Celso Curi para a reportagem, uma análise do Movimento Homossexual a partir de um recorte cultural e de classe. “[...] Depois, o brasileiro tem outros problemas prioritários. Mesmo buscando sua própria identificação, o homossexual tem que se cuidar para não perder o emprego” (LAMPIÃO, 1978, p. 7). Essa ideia posta por Celso Curi e reproduzida na reportagem

era semelhante ao julgamento das esquerdas da época perante o Movimento Homossexual, ou seja, a questão de classe em detrimento de articulações identitárias.

4.5 ANÁLISE DA REPORTAGEM “CARNAVAL DAS BICHAS É O MAIOR DO MUNDO”

A reportagem *“Carnaval das bichas é o maior do mundo”* (ANEXO B), publicada na edição 22 do jornal *Lampião da Esquina*, em março de 1980, fez um balanço dos desfiles e bailes de carnaval daquele ano. Além disso, trouxe o contexto histórico do carnaval e realizou críticas a partir de um viés de classe, raça e gênero. Foram denunciados os aspectos elitistas da festa popular e o exotismo projetado por heterossexuais sobre homossexuais durante as festividades.

A reportagem foi diagramada em quatro colunas, com um texto de abertura e sete subtítulos: *“Escolas de samba: ontem, hoje, amanhã”*, *“Uma viagem a Hollywood”*, *“Paulistinha: cuidado com a caretice”*, *“Enxutos: é pura exploração”*, *“O Rio amanheceu mijando”*, *“Na Bahia todo mundo gozou”* e *“O baile do preto e vermelho”*. Os textos foram assinados por Adão Acosta, Aguinaldo Silva, Dimitri Ribeiro, João Carlos Rodrigue e Paulo Emanuel. Adão Acosta e Aguinaldo Silva usaram em alguns textos as respectivas rubricas: A.A e A.S. Todos os textos formavam uma unidade, uma reportagem só. Assim como a reportagem de Celso Curi, o título interno era diferente da chamada de capa. No entanto, nesse caso, a diferença era sutil. Na capa lia-se *“O carnaval das bichas é o maior do mundo”* e na página de abertura da reportagem lia-se *“Carnaval das bichas: o maior do mundo”*. Notamos também que, nessa edição, a editoria reportagem foi pontualmente trocada pela editoria festim, uma referência clara ao tema tratado: o carnaval. O *Lampião*, portanto, possuía uma liberdade editorial que se evidenciava na linguagem e nas referências e brincadeiras propostas pelo jornal.

Nessa reportagem, o *Lampião* usou charges e fotos para trabalhar graficamente seu conteúdo e, além disso, notamos também a presença de publicidade. A primeira página da reportagem apresentava duas fotos, que ocupavam, respectivamente, duas e uma coluna. Eram fotos de corpo inteiro e tratando-se de carnaval, trabalhavam parcialmente a nudez. Na segunda página eram apresentadas mais duas fotos distribuídas em uma coluna cada e uma charge que ocupava duas colunas. Na terceira página, encontramos a foto de uma mulher, mais uma charge e mais uma publicidade.

Na quarta e última página havia duas charges que ocupavam o total de três colunas, a foto de uma travesti e mais publicidade. A foto principal que aparecia na primeira página da reportagem foi reproduzida no canto superior esquerdo de todas as outras páginas, como complemento à editoria festim. Os subtítulos eram bem marcados com caixas de contorno e a diagramação do conteúdo era mais clara, ficando evidente onde terminava essa reportagem e começava a próxima.

As seis fotos distribuídas na reportagem não possuíam legendas ou créditos de autoria, tratavam-se no geral de fotos em plano aberto de foliões fantasiados para os dias de folia do carnaval. Ou seja, era apresentada a nudez que a liberdade carnavalesca permitia aos seus foliões. Notamos aqui, portanto, uma nudez parcial sem exposição de seios, vaginas ou pênis. Na foto da última página nós inferimos tratar-se de uma travesti, visto que o conteúdo que sucedia e precedia a imagem era sobre a presença de travestis no baile do preto e vermelho. Diante a ausência de legendas, acabamos associando cada imagem ao conteúdo mais próximo a ela, visto que a proximidade de um título, um texto e uma imagem, forma um bloco de informação, uma unidade.

As quatro charges usadas na reportagem, no entanto, possuíam créditos. Todas eram assinadas pelo chargista Jevi, ao qual não foi feita nenhuma referência nos textos. Duas delas não usavam a linguagem oral, na primeira um homem fantasiado saltitava em um pula-pula com um muro no fundo. A expectativa de que ele pulasse o muro é quebrada quando o homem vira a esquina e deixa o pula-pula (de grande comprimento) para trás. Na outra, uma travesti bigoduda vestida de Carmem Miranda carrega um cesto cheio de pênis na cabeça e uma máscara na mão, para possíveis disfarces. Na primeira charge com fala o porteiro do baile dos enxutos, evento carnavalesco de notória frequência *gay* da época, perguntava a dois policiais que queriam entrar: “*Vocês são enrustidas?*”. Na última charge o estômago vazio de duas crianças era representado pela onomatopeia *ronc* e um casal de turistas reagia falando: “*Deve ser o grito de carnaval da população de baixa renda!*”. A mensagem das charges coincidia com alguns temas tratados na reportagem, como por exemplo: a liberdade sexual no carnaval versus os armários, ou seja, a hipocrisia dessa suposta liberação carnavalesca e a elitização dessa festa popular. As charges, portanto, cumpriram um papel comunicacional importante nessa reportagem.

As publicidades encontradas, por sua vez, eram das mais variadas: aulas de inglês, apelos ambientais, casas de *show* e pedidos de assinatura para o Lampião. Esses elementos gráficos não tinham a ver com a mensagem ou com o conteúdo do jornal, mas eram essenciais para que ele se mantivesse economicamente viável. O ponto notado por nós é que essa reportagem nos mostrou as duas principais formas de monetização do Lampião da Esquina: as assinaturas e a publicidade.

A ironia presente nas charges complementa a ironia dos textos, onde marcas orais da linguagem homossexual foram transcritas. Usamos como exemplo as “fantasias originalérrimas” (LAMPIÃO, 1980, p. 4) e o termo “exaaaaaaaustos” (LAMPIÃO, 1980, p. 7). Os superlativos e a extensão das vogais eram (e ainda são) marcas da comunicação oral homossexual, e o Lampião da Esquina não tinha problema algum em reproduzir nas suas páginas. Era, inclusive, uma forma de mostrar quem vazia e para quem era feito o jornal.

Além dessas marcas orais, a reportagem usou o termo “gueis”, uma grafia abasileirada para *gays*. Essa era uma estratégia do Lampião para popularizar o seu conteúdo e se fazer entender em todas as classes sociais, o uso de “gueis” tornou-se uma marca do jornal. O uso do termo se fazia ainda mais corrente quando o jornal tratava de pautas nacionais, como foi o caso dessa reportagem sobre o carnaval.

Os termos “bichas”, “putas”, “travestis”, “homossexuais”, “bonecas” e “entendidos” também foram usados durante os textos da reportagem. Todas essas palavras possuíam (e ainda possuem) uma carga pejorativa, que era totalmente subvertida pelo Lampião da Esquina. O jornal não se referia às bichas e bonecas, por exemplo, com a intenção de ridicularizar. Como já notamos anteriormente nas capas analisadas e na reportagem “*Celso Curi processado, mas qual é o crime desse rapaz?*” travestis eram, de forma geral, referidas pelo masculino. As lésbicas, por sua vez, foram rapidamente citadas uma única vez quando Paulo Emanuel escreveu sobre o público do carnaval soteropolitano e exemplificou: “homens aos pares e mulheres também, sem esquecer o já cansativo par heterossexual [...]” (LAMPIÃO, 1980, p. 6). Em outros momentos do texto, fontes ouvidas pelo Lampião se referem às mulheres enquanto “rachadas”. Vale lembrarmos que esse tipo de linguagem machista perpetuada por homens homossexuais foi um dos motivos dos rachs entre *gays* e lésbicas na primeira onda do Movimento Homossexual Brasileiro.

Essa reportagem, portanto, demonstrou dois traços marcantes do *Lampião*: a ironia e o resgate de uma nomenclatura homossexual. Além disso, podemos a partir dela inferir sobre a hegemonia masculina no contexto homossexual da época. Essa hegemonia é notada quando todo o referencial de homossexualidade evocado durante a reportagem foi feito a partir de figuras homossexuais masculinos e de travestis, na época referenciadas também pelo masculino. A representatividade lésbica foi quase nula nesse caso.

4.6 ANÁLISE DA REPORTAGEM “A PRAÇA É DAS BICHAS”

A reportagem “*A praça é das bichas*” (ANEXO C), publicada na edição 36 do jornal *Lampião da Esquina* em maio de 1981 (LAMPIÃO, 1981b) tratou sobre a história e decadência da praça Tiradentes, um ponto histórico do Rio de Janeiro e que na época de publicação do jornal era um ponto de sociabilidade homossexual. O texto resgatou a história da família Segretto, proprietária dos teatros da praça, e partiu de um gancho jornalístico: a Divisão de Controle de Diversões Públicas havia decretado a interdição dos teatros, pois eles encontravam-se com uma infraestrutura precária e insalubre. Ao longo do texto, o *Lampião da Esquina* acabou evidenciando a marginalização de homossexuais e travestis a partir da história da praça Tiradentes, que era malvista e temida pelo restante da cidade devido seu público regular de pobres, homossexuais e travestis.

Seguindo o padrão utilizado pelo jornal, a reportagem foi diagramada em 4 colunas, com um texto de abertura assinado por Antônio Carlos Moreira e dois subtítulos: “*Minha casa é um ladrilho*” de João Carlos Rodrigues, e “*Tudo começou com o Seu Paschoal*” de Regina Nobrega. Além disso, compuseram a reportagem um box (“*Corre que lá vem os home*”) de Antônio Carlos Moreira e uma entrevista (“*Gueifeira, Dellyrio...*”) com o agitador cultural Luis Garcia, mediada por Antônio Carlos Moreira e Dolores Rodrigues.

Assim como notamos na reportagem “*Carnaval das bichas é o maior do mundo*” o box, a entrevista e os textos formavam uma unidade, uma reportagem só. A diferença entre a chamada da capa e o título interno também foi notada nessa edição. A chamada “*A praça é das bichas*” foi substituída internamente por “*Tiradentes, sublime tentação.*” Essa imprecisão entre as chamadas e os títulos internos, vista em todas as reportagens que compõem o corpus da pesquisa, mostrou-se um traço do

Lampião da Esquina. O conteúdo foi diagramado sob a editoria reportagem, e notamos, novamente, uma disposição pouco clara das informações, onde cada subtítulo parecia o começo de um novo conteúdo. O fim da matéria é sinalizado pela troca da editoria “reportagem” pela editoria “tendências”, esse foi o aspecto gráfico que nos permitiu entender visualmente o final do conteúdo.

O Lampião usou fotos e destaques de texto para trabalhar graficamente seu conteúdo. Notamos também a diminuição da publicidade, na reportagem “*Carnaval das bichas é o maior do mundo*” (LAMPIÃO, 1980), onde encontramos cinco peças publicitárias distribuídas em quatro páginas. Já nessa reportagem encontramos três peças publicitárias distribuídas em quatro páginas. É válido lembrarmos que essa foi a penúltima edição do Lampião da Esquina e essa redução de publicidade nos evidenciou o histórico de diminuição de receita pelo qual o jornal passou.

Na primeira página da reportagem, uma foto da praça Tiradentes ocupava as duas colunas centrais, com um destaque de texto abaixo dela onde lia-se: “*Querem lotear a velha praça, o QG da marginalia*”. Nessa mesma página, a foto do arquiteto e fonte da matéria, Ítalo Campofiorito, ocupava a última coluna à direita. Na análise dessa reportagem, conseguimos descrever com maior precisão os lugares e pessoas retratadas nas imagens, pois, nessa edição todas fotografias possuíam legendas. O crédito de autoria das imagens, no entanto, continuava omissos. Na segunda página, uma foto da fachada do teatro São José ocupava as três colunas da direita e, abaixo dela, o box já citado e a propaganda de uma agropecuária dividiam o espaço com o texto restante.

Na terceira página, uma foto da fachada do Cine Marrocos ocupava as duas colunas centrais e duas peças publicitárias ocupavam uma coluna cada. O texto diagramado nessa página era constituído de trechos de músicas, relatos e anedotas separados por sinais gráficos. Na quarta e última página, uma foto de Paschoal Segretto, antigo proprietário dos cinemas da praça Tiradentes, dividia espaço com o texto diagramado em quatro colunas e com o box horizontal da entrevista com Luís Garcia que ocupava a metade inferior da página.

As imagens usadas na reportagem remetem aos lugares citados, às fontes consultadas e aos personagens históricos evocados. A nudez explícita da capa dessa edição não é reproduzida nessa reportagem. A nudez era usada, portanto, com viés comercial, como forma de chamar atenção e em editorias específicas para isso. O

conteúdo dessa reportagem se mostra, inclusive, o mais organizado jornalisticamente, comparado às outras reportagens do corpus da pesquisa. Temos títulos, fotos legendadas, contextualização histórica, fontes e entrevistas. Vemos nessa reportagem um amadurecimento de aspectos jornalísticos que se mostravam incipientes nas outras reportagens analisadas.

Os termos “travesti”, “bichas”, “bonecas”, “viados” e “gays”, que já foram encontrados nas outras reportagens analisadas, repetem-se nessa. Esse resgate de uma nomenclatura homossexual mostrou-se constante no *Lampião da Esquina*. Dois pontos que chamaram atenção foram: a rápida menção à prostituição feminina, o “trotoar” da época, e a presença de jornalistas mulheres nessa reportagem. Uma delas, Dolores Rodrigues, foi a única mulher fixa da equipe do jornal *Lampião da Esquina* e esse ponto foi, inclusive, trabalhado no documentário *Lampião da Esquina* (2016) onde Dolores contribuiu com depoimentos. Essa informação faz-se necessária, visto a hegemonia masculina na produção do jornal e no contexto homossexual da época. As informações desenvolvidas aqui foram esquematizadas a partir do quadro abaixo:

Quadro 3 - Comparação das três reportagens analisadas.

	Diagramação de textos e fotos	Diagramação de textos e fotos com suporte de: autoria e/ou legendas	Resgate de termos pejorativos e de uma nomenclatura homossexual	Exploração da nudez explícita ou parcial dentro das reportagens
Reportagem Celso Curi	X	X	X	
Reportagem Carnaval	X		X	X
Reportagem praça Tiradentes	X	X	X	X

Fonte: O autor (2019)

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Lampião da Esquina teve uma escala de distribuição nacional e pretendia romper com as representações pejorativas das homossexualidades na imprensa. Esse tipo de representação se estendia na imprensa alternativa e nos grandes jornais, que formavam a imprensa convencional. As homossexualidades, base do projeto do Lampião da Esquina, eram mal vistas pela direita e esquerda brasileiras que, por razões morais ou estratégicas, desaprovavam as experiências homoeróticas e organizações políticas e sociais sobre essa temática. Visto que grupos minoritários entraram, gradualmente, no espectro político da esquerda, uma análise rápida pode identificar o Lampião da Esquina como um jornal de esquerda. No entanto, frisamos que, em 1978, quando o Lampião foi lançado, existiam questões entre a direita, a esquerda e o Movimento Homossexual Brasileiro. A direita condenava moralmente o Movimento, ao passo que a esquerda o enxergava como um entrave para a luta maior de classes.

O Lampião da Esquina era impresso a partir do sistema de impressão *offset*, com montagem e diagramação feitas manualmente por duas pessoas em chapas de alumínio. O jornal aproveitava dessa montagem manual para diferenciar graficamente cada capa. Elas tinham em comum o cabeçalho e um fundo colorido que era sobreposto por fotos em preto e branco, chamadas e outros recursos gráficos (ilustrações, balões de fala etc.). A disposição das informações do cabeçalho nas capas do Lampião da Esquina não possuía um padrão, a despadronização é clara quando todas as capas são vistas lado a lado.

O resgate de uma nomenclatura homossexual era comum nas páginas do Lampião da Esquina, a linguagem do jornal era irônica e irreverente. Em alguns momentos, o Lampião abasileirava termos estrangeiros, como por exemplo, a palavra *gay*, que comumente era transcrita guei. O jornal queria se fazer entender em todas as classes sociais. A exploração da nudez no Lampião foi sendo desenvolvida a partir dos primeiros anos de veiculação do jornal. Isso, no entanto, não tornou o conteúdo menos jornalístico. Nesse ponto, discordamos de alguns autores que consideram o Lampião da Esquina pornográfico durante seus últimos anos de vida. A exploração da nudez foi uma forma de se manter no mercado editorial e o Lampião da Esquina continuou produzindo conteúdo jornalístico relevante até o fim.

É possível notarmos o quanto as capas do *Lampião da Esquina* passaram de um apelo textual para um apelo gráfico, e como o corpo foi sendo inserido na estética do jornal. Cabe também ressaltar a pouca reprodutibilidade de técnicas gráficas manuais que não eram replicadas no conteúdo interno do jornal, como por exemplo as fontes tipográficas diferenciadas das manchetes.

As imagens de nudez são encontradas na última capa analisada, época que o *Lampião* já havia mudado sua posição perante a exploração dos corpos. Foi no último ano de circulação do jornal que a representação dos corpos e do nu passou a ser comum nas capas do *Lampião da Esquina*.

A ideia dos papéis sexuais permeou os entendimentos populares sobre sexualidade, e pode ser resgatada das páginas do *Lampião* a partir das dualidades bofe e bicha e *butch/caminhoneira* e lésbica. O *Lampião da Esquina* foi parte ativa da primeira onda do Movimento Homossexual Brasileiro, servindo como canal de divulgação e comunicação entre grupos de afirmação homossexual de várias partes do Brasil. O Movimento Homossexual Brasileiro teve ainda mais duas ondas entre as décadas de 1980 e 1990. Em 1990 que surge a sigla GLS (*gays*, lésbicas e simpatizantes), com origem mercadológica, que foi atualizada pela atual sigla LGBTQ (lésbicas, *gays*, bissexuais, transgêneros e *queer*).

A partir das reportagens, podemos identificar aspectos interessantes sobre as articulações de gênero no Brasil daquela época. São exemplos disso: o resgate do *Lampião da Esquina* com termos até então pejorativos, como por exemplo “viado”; o uso do termo “homossexualismo” e a ideia arraigada na sociedade de homossexualidade enquanto imoralidade ou patologia. Identificamos também o começo do Movimento Homossexual Brasileiro, atravessado por questões de classe e a hegemonia masculina presente nas páginas do *Lampião da Esquina* e nas concepções de gênero.

Em 1990, surgem também os estudos *queer*, que questionam a construção dos sujeitos dentro de estruturas de poder heterossexual, tencionando a categorização rígida das experiências homoeróticas. Supor os termos LGBTQs enquanto conceitos fechados, sem a fluidez proposta pela teoria *queer*, pode ser mais uma estratégia de normatização e classificação. O termo “*queer*” foi apropriado da linguagem pejorativa norte-americana, ou seja, o resgate e ressignificação de termos é uma característica

das homossexualidades ao redor do mundo, seja nas páginas do Lampião da Esquina ou nos estudos *queer* da década de 1990.

Esse resgate feito no Lampião da Esquina, por sua vez, fez com que ele se aproximasse de uma postura *queer*. Essa associação se dá devido ao posicionamento de vanguarda do jornal perante as homossexualidades. O Lampião não buscava normatizar as vivências homoeróticas, pelo contrário, buscava mostrar a sua diversidade. Logo, podemos vê-lo por uma perspectiva *queer*.

O gênero, no entanto, era desenvolvido nas páginas do Lampião da Esquina a partir de uma matriz masculina. O homem homossexual era o referencial das homossexualidades, que eram desenvolvidas a partir de três figuras: *gay*, lésbica e travesti. Cabe lembrarmos que as travestis eram referenciadas na época pelo artigo masculino: os travestis. As nuances entre identidade de gênero e orientação sexual não eram desenvolvidas, visto que as travestis possuíam sua feminilidade preterida. Essa forma de articular o gênero fez parte do contexto histórico, no qual o Lampião estava inserido.

Além de retratar homossexuais em suas páginas, o Lampião da Esquina dedicou espaço também às mulheres, índios, negros, deficientes físicos e outras minorias. Das 41 capas do jornal, sete tratavam sobre algum desses temas com destaque principal. No entanto, o foco eram os homossexuais. As mulheres lésbicas eram minoria na produção do jornal, apenas a jornalista Dolores Rodrigues era fixa na equipe, e brevemente citadas nos conteúdos. A bissexualidade era pouco explorada no jornal. A sigla LGBTQ (lésbicas, *gays*, bissexuais, transgênero e *queer*) não existia e o Lampião da Esquina desenvolvia o gênero a partir dessa hegemonia homossexual masculina.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Carolina; REZENDE, Renata. Análise de conteúdo dos editoriais do jornal *Lampião da Esquina*. In: DIVISÃO TEMÁTICA JORNALISMO, DA INTERCOM JÚNIOR – VII JORNADA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM COMUNICAÇÃO - XXXV CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 35., 2012, Fortaleza. **Anais** [...]. Fortaleza: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2012. p. 01 - 15. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/sis/2012/resumos/R7-2643-1.pdf>>. Acesso em: 16 mar. 2019.
- AMARAL, Muriel Emídio Pessoa do. **Representação do Corpo Masculino**: relações de imagem, identidade e cultura sobre o corpo masculino no jornal *Lampião da Esquina* e na revista *Junior*. Orientador: Cláudio Bertolli Filho. 2013. 193 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Bauru, 2013. Versões impressa e eletrônica. A versão eletrônica com texto completo. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/89374/amaral_mep_me_bauru.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 17 mar. 2019.
- AMARAL, Muriel; BERTOLLI, Claudio. “Qual é o crime desse rapaz?”: resistência e discurso no jornal *Lampião da Esquina*. **Estudos em Comunicação**, [s.l.], v. 18, n. 2, p.53-76, maio 2015. Disponível em: <<http://ec.ubi.pt/ec/18/pdf/n18a04.pdf>>. Acesso em: 08 mai. 2019
- ANTUNES, Ricardo; RIDENTI, Marcelo. Operários e estudantes contra a Ditadura: 1968 no Brasil. **Mediações - Revista de Ciências Sociais**, Londrina, v. 12, n. 2, p.78-89, jul-dez. 2007. Semestral. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/3319/2719>>. Acesso em: 08 mai. 2019.
- BANDEIRA, Marcio Leopoldo Gomes. **SERÁ QUE ELE É?**: Sobre quando *Lampião da Esquina* colocou as Cartas na Mesa. Orientadora: Denise Bernuzzi de Sant’Anna. 2006. 129 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006. Versões impressa e eletrônica. A versão eletrônica com texto completo. Disponível em: <<https://tede.pucsp.br/bitstream/handle/12924/1/Marcio%20Leopoldo%20Gomes%200Bandeira.pdf>>. Acesso em: 06 abr. 2019.
- BECKER, Maria Lúcia. Mídia alternativa: antiempresarial, anti-industrial, anticapitalista? In: GT DE HISTÓRIA DA MÍDIA ALTERNATIVA V CONGRESSO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 5., 2007, São Paulo. **Anais** [...]. São Paulo: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2007. p. 1 - 15. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/outros/hmidia2007/resumos/R0186-1.pdf>>. Acesso em: 08 mai. 2019.
- BRASIL. Lei nº 5.250, de 9 de fevereiro de 1967. Regula a liberdade de manifestação do pensamento e de informação. Brasília, DF: Presidência da

República, 1967. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l5250.htm. Acesso em: 14 abr. 2019.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 16. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018. 288 p.
CECCARELLI, Paulo Roberto; FRANCO, Samuel. Homossexualidade: verdades e mitos. **Revista Bagoas: Estudos gays, gênero e sexualidades**, [s.l.], v. 4, n. 5, p.119-130, nov. 2012. ISSN: 2316-6185. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2315/1748>>. Acesso em: 22 mai. 2019.

CLASTRES, Pierre. O arco e o cesto. *In*: CLASTRES, Pierre. **A Sociedade contra o Estado: Pesquisas de Antropologia Política**. Tradução de Theo Santiago. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves, 1978. p. 71-89.

FACCHINI, Regina. **Sopa de letrinhas?: movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90: um estudo a partir da cidade de São Paulo**. 2002. 241 f. Orientadora: Maria Filomena Gregori. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Departamento de Antropologia Social, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002. Versões impressa e eletrônica. A versão eletrônica com texto completo. Disponível em: <<http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/282012>>. Acesso em: 21 mai. 2019.

FIDALGO, Maycon. A Identidade Queer no jornal O Lâmpião da Esquina:: Uma análise de conteúdo temática sobre homofobia e representação de grupos estereotipados, no âmbito das questões identitárias, *queer* e contra-hegemônicas. Orientadora: Sofia Zanforlin. 2013. 117 f. TCC (Graduação em Comunicação Social) - Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2013. Versões impressa e eletrônica. A versão eletrônica com texto completo. Disponível em: <<https://repositorio.ucb.br/jspui/bitstream/10869/4806/1/Maycon%20Fidalgo.pdf>>. Acesso em: 17 mar. 2019.

FRY, Peter; MACRAE, Edward. **O que é homossexualidade**. São Paulo: Abril Cultural e Editora Brasiliense (coleção Primeiros Passos), 1985.

GOSS, Karine Pereira; PRUDENCIO, Kelly. O conceito de movimentos sociais revisitado. **Em Tese**, Florianópolis, v. 1, n. 2, p.75-91, jan-jul. 2004. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/13624>>. Acesso em: 21 mai. 2019

GREEN, James. **Além do carnaval – a homossexualidade masculina no Brasil no século XX**. Tradução: Cristina Fino e Cássio Arantes Leite. São Paulo: Editora Unesp, 2000a.

_____. “Mais amor e mais tesão”: a construção de um movimento brasileiro de gays, lésbicas e travestis. **Cadernos Pagu**, [s.l.], v. 15, n. 1, p.271-295, jun. 2000b. Disponível em:

<<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8635596/3367>>. Acesso em: 17 mar. 2019.

_____. A luta pela igualdade: desejos, homossexualidade e a esquerda na América Latina. **Cadernos AEL: Homossexualidade, sociedade, movimento e lutas**, Campinas, v. 10, n. 18/19, p.13-43, jan-dez. 2003a. ISSN: 1413-6597. Disponível em: <<https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/ael/issue/view/149/showToc>>. Acesso em: 17 mar. 2019.

_____. O Pasquim e Madame Satã, a "rainha" negra da boemia brasileira. **Topoi, Rio de Janeiro**, v. 4, n. 7, p.201-221, dez. 2003b. ISSN 2237-101X. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S2237-101X2003000200201&script=sci_arttext>. Acesso em: 08 mai. 2019.

GREGOR, Thomas. **Mehináku: o drama da vida diária em uma aldeia do Alto Xingu**. São Paulo: Brasiliense, 1982. Tradução: Vera Penteado Coelho.. Disponível em: <<https://bdor.sibi.ufrj.br/bitstream/doc/422/1/373%20PDF%20-%20OCR%20-%20RED.pdf>>. Acesso em: 15 mai. 2019.

GRUPO Gay Da Bahia (Bahia). **MORTES VIOLENTAS DE LGBT NO BRASIL RELATÓRIO 2017**. [s.l.]: Grupo Gay da Bahia, 2017. 27 p. Disponível em: <<https://homofobiamata.files.wordpress.com/2017/12/relatorio-2081.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2019

KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa**. 2. ed. [s.l.]: Edusp, 2001. ISBN 85-85328-14-2.

LAMPIÃO da Esquina. Rio de Janeiro, abr. 1978. Disponível em: <<http://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2019/04/01-LAMPIAO-EDICAO-00-ABRIL-1978.pdf>>. Acesso em: 25 mar. 2019.

_____. Rio de Janeiro, nov. 1979. Disponível em: <http://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>. Acesso em: 25 mar. 2019.

_____. Rio de Janeiro, mar. 1980. Disponível em: <http://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>. Acesso em: 25 mar. 2019.

_____. Rio de Janeiro, fev. 1981a. Disponível em: <http://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>. Acesso em: 16 abr. 2019.

_____. Rio de Janeiro, fev. 1981b. Disponível em: <http://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>. Acesso em: 16 abr. 2019.

LINS, Regina Navarro. Homossexualidade. *In*: LINS, Regina Navarro. **A cama na varanda: arejando nossas ideias a respeito de amor e sexo**. Novas tendências: edição revista e ampliada. 9. ed. Rio de Janeiro: Best Seller, 2014. p. 263-310

MALACHIAS, Manuela Parisi; BEDIN, Mariana de Andrade. Humor Engajado: Charges do jornal O Pasquim no período da Ditadura Militar no Brasil. *In*: XVII CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUDESTE –, 17., 2012, Ouro Preto. **Anais [...]**. Ouro Preto: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2012. p. 1 - 15. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/PAPERS/REGIONAIS/SUDESTE2012/resumos/R33-1499-1.pdf>>. Acesso em: 10 abr. 2019.

MARIUSSO, Victor Hugo da Silva Gomes. " Prendam, matam e comam os travestis": a imprensa brasileira e seu papel na exclusão da população lgbt (1978-1981). **Albuquerque: Revista de História**, [s.l.], v. 7, n. 13, p.44-61, jan-jun. 2015. ISSN: 2526-7280. Disponível em: <<http://www.seer.ufms.br/index.php/AlbRHis/article/view/2961/2381>>. Acesso em: 08 mai. 2019

MISKOLCI, Richard. San Francisco e a nova economia do desejo. **Lua Nova**, São Paulo, v. 91, n. 1, p.269-297, jan- abr. 2014. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=67331154010>>. Acesso em: 08 mai. 2019.

NASCIMENTO, Andrew Feitosa do; NETO, Miguel Rodrigues de Sousa. O surgimento dos grupos homossexuais no brasil contemporâneo. *In*: III CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA DA UFG/ JATAÍ: HISTÓRIA E DIVERSIDADE CULTURAL, 3., 2012, Jataí. **Anais [...]**. Jataí: Ufg, 2012. p. 1 - 13. Disponível em: <[http://www.congressohistoriajatai.org/anais2012/Link%20\(56\).pdf](http://www.congressohistoriajatai.org/anais2012/Link%20(56).pdf)>. Acesso em: 08 mai. 2019.

VIANA, Nildo. O conceito de movimentos sociais *In*: VIANA, Nildo. **Os movimentos sociais**. 1 ed. Curitiba: Editora Prismas, 2016. p. 21-48 ISBN 978-85-5507-243-7

OLIVEIRA, Gláucia da Silva Destro de. Construção, negociação e desconstrução de identidades: do movimento homossexual ao LGBT. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 34, n. 1, p.377-381, jan-jun. 2010. ISSN 0104-8333. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-83332010000100015&script=sci_arttext>. Acesso em: 08 mai. 2019.

PERUZZO, Círcia Maria Krohling. Revisitando os conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária. *In*: XXIX CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO – UNB, 29., 2006, Brasília. **Anais [...]**. Brasília; Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2006. p. 1-17. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/busca.html?query=revisitando+o+s+conceitos>>. Acesso em: 08 mai. 2019.

RODRIGUES, Vinícius Cainã Silva. DE HOMOSSEXUAL A QUEER: O MOVIMENTO LGBT E A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES “GLOBAIS”. *In*: CONQUEER: CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DE ESTUDOS QUEER, 1., 2018,

Aracaju. **Anais** [...]. Aracaju: Ufs, 2018. p. 1 - 9. Disponível em: <http://www.editorarealize.com.br/revistas/conquer/trabalhos/TRABALHO_EV106_MD1_SA4_ID198_15032018235533.pdf>. Acesso em: 08 mai. 2019.

ROSSI, Pedro et al. G1 explica a inflação. **G1**. São Paulo, 2013. Economia, Disponível em: <<http://g1.globo.com/economia/inflacao-como-os-governos-controlam/platb/>>. Acesso em: 18 mai. 2019.

SALIH, Sara. **Judith Butler e a teoria queer**. Tradução e notas: Guacira Lopes Louro. Belo Horizonte: Autêntica, 2015. 235 p.

SCHULTZ, Leonardo; BARROS, Patrícia Marcondes de. O lampião da esquina: discussões de gênero e sexualidade no Brasil no final da década de 1970. **Revista de Estudos da Comunicação**, Curitiba, v. 15, n. 36, p.49-63, jan-abr. 2014. ISSN: 1518-9775. Disponível em: <<https://periodicos.pucpr.br/index.php/estudosdecomunicacao/article/view/22452/21542>>. Acesso em: 09 mai. 2019

SECRETARIA Especial De Comunicação Social. **Imprensa alternativa: apogeu, queda e novos caminhos**. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 2005.

SILVA, Juremir Machado da. **1964 - Golpe Midiático-Civil-Militar**. Porto Alegre: Sulina, 2014.

SIMÕES JÚNIOR, Almerindo Cardoso. **'...E havia um lampião na esquina'- Memórias, identidades e discursos homossexuais no Brasil do fim da ditadura. (1978-1980)**. Orientadora: Lucia Maria Alves Ferreira. 2006. 136 f. Dissertação (Mestrado em Memória Social) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006. Versões impressa e eletrônica. A versão eletrônica com texto completo. Disponível em: <<http://livros01.livrosgratis.com.br/cp002474.pdf>>. Acesso em: 08 mai. 2019.

SIMÕES, Júlio Assis; FACCHINI, Regina. **Na trilha do arco íris: do movimento homossexual ao LGBT**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo (coleção História do Povo Brasileiro), 2009. ISBN: 978-85-7643-051-3.

SOARES, Bruno Brulon. Os homossexuais na história: relações de poder e a classificação do gênero na historiografia contemporânea. In: XXIX SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 29., 2017, Brasília. **Anais** [...]. Brasília: Unb, 2017. p. 1 - 17. Disponível em: <http://www.snh2017.anpuh.org/resources/anais/54/1502143042_ARQUIVO_Oshomossexuainahistoria_ANPUH_07.08.2017.pdf>. Acesso em: 08 mai. 2019.

SOARES, Gláucio Ary Dillon. A Censura Durante o Regime Autoritário. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 10, p.1-21, jan-jun. 1989. Disponível em: <<http://anpocs.org/index.php/publicacoes-sp-2056165036/rbcs/227-rbcs-10>>. Acesso em: 22 mai. 2019.

SOUSA NETO, Miguel Rodrigues de. Movimento gay e imprensa homossexual no Brasil contemporâneo: o Lâmpião da Esquina (1978-1981). In: XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 27., 2013, Natal. **Anais** [...]. Natal: Anpuh, 2013. p. 1 - 15. Disponível em: <http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364954035_ARQUIVO_Movim entogayeimprensanoBrasilcontemporaneo-MiguelRodriguesdeSousaNeto.pdf>. Acesso em: 09 mai. 2019.

TREVISAN, João Silvério. Devassos no paraíso. 4. ed. revista, atualizada e ampliada. São Paulo: Objetiva, 2018.

VULLYAMI, Ed. Quem realmente matou Pier Paolo Pasolini. **Folha de São Paulo**. São Paulo, ago. 2014. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2014/08/1507499-quem-realmente-matou-pier-paolo-pasolini.shtml>. Acesso em: 31 mar. 2019

FILMOGRAFIA

A Liga: Prostituição, direção: Dida A. Silva, Rio de Janeiro, realização: Cuatrocabezas e Rede Bandeirantes, 2010. disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MOPiLvclOE8>. Acesso em: 04 mai. 2019.

HUNTING Season, direção, roteiro e produção: Rita Moreira. [Estado Unidos da América], 1988. (00:24:06). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=rjan_Yd0C5g. Acesso em: 28 abr. 2019

LÂMPIÃO da Esquina. Direção e Roteiro: Livia Perez. Produção: Canal Brasil e Doctela. Elenco: Aguinaldo Silva, João Silvério Trevisan, Leci Brandão, Ney Matogrosso e outros. [São Paulo]: CineSesc, 2016. (1h22min)

LGBTs no Regime Militar: as mídias alternativas, produção: Marcos Targino, [São Paulo], TV USP (Universidade de São Paulo), 2018. (00:05:42) Disponível em <https://jornal.usp.br/tv-usp/na-ditadura-midias-alternativas-quebraram-tabus-sobre-lgbts/> Acesso em: 19 mai. 2019

Profissão Repórter Reportagem Especial: Prostituição Masculina, direção: Marcel Souto Maior, Rio de Janeiro, realização e produção: Central Globo de Jornalismo, 2010. disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=L0Wscr7w6CQ> Acesso em: 04 mai. 2019.

ANEXO A – Reportagem “Celso Curi processado. Mas qual é o crime deste rapaz?”

REPORTAGEM

Demissão, processo, perseguições. Mas qual é o crime de Celso Cúri?

Colunista mais lido da Última Hora de São Paulo, responsável direto pelo aumento de vendagem do jornal, Celso Curi, o rapaz da “Coluna do Meio”, foi demitido em novembro de 1977 sob o pretexto de “contenção de despesas”. A demissão, na verdade, era apenas mais uma etapa da campanha contra o jornalista que ousou transformar em assunto diário do jornal um tema até então considerado tabu: o homossexualismo. Por causa disso ele também foi incurso no Art. 17 da Lei de Imprensa — “ofender a moral e os bons costumes” — e, processado, poderá ser condenado a um ano de prisão.

“O Papa diz que é pecado. Os anjos não dizem amém.” (Celso Curi)



A 5 de fevereiro de 1976, começou a sair diariamente nas páginas do jornal paulista Última Hora uma nova coluna de cunho informativo, social e burlesco. O nome, com muito humor, foi emprestado da lãteria esportiva: Coluna do Meio. Seu autor, um jovem jornalista chamado Cel Curi, brincava com personagens de criação própria, contava piadas, noticiava acontecimentos sociais ou não e publicava um Correo Elegante. Uma particularidade, entretanto, tornava a Coluna um fato inusitado na história da imprensa brasileira: era dirigida aos homossexuais. De 30 a 40 cartas diárias passaram a chegar à Coluna, vindas de todas as partes do país. Algumas para o Correo Elegante. “Sou loiro, olhos azuis, 1m70 de altura, 65 quilos, 33 anos, inteligente, culto, desinibido, rico, adoro festas e outros babados. Desajaria corresponder-me com adolescentes morenos, bronzeados, olhos verdes, bonitos, inteligentes (não precisam ser cultos), para simples amizade ou futuro compromisso. Fotos de corpo inteiro na primeira carta. (Dondoca da Zona Sul).” Outras de solidariedade. “Queremos expressar nossa imensa satisfação a este prestigioso e pioneiro jornal, pela criação da Coluna do Meio. Era o que faltava. Afinal, não somos marginais nem doentes como muitos querem.” Ou enviavam opiniões várias. Queremos aproveitar para expressar, através desta coluna nossa profunda admiração pelos homens de fogo (bombeiros) e policiais rodoviários. Como são maravilhosos e dedicados no atendimento ao público. Os primeiros em seus carros vermelhos, singrando as ruas com suas sirenes gritando furiosas e excitantemente. E os segundos? Nunca vi tanta delicadeza e atenção! Às vezes agradecemos. “Trabalho comercialmente, lido com muitas pessoas, a princípio eles ficam meio sem jeito, mas depois se acostumam, mas nunca dão-me o respeito, o valor e a consideração que quero, todos querem saber se sou homem ou mulher, enfim eu não ligo, mas sinto-me infeliz. Assim eu cheguei até sua Coluna do Meio, a princípio eu não acreditei que fosse verdade, pois nunca pude pensar que a sociedade nos desse um meio de comunicação; li uma vez, duas, dez vezes e agora acho que é uma realidade, por isso eu o estimo muito, mesmo sem conhecê-lo, pois teve a coragem de ser o primeiro, eu penso, em abrir uma porta para nós na sociedade e ainda, pude compreender que não sou sozinha no mundo; o meu mundo tem muitos viventes, lindos, inteligentes, respeitáveis e adorados pela sociedade.” Ou eram cartas de admoestação. “Tome mais

cuidado com seus escritos. Você é um dia vai ter que prestar contas a alguém.” Ou partiam para a agressão direta. “Viados escrotos, raça maldita. Vou acabar com vocês. Eu vomito quando penso em vocês.” Além das cartas, havia também os telefonemas. E gente que ia à redação para pedir conselhos — como um adolescente que lá apareceu durante semanas, apaixonado e rejeitado por um homem muito mais velho. A coluna respondia, no mesmo ritmo: “Essa rubrica é dirigida principalmente ao William, que quer se encontrar com Cláudio, mas que não mandou endereço. Escreva novamente, tá?” Ou passava acontecimentos sociais. “Thânia Starr, Miss Mundo das Bonecas, está convidando os interessados para sua grande promoção que irá acontecer no dia 22. Será o primeiro Baile dos Enxutos do Litoral Santista. Thânia (foto) está prometendo 1.000 bonecas na passarela, preparadas para o que der e vier.” Reproduzia uma foto de homossexuais ingleses e traduzia o cartaz: “Liberdade para os homossexuais — homens e mulheres — para mostrar afeto em público.” Protestava. “Chega de sensacionalismo! Os crimes passionais, quando acontecem no mundo homossexual, tomam um corpo inacreditável. Logo chamam os protagonistas de anormais. E nunca por causa do crime, e sim por suas atividades sexuais.” Publicava entrevistas: “Francarlos Reis, o que você acha da prostituição masculina? F.R. — Eu sou a favor de tudo. Cada um sabe onde aperta seu sapato. Se um quer receber e o outro tem para pagar? Viva a vida! “E quanto à legalização do casamento? F.R. — Casamento é uma grande besteira. Essa instituição já não funciona entre os heterossexuais, então por que lutar por uma coisa que já

está podre? “O que acha desta coluna? F. R. — Ela é um bom sinal para o Brasil. É sinal de que ainda há esperança.” Publicavam-me também as frases do dia, um dos grandes sucessos da Coluna: “Quem dá aos pobres, empresta a Deus. (Baby Piolin)”. “Gracias a la vida que me ha dado tantos. (Morrocha Martinez)”. “Antes mal acompanhada do que só (Doutá Darling)”. “O homem que diz dou, não dá. Porque quem dá mesmo, não diz. (Viniçius de Moraes)”. “Todo leão tem seu dia de angorá (Silvia Pá)”. Celso Curi tornou-se uma celebridade quase da noite para o dia. Nenhuma festa chique acontecia em São Paulo sem que ele fosse convidado. Especialmente tratando-se de festa entendida. “Na minha coluna, machões não têm vez. Só se forem muitos bonitos. Daí a gente bota lá, só pra ser admirado. Como homem-objeto, entende?” Até a revista Mad (edição em português) entrou na onda. No seu número 22, estampava na última capa a pergunta: “Qual é a coluna que tem forçado a barra para resolver o problema da superpopulação?” Dobrando-se a capa em lugares indicados, surgiam dois homens prestes a se beijarem e a resposta, em acróstico: “A Coluna do Meio”. Como o próprio Celso diz, foi depois da Coluna do Meio que a imprensa começou a se abrir para falar de homossexualismo, descobrindo que o homossexual também pensa e anda, como qualquer outro ser humano”. A revista Isto É chegou a publicar matéria de capa sobre o “Poder Homossexual”: surgiu mais um tema para dar ibope. Enquanto isso, o número de leitores da Última Hora triplicou, e um admirador de Florianópolis comunicava: “Basta dizer que ao meio-dia já não existe mais o jornal porque a turma se encarrega de fazer a limpeza nas bancas”. Com altos e baixos, a Coluna

perseguir por mais de um ano. Até que a partir de novembro de 1977, os personagens Dodó Darling, Izildinha a Sabichona, Baby Portland e Morocha Martinez deixaram de circular Celso Curi foi despedido da Última Hora; segundo consta, o jornal passava por violenta crise financeira e reduziu o pessoal da redação. Coincidentemente, nessa mesma época noticiava-se a segunda audiência de um processo até então quase desconhecido: desde outubro de 1976, o Ministério Público do Estado de São Paulo apresentava denúncia contra o autor da Coluna do Meio, como incurso no artigo 17 da Lei número 5.250 (Lei de Imprensa). “Artigo 17: Ofender a moral e os bons costumes. Pena: detenção de 3(três) meses a 1(um) ano e multa de 1(um) a 20 (vinte) salários-mínimos da região”. Em carta ao diretor-geral da Polícia Federal em Brasília, o superintendente do Departamento Regional de São Paulo acusava a Coluna de “promover a licença de costumes e o homossexualismo especificamente”. E o promotor público designado para o processo comunicava ao Juiz de Direito da 14ª Vara Criminal que o denunciado ofendeu, “de modo contínuo, no período compreendido entre 5 de fevereiro e 18 de maio de 1976, a moral pública e os bons costumes” na coluna do Meio, “cujo nome não deixa dúvidas quanto ao assunto tratado, o homossexualismo que é claramente exaltado, defendendo-se abertamente as uniões anormais entre seres do mesmo sexo, chegando inclusive a promovê-las através da seção Correo Elegante. Alguns textos da Coluna do Meio foram selecionados e apresentados pela promotoria como peças de acusação; entre eles: notíciã sobre homossexuais da Inglaterra e Estados Unidos; transcrição de uma entrevista do soldado americano Nel B. Thomas, pedindo liberdade de amor para os homossexuais e bissexuais do exército; os termos “herói gay”, “enxutos da Baixada”, “terrível perseguição”. “Cidade Maravilhosa”, o comentário: “E na América do Sul, até quando o homossexualismo vai ser considerado pecado por uns, e doença por outros? “Como peça de acusação, foi apresentada também esta frase que Celso Curi criou e que Millor Fernandes incluiu na lista dos mais importantes acontecimentos internacionais de 1976: “ANORMAL É QUEM COME MACARRÃO COM ARROZ E ACHA SUPIMPÁ.”

Luiz Gonzaga Modesto de Paula, o advogado de Celso Curi, comenta o processo: “Como, no caso, a questão se vinculava ao serviço de Censura Federal, o

REPORTAGEM

Na defesa, palavras do Ministro Baleeiro

Para o ex-Ministro do STF, os juizes, uma reducida minoria nacional, não devem impor os seus padrões

processo nasceu do expediente de um determinado agente da Polícia Federal que subjetivamente considerou "ofensivos" os artigos publicados, fez o inquérito administrativo e mandou para a Justiça. O processo é fruto, portanto, de uma manifestação isolada e arbitrária, desvinculada da realidade nacional e que não representa a opinião pública. A lei não pode servir de escudo para arbitrariedades policiais, e nem cabe ao agente policial "interpretar" a vontade da lei ou a intenção do legislador. Então, fundamentei a defesa no fato de que os conceitos de moral e bons costumes são totalmente subjetivos, discutíveis e variáveis no tempo e no espaço. O que era considerado atentatório à moral em 1930, hoje já não é mais. Nem a própria Lei de Imprensa define o que são bons costumes e moral pública, porque se trata de uma definição impossível, sujeita à interpretação do juiz. Ou seja, não existe um padrão absoluto de moral, nem uma afirmação indiscutível do que seja atentatório aos bons costumes. Inclusive, esses conceitos variam de região a região, no próprio Brasil. Alguns dos maiores clássicos da literatura mundial, como O Amante de Lady Chatterley, de D. H. Lawrence, eram proibidos até há bem pouco tempo atrás. Mudadas os parâmetros da consciência social, esses autores passaram a ser mundialmente aplaudidos". O ex-ministro do Supremo Tribunal Federal, Aliomar Baleeiro, recentemente falecido, foi citado pela defesa: "Nós juizes, que já estamos nos tribunais, pertencemos a uma reducida minoria nacional. Os homens de nossa idade representam a pirâmide de gerações. A grande parte dos homens ativos do País, que estão trabalhando, pensando, etc.

São criaturas de 25, 30, 40 anos. Eles têm um modo de concepção de vida diferente da nossa. Não lhes podemos impor os nossos padrões. O advogado Luis Gonzaga conta que o processo em si foi-se modificando, de maneira sintomática: as perguntas que o promotor público fazia às testemunhas passaram automaticamente do problema relacionado com moral e bons costumes para o problema de homossexualidade. "Então mud i também a defesa. Foi nesse sentido que interoguei o escritor Ignácio de Loyola, uma d s testemunhas de defesa e declarado leitor da Coluna. Perguntei se ele achava q e uma Coluna que trata especificamente de homossexualismo pode, por si só, provocar "união de seres anormais" — nas palavras de acusação — ou tomar algum homossexual. Ignácio deu uma resposta interessante: a Coluna visa informar com h mor; portanto, assim como as colunas de futebol não transformam os leitores em futebolistas e nem as colunas policiais transformam os leitores em policiais, também a Coluna do Meio, ao falar sobre h homossexualismo, não tem o condão d transformar os leitores em homossexuais. O mais curioso é que, no momento de d'itar, o juiz repetiu a frase do Ignácio de maneira distorcida: "a Coluna não tem o



Curi Celso

MARCA REG. DE FANTASIA

condão de transformar t nem normal em homossexual." Ou seja, o próprio juiz já definiu homossexualidade e normalidade como conceitos divergentes. Em razão disso, eu provavelmente terei que mudar a defesa final, para mostrar que h homossexualismo e anomalia sexual não são a mesma coisa. Antes de mais nada, h homossexualismo não é citado como crime em nosso Código Penal, muito embora esse Código seja de 1940; não é al considerado sequer contravenção ou tido como ofensivo à moral. O único mo ivo possível para atingir penalmente um homossexual é a alegação de que esteja fazendo trotoar, quer dizer, ofendendo a mo al pública. No caso das publicações, isso fica reforçado pela Lei de Imprensa. E no entanto, considero que, ao falar do homossexualismo em sua Coluna, o Celso Curi não fez senão uma inovação em nosso jornalismo. Abriu campo para que um tema até então considerado tabu começasse a ser tratado com a mesma naturalidade com que se fala de futebol. Acho que o pecado do Celso foi o de ter sido o primeiro a fazer isso. Além de que se trata também do primeiro processo contra homossexualismo, na história judicial do Brasil. Portanto, a decisão do juiz sobre este caso será algo muito importante, inclusive para o futuro da imprensa brasileira. Se a Coluna for condenada, ter-se-á concluído que a homossexualidade nos jornais brasileiros ofende a moral brasileira. A tendência será, então, a apreensão de todas as publicações homossexuais do país. Estará aberto um precedente. É por isso que a Censura Federal está de olho nesse processo".

Trabalhando atualmente para as revistas Personal e Peteca, onde escreve noticiário ao estilo da Coluna do Meio, Celso



luta dos homossexuais não pode ser fechada dentro de uma elite política. Durante a existência da Coluna, certos radicais achavam que ela devia ser muito mais política, conscientizando mais os homossexuais para a união. Eu achava q e não, pois as pessoas devem viver naturalmente e, antes de tudo, procurar conviver bem com sua própria homossexualidade.

Sabe, digo isso porq e é difícil um homossexual sem a carga de maldição que lhe impuseram. Acho sim que é preciso batalhar. Mas quando me perguntam p lo movimento homossexual no Brasil, respondo que ele não existe. Existe é uma movimentação homossexual, da b'ate para o táxi, do táxi para a sauna. No Brasil, nem movimento de Manicure é possível. Imagine um centro Acadêmico de Manicure da Lapa! Coisa muito perigosa, neste país. Depois, o brasileiro tem outros problemas prioritários. Mesmo buscando sua própria identificação, o homossexual tem que se cuidar para não perder o emprego. Talvez por isso o movimento tende a ser de cima para baixo; porque um viado rico pode ótir publicamente que é viado, e não ficará sem comida. Mas um viado pobre não, esse é sem dúvida duas vezes mais desgraçado. "É af q, entramos, inevitavelmente, num dos temas prediletos de Celso Curi: "O travesti de rua, por ex., não b.sca apenas um homem para transar; ele batalha por outra coisa também: pela comida, sem dúvida alguma. O travesti é muito mais sério do que se pensa. Ele batalha muito mais, é muito mais marginal. Vem batalhando nas ruas e tomando atitudes há muito mais tempo. Mas mesmo o travesti de "show" ele está sempre na rua, sempre fazendo viração. Me pergunto porque todos eles gostam tanto da rua, e às vezes nem vão atrás do sexo. Acho que vai nisso aí o prazer da descoberta — todo viado é sempre levado a descobrir coisas novas. Além de tudo, a calçada é o palco que o travesti escolhe. Pra que fazer um showzinho de boates se ele pode ter São Paulo inteira como palco, ali na calçada? Os travestis vivem num palco, querendo fazer o grande espetáculo. Então, o melhor do Teatro São José é quando eles não estão fazendo teatro,

Curi espera o final do processo. Fala, sentado em meio às almofadas: "Por causa do Correio Elegante, fui visto como caetina de pessoas que não podem ap.ecer à luz do dia. Pois é! Homossexual só pode andar atrás de poste, se escondendo... Conta da reação das pessoas a respeito do processo: "Algumas morrem de medo, me dizem que eu vou em casa, que não gostaria de estar na minha pele. Outras me vêem como um mártir, parece até que vou ser queimado em praça pública." Reage, quando se alude a uma possível caça às bruxas contra os homossexuais: "O mais engraçado é que isso não tem condições de acontecer. Tudo é tão ajelável! Qualquer dono de boate sabe como dar um jetinho bem brasileiro, e então tudo continua funcionando como antes, entende?" Existe um ar de cansaço no rosto de Celso Curi, ar de muitas batalhas: "Sempre considerei os homossexuais como parte de uma elite, como pessoas super-dotadas; eu tinha o mito de que todo homossexual é inteligente. Talvez porque vivesse eu mesmo numa elite. Mas depois descobri que existe uma massa enorme de homossexuais, e o nível de consciência deles não tem nada a ver com o que a gente pensava. Meus leitores, por ex., me deram respostas divinas. Mas também teve muita resposta imbecil. Respeito a imbecilidade como parte da cultura brasileira. Mas eu achava que o homossexual brasileiro escapava à imbecilidade geral." Alude aos seus problemas financeiros, em parte causados pelo processo, e não consegue deixar de brincar: "Imagine Vou ter que vender minhas jóias." Depois volta a refletir, como quem já vai colhendo frutos maduros: "Meu conceito de anomalia está desaparecendo. Desde que duas pessoas, consentidamente, façam o que quer que seja, isso deixa automaticamente de ser anormal — pelo simples fato de estar sendo feito. Se alguém gosta de fazer sexo com samambaiá, trata-se apenas de um ser humano que está fazendo aquilo de acordo com sua natureza, coisa muito normal, portanto." Ajita-se novamente entre as almofadas e observa: "É engraçado. O que venho sentindo ultimamente a respeito da Coluna me leva a crer que ele seria ridículo em 1978. Hoje não tem mais sentido ficar tratando dos assuntos de maneira exclusiva. Só fiz uma Coluna para homossexuais acreditand que isso seria um caminho para a abordagem de assuntos mais gerais." Faz uma pausa e emenda, como querendo completar o que diz: "mas a

REPORTAGEM

Um leitor: "Caríssimo amigo, você é meu salvador"

Eram 40 cartas por dia.
Na última delas, um
leitor pergunta:
"É verdade q e
nós somos tantos?"

quando ficam todos diante do espelho fazendo suas encenações, dizendo que acabaram de chegar de Paris... Aquilo é teatro puro, não é dublagem." Então, Celso ri um riso de quem encara a fatalidade: "Sabe como é, entre os homossexuais, o intelectual detesta o costureiro, que detesta o cabeleireiro, e assim por diante; no final da fila, está quem? O infeliz travesti. Então eu defendo o travesti porque somos exatamente a mesma coisa. Eu tenho algo de marginal como essas párias. Sou eu também um pária. Somos todos marginais. Isso eu tenho em comum com ele. Na Coluna, eu disse muita coisa que eles gostariam de dizer não podiam. Eu disse em nome deles."

parte do júri. O teatro cheio. E briga no final, porque a massa dos travestis não concordou com a decisão dos juízes e aclamou um outro travesti. No saguão, ainda agitado com a festa, eles falaram para a imprensa, geralmente com orgulho: "Oi, querida, espera só um minutinho, que estou dando uma entrevista!". Lisandra, travesti profissional há um ano: "Eu lia a Coluna do Meio diariamente e gostava, lógico. Ela fazia mil fotofocas e badalava o nome da gente; dava muito IBOPE, apesar de que meu nome só saiu lá uma vez. Mas eu fiquei maravilhada, porque é uma coisa que todo mundo lia em São Paulo. Sei que o Celso está com um processo, mas não me compete opinar. Ora, fechou a Coluna mas abriu a Peteca!" Angélica, cabeleireira, travesti há dez anos: "Sei que a Coluna acabou mas não vou fazer os motivos, não gosto de certos comentários, que não fica bem. Sinto muito ela ter acabado; era maravilhosa, e falava muito bem da gente. Era um tipo de promoção pra nós que somos travesti-artista. Agora, a Coluna fechou mas isso não me afetou!"

Depois, na Radial Leste, ponto de travesti fazer trotoar. Sara vestia um biquíni minúsculo, sem a parte superior; não tinha seios; calçava botas e se protegia da garoa com um enorme capote imitação de pele; vinte anos de idade, travesti há quatro, fazendo ponto na Radial há um ano e meio; extraordinariamente doce: "A cana vem senhora, às vezes preta e branca, às vezes preta e vermelha. Levam pra delegacia, pra 42, soitam de manhã. Se não arranjar emprego, então fica na caduça. Ah, meu amor, só peguei cana um mês; porque não trago documento na bolsa, então é vadiagem. A gente corre perigo na esquina... Mas aqui dá pr. viver. Eu mesma não sabia que a Coluna do Meio Nigla acabou..."

ma tiro 500,00 por noite. Com fregueses e tudo. Me tratam maravilhosamente. Mas No dia em que a Coluna do Meio saiu pela última vez, Celso foi encontrado num canto da redação, com os olhos cheios de lágrimas, lendo uma carta que, segundo disse, "foi como um prêmio."

10/11/77
Caríssimo amigo, permita-me chamá-lo assim, você é o meu salvador, que me salvou de cometer uma loucura total, ou seja, tirar a própria vida com minhas mãos e se isso não aconteceu foi só por causa de você, da Coluna do Meio e Última Hora. Celso! Não faça idéia de sua idade, fisiologia, cor, raça, credo, se é jovem ou velho, sei lá, não tenho a mínima idéia mas creia-me com toda sinceridade e devoção a DEUS eu o AMO com todas as minhas forças que conseguir reunir. O motivo? Primeiro permita-me a apresentação: Tenho 25 anos, cor branca, olhos e cabelos castanhos, signo gêmeos, 1m80 alt., 80 kg., físico: perfeito, etc. Eu desde os 14 anos de idade tornei-me homossexual por simples distração de meus olhos nos órgãos sexuais de alguns garotos, amigos e primos, que fizeram apostas em dinheiro, bem altas, para ver se eu era "indeciso" ou não. Quase todos os dias, após as aulas do ginásio, nós íamos tomar banhos de rio nos arredores da cidade e aconteceu de um dia cobinarmos de todos nós ficarmos nus pra tomar o banho. Depois de várias semanas nesse ritmo a intimidade chegou ao ponto de todos faze-

rem apostas de quem chegaria ao orgasmo mais rápido, e a masturbação correu à solta e eu o mais fraco de espírito, mas o mais robusto de físico, comecei, com meu corpo, a causar tentação nos outros. Acontece que só eu de todos eles, não possuía pênis no corpo e no púbis, sendo que os demais eram bem avantajados nessa parte. Um dia ninguém quis ir tomar banho, sendo que apenas um deles solicitou-me para lhe fazer companhia, descobri mais tarde que ele fora o eleito pelos outros pois possuía o membro mais grande em comprimento e espessura e eles achavam que se eu aguentava com ele, poderia com os outros. Resultado eu não resisti à tentação dele se oferecendo à mim e jurando que não contaria a ninguém no mundo e que seria eternamente o meu (mbcho), eu muito bobo, confiei e me entreguei a ele. Acontece porém que através de objetivas, câmaras muito posantes no alcance em distância, os outros fotografaram tudo e depois a chantagem começou, inclusive os meus primos foram os que mais se aproveitaram do meu corpo... eu nada podia fazer de medo de meus pais e irmão e também por causa da vergonha e das provas que eles possuíam. Hoje já me libertei deles, graças ao meu fiel macho, o primeiro que deve ter remorsos até pois ele me trata muito bem, inclusive diz que me ama e que nunca se casará com uma mulher pois ele já é casado comigo, isso é ele que diz e eu o quero muito de todos os homens q e já

tranei. Acontece, porém, que de repente eu me arrependi de tudo, e por falta de amigos homossexuais passivos como eu, fiquei desesperado ao ponto de querer matar-me e é aí que você, Coluna do Meio e Última Hora entram... Celso se eu realmente estou aqui é graças à você, eu jamais poderia imaginar que existem clubes, bares, cinemas, saunas, hotéis, etc. especialmente para os homossexuais e isso eu descobri através de você, meu salvador. Ainda tenho receio de que estou vivendo um pesadelo acordado e que tudo isso é mentira, que não existem tantos homossexuais passivos em São Paulo. Será q ie é verdade mesmo? E se for, porque eles não se correspondem, não sabem eles o mal que estão fazendo aos do interior, como eu, que sofrem da maior solidão e que às vezes desespero é tão grande que já abandonei serviço, estudo, diversão e só abraço a dia e noite sem parar! Hé! Meu Deus! Porque a gente sofre tanto? Você é a razão, o motivo, a alegria da minha existência. Escreva-me se tiver tempo e não for muito incômodo eu lhe agradecerá eternamente com orações. Um adeus, um abraço e que DEUS lhe acompanhe sempre, você e toda a sua família, pois você merece mesmo. Se possível eu gostaria de ter uma foto sua para eu guardar como lembrança eterna. Um forte abraço e adeus.

JOÃO SILVÉRIO TREVISAN
Fotos de DIMAS SCHTINI

Coluna do Meio

LUTA PELA SAPATILHA



CORREIO ELEGANTE

"Sou nissei. Tenho a idade de ouro (24), 1,60 de altura, 65 quilos e sou do tipo físico lanajira. Gosto de leituras e de muita diversão. Gostaria de formar um clube de amigos (alás e primeiro lá clube dessa coluna) de preferência jovens negros, do tipo black-power. Não precisa enviar foto, o endereço por correspondência é o suficiente!"
Maria Berta — SP.

RAPIDINHAS



- Valéria vai se apresentar, hoje, na churrascaria Xikite, em Santos. Preparem as roupinhas. E, sucesso.
- O show novo que o Medieval está prometendo, vai estrair no dia 17, de fevereiro. Novos quadros, e lançamentos. O guarda-roupa está sendo feito por Rinaldo Cabral.
- Lugares especiais estão para abrir em São Paulo. Em breve, a grande dica.
- Hermínio Bello de Carvalho esteve ontem em São Paulo. Veio assistir o show de Isaura García, na Igreja. Ela, lá clube danado!
- Maria Odete também estava presente, no show da Personalíssima. Parece que a mocinha um tanto desorientada, ou, quem sabe, abandonada. Sabiu no palco e usou um vocabulário do tipo: bicho, amizade e outras coisas mais. Quem se habilita?



A mais nova estrela do balé internacional, dizem que está passando à perna em Nureyev, seu contemporâneo. Mischa ri timidamente quando se fala no assunto, respondendo que não é verdade. "É uma estupidez. Essa competição não existe entre nós. Dançamos estilos diferentes e estamos aqui — fora da Rússia — vencendo juntos.

Nureyev não é tão simpático em suas respostas: "Baryshnikov está aqui a pouco tempo e ainda é difícil saber quem ele é. Talvez nem ele saiba".

Ternível perseguição

Uma entidade de homossexuais denuncia, ontem, em Buenos Aires, que vários dos seus integrantes foram assassinados pelo comando terrorista de extrema direita Aliança Anti-Comunista Argentina, que ameaça "executar todos os homossexuais do País".

Numa publicação denominada "Homos", a denominada Frente de Libertação Homossexual da Argentina, expressa que seus membros foram forçados a esilar-se ou ocultar-se abandonando suas residências devido a uma terrível perseguição da AAA.

O grupo exorta a luta "pelos direitos de dispõe livremente do próprio corpo" e para "libertar-se das opressões" num país que considera "atrasado e machista".

A Frente Libertadora Homossexual denuncia ainda: "Somos perseguidos, detidos e despedrados pelo simples fato de sermos homossexuais" — mas assegura — não ficaremos parados, de braços cruzados e muito menos nos afogarem em pranto de estopopopó."

“LÉ COM LÉ, CRÉ COM CRÉ”

(Velho e Sábio ditado popular)

ANEXO B – Reportagem “Carnaval das bichas é o maior do mundo”

FESTIM

Carnaval das bichas: o maior do mundo

Podem me crucificar, se quiserem, mas eu achei o desfile das grandes escolas um lixo. A imaginação das bichas carnavalescas — quer dizer, aqueles que bolam o visual todo das escolas —, ao contrário do que apregoa a imprensa gorda e burguesa, é de uma pobreza sem par; as poezinhas não conseguiram assimilar em matéria de cultura, ao longo de suas vidas, nada além de Walt Disney. Aquêles Ze Carioca e Plutos da Beija-Flor, meu Deus!

Exceção apenas para o divino Fernando Pinto, que fez o único carnaval realmente criativo na Mocidade Independente de Padre Miguel e, claro, não foi compreendido pelo júri obtuso. Aquela de vestir os componentes da bateria de índios aculturados — calça de tecido do tipo “oncinha”, camisa estampada, peruca de índio-kanekalon na cabeça e óculos escuros — foi de um deboche inesquecível. Mas o júri se emociona mesmo é vendo a enfadonha aventura de Mickey Mouse no pato dos parêntes armada pelo Joãozinho Trinta.

Pra mim, atílica escola emocionante foi a Unidos de São Carlos, exatamente a que tirou em último lugar. Quando ela entrou na Avenida, dava pra sentir, por trás de cada componente, uma pessoa. Eram bichas e putas do Mangue, delinqüentes à espera dos quais a polícia sem dúvida estaria no final da passarela, moradores do Morro do Estácio, todos com sua história pra contar. Não foi à toa que Mauro Rosas despençou do alto de um dos seus carros, e que uma bicha de uns 800 anos, vestida de bispo da Igreja Bizantina ou coisa que tal, a certa altura do desfile caiu de cara no chão, ficou imóvel durante uns quatro minutos, e depois, como se não tivesse acontecido nada, levantou-se e continuou com seu desfile. São Carlos, a escola dos estigmatizados, deveria ser adotada pelo pessoal do Lâmpio. Que Deus a conserve como está, para que reste, neste desfile de pompas e circunstâncias, pelo menos um traço qualquer de humanidade.

Ah, e é bom não esquecer Arlindo Rodrigues, mestre dos desviados Joãozinho Trinta e Viriato, e que soube resistir com a maior classe ao banho de delírio que seus ex-alunos vêm dando no desfile. Arlindo foi campeão ano passado com o digno carnaval da Mocidade Independente e, este ano, soube adaptar uma escola pequena, a Imperatriz Leopoldinense, ao seu estilo, para ganhar outra vez.

Agora, detestável mesmo, é a hipocrisia que faz todo o mundo ignorar que o carnaval carioca há muito tempo transformou-se numa festa de bichas. Deem uma olhada nas escolas de samba, inocentes crianças, mas com olhos de ver quem planeja o carnaval, chegando a interferir nos sambas-enredos? Os carnavalescos. E quem são os carnavalescos em sua maioria? E as alas que fazem mais sucesso, inclusive porque não as que mais sacroscotam, que as forma? Porque a televisão focaliza a banda de Eltona tremelicando diante da bateria da Beija-Flor mas faz, os telespectadores pensarem que se trata de um mulher? Ninguém fala das dezenas de travestis que desfilam, um após outros, na Marquês de Sapucaí. E os destaques todos das escolas com suas fantasias faraônicas?

E na rua, quem é que incrementa o desfile das bandas, como a de Ipanema e outras que tais? Quem causa o delírio das multidões no carnaval de rua, desfilando com suas fantasias originalíssimas e alopradas? E nos bailes mais devassos, quem é que tem os maiores peitos e os pênis para fora? Todo o mundo se delicia com o carnaval que as bichas fazem em todos os locais, mas há um complot de silêncio em torno disso. A grande imprensa ou simplesmente não fala, ou simplesmente se refere ao óbvio — o chato, cansativo, sem graça Baile dos Enxutos e acabou. Talvez seja preciso criar uma AERP, assessoria de relações públicas ou Riotur-Maldita, para alardear esta festa paralela que ocorre no carnaval carioca, e que, na verdade, é a verdadeira festa. Vamos parar de boicotar o carnaval das bichas, o maior carnaval do mundo? (Agustão da Silva).

**Enfim
Fragata**
Rua Francisco Leitão 71
Bairro Cerqueira César
São Paulo
Divirta-se



Escolas de samba: ontem, hoje, amanhã

Deixemos o purismo de lado: as escolas de samba continuam lindas. Afinal, ao contrário dos cordões baianos como Badaué ou Filhos de Gandhi, jamais se intitularam núcleos de arte negra. Com a devida exceção da Quilombo, nascida há pouquíssimos anos, elas sempre foram apenas grêmios recreativos formados a partir de 1928 e agrupando pessoas de várias classes e cores em determinados subúrbios cariocas. Houve algumas que estiveram até ligadas a clubes de futebol, como a Portela e o Madureira e a Mocidade Independente com o Bangu.

No começo do século, os ranchos desfilavam pela avenida Central (hoje Rio Branco) para deléite dos ricos. O arremedo suburbano desta diversão da elite são as escolas de samba, que desfilavam confinadas na lendária Praça XI. Escola que quisesse ascender socialmente tinha de virar rancho — como a famosa Deixa Falar, do largo do Estácio. Escola não tinha carro alegórico, usava apenas instrumentos de percussão e tinha outras tantas regras. A rigor, muitas das escolas atuais, antigamente seriam classificadas como ranchos.

Com o tempo, as duas coisas acabaram se fundindo — e os ranchos desapareceram. Já em 1935, no primeiro desfile oficial, dado ao acúmulo de público, foram eliminados os versos de improviso e assim inventado o samba-enredo. Dois anos depois, os fascistas do Estado Novo determinaram que os temas fossem também patrióticos. Portanto, vemos que as escolas sempre foram manipuladas pelo poder, e a nostalgia dos puristas é meio marota. Foi uma enxurrada de sambas sobre Tiradentes, Caxias e Getúlio Vargas (alguns até bonitos). Este rigorismo foi aos poucos sendo sacudido, até cair definitivamente em 1975 quando a Beija Flor sagrou-se campeã tendo por tema o jogo do bicho — atividade aliás ilegal.

Durante as décadas de 30, 40 e 50 imperaram a Portela e a Mangueira, usando estes ódiolos impostos de fora para dentro. Cristalizaram o estilo que convençamos ser o “clássico”: é a época dos grandes mestre-salas e porta-bandeiras, das perucas empoadas, do samba lento e poético. Já nos anos 60, o Salgueiro forçou a barra com temas mais imaginativos (Xica da Silva por exemplo), mudou o visual dos figurinos e alegorias até acelerar o ritmo do samba. Assistir às escolas desfilarem na avenida passou então a ser a principal atração do carnaval.

E hoje? Há quem as considere todas iguais, embora existam diferenças marcantes até no toque das diversas baterias. Há quem as considere descaracterizadas por abordarem temas como As Minas do Rei Salomão ou Branca de Neve e os 7 Anões. Até quando as classes menos favorecidas terão de abordar um repertório limitado pelo exótico para agradar aos donos do poder? Então um crioulo de Madureira não pode

falar na conquista da lua, da anistia ou da independência dos países africanos — e deve ficar só no cambômbi, na mandioca e na História do Brasil de escola primária? Isso é racismo, gente...

Na grande jogada de interesses econômicos nacionais e internacionais que está virando o desfile da avenida — hoje as alegorias valem mais do que o samba no pé — circunscrito ao desfile de segunda-feira do grupo I-B (ocorreram ano que vem). As escolas mais tradicionais (Mangueira, São Carlos, Império Serrano, Vila Isabel) não conseguem mais competir com grandes empresas como a Portela, a Beija Flor, a Mocidade Independente de Padre Miguel e agora Imperatriz Leopoldinense. São estas últimas ruínas? Não são até mais bonitas que as outras. Não está errado evoluir. Só que na evolução não é preciso jogar pela janela o que havia de bom antes. Neste ponto, a Portela parece ter chegado este ano na encruzilhada dos destinos. Nem virou misto de Walt Disney com Walter Pinto como umas e outras, nem de certo modo deixou de modernizar-se. Conseguirá manter este nível? A resposta virá apenas durante a corrente década. Hoje tem mar-melada?

No caminho inverso está a Quilombo, que não concorre nem pretende grandes glórias. Os lambônicos que não compareceram à Rio Branco às 3h30min da madrugada de terça-feira, não sabem o que perderam. Afinal, ver Clementina de Jesus abençoando a multidão e nosso colaborador Rubem Confete de mestre-sala, não é para todo dia. Quem não viu vai ficar com a boca cheia de formiga — e das salivas.

E desde já esta história de mudar o desfile para o autódromo de Jacarepaguá tem de ser cortada pela raiz. Sai dessa, isso é crime de lesa-carioca. Ai é que vira Moulin Rouge de uma vez... (João Carlos Rodrigues)



Aulas de Inglês
Métodos práticos
Tradução de cartas e livros
Tudo em Inglês
Dado Márcia
Fone 350-1526
Manhã: 350-1795 p/1
Rua Olívia Maia, 144/201

SALVEMOS A AMAZONIA

FESTIM



Uma viagem a Hollywood

As escolas de samba do grupo A-1 mais uma vez confirmam que o maior carnaval do mundo está fadado ao visual hollywoodiano. O primeiro lugar coube a três delas com obtenção dos pontos máximos em todos os quesitos: Portela, Beija-Flor e Imperatriz Leopoldinense. Quer dizer, a partir de agora os dirigentes das escolas têm que conseguir milhões de cruzeiros para manterem as glórias do primeiro lugar. Como conseguirão? "Em janeiro dinheiro pinta." Basta dar um jeitinho. Adeus ao samba no pé. Fica uma sensação que nós brasileiros moramos num país riquíssimo onde as torres de petróleo jorram muitos e muitos petrodólares.

A cada ano que passa o nosso desfile das escolas de samba toma um caminho elitista. Desde a venda dos ingressos até ao luxo apresentado na Avenida. O público que pagou a quantia de Cr\$ 50,00 assistiu apenas a formação das escolas. Conforme os preços iam subindo o visual melhorava, chegando ao máximo em frente as arquibancadas de Cr\$ 3.000,00. E o povo, que não dispõe de dinheiro, a maioria é claro, tem que se contentar com a televisão em branco e preto e fingir que está vendo um visual a cores, ou então que está na Avenida Marquês de Sapucaí. Assim foi o maior carnaval do mundo, um privilégio para poucos e uma vitória para os mais luxuosos.



LAMPRIÃO da Esquina

Mas a Unidos de São Carlos e o Império Serrano, que obtiveram os últimos lugares, resistem e mostram o samba autêntico na esperança, quem sabe? de algum dia poderem ver seus esforços beneficiados com a verdadeira origem de nossas escolas.

Resta ainda lamentar a apelação que a Manguieira fez ao usar Garrincha, visivelmente doente e abatido, como "boneco-decoração", no intuito de comover o público. Comoveu sim, e em vez de alegria trouxe tristeza, mais ainda quando sabemos que Mané Garrincha estava trabalhando para defender uns trocados para sua subsistência. (AA)

Paulistinha: cuidado com a caretece

As bichas se queixaram, e com razão este ano, o Berro do Paulistinha não foi, como nos dez anos anteriores, uma festa guei. Um fenômeno que já vinha se notando nos últimos dois anos desta vez agravou-se, e o Berro foi invadido por um bando de casais bem comportados e de classe média, que lá estavam para ver os veados. O resultado disso é que a festa não foi tão animada quanto nos outros anos em que ela mantinha o seu status de "maldita". As pessoas, sentadas em suas mesas, ou de pé, ao redor das barracquinhas que distribuíam chopos, simplesmente olhavam umas para as outras, sem maior entusiasmo. Do lado de fora dos portões, uma multidão de bichas implorava para entrar, mas em vão.

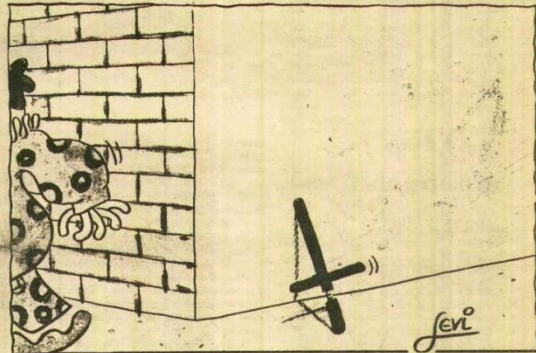
Claro, ainda assim o Paulistinha foi uma festa ótima. A decoração, de David Ribeiro, à base de veados (os animais, gente), era a mais bonita e criativa de toda a cidade (nada a ver com aquelas trochas indígenas que penduraram na Marquês de Sapucaí, cruzes!), embora os bichinhos não tenham merecido os nomes que LAMPRIÃO, especialmente chamado, escolheu para cada um; os organizadores temeram que alguns homenageados não gostassem da brincadeira e resolvessem processá-los.

Manolo e Zinho, os dois patrocinadores da festa, duas das pessoas mais interessantes desta cidade cheia de pessoas que se pensam interessantes, lá estavam a cuidar para que tudo saísse a contento. Manolo, a certa altura, quase atropelado pela multidão que insistia em entrar a qualquer custo no pedaço da Rua Gomes Freire fechado para o evento.

A certa altura, uma cena dantesca. Surge, em cada uma das janelas do hotel especialmente alugado para que os concorrentes trocassem de roupa, uma bicha de peitos bíblicos a mostrá-los sem o menor pudor. Um "oh!" de espanto da multidão bem comportada que, lá embaixo, formava a assistência. Alguns cidadãos, mais irriquiotes, chegaram a gritar "desçam, desçam", mas foram logo contidos por suas esposas, pois era isso o que havia no Paulistinha em sua maioria: maridos e esposas, arth!

Mas como toda bicha tem que dar a volta por cima, após perder algum tempo numa discussão consciente sobre a exploração que os homossexuais vêm sofrendo, muitas se reuniram num bloco denominado "Soltas na Vida" e saíram pelas ruas a fora cantando "põe pimenta, põe pimenta, põe pimenta que é pra ver se a bicha guenta" (samba que deverá despontar brevemente nas paradas, com pequena alteração, na voz de Elza Soares).

Um recado a Manolo e Zinho: o Paulistinha sempre foi a melhor coisa do carnaval carioca. Este ano ele deu pra trás. Mas é só dar uma inerecimentada no próximo menos ordem, mais bagunça. E muita bicha lá dentro. Não apenas as que vão desfilar, que estas são as menos interessantes. Mas aquelas que pulam e saracotam, que instauram a desordem e esquentam qualquer ambiente. Senão o tradicional Berro acaba virando uma festa igual às outras, e isso será o fim. (AS)



Enxutos: é pura exploração

O carnaval guei (ou das bichas, entendidos ou ainda dos enxutos) foi um tanto melancólico no que diz respeito à participação do povo guei. Exemplo: o cinema São José, que promove o tradicional Baile dos Enxutos (que nome mais fora de moda!) resolveu este ano dar uma grande facada nos frequentadores daquela casa. Cobrou a exorbitância de Cr\$ 1.000,00 por apenas uma noite. Acontece que esta casa de espetáculos não passa de um poeirinha (o cinema cobra Cr\$ 20,00 preço único pelo conforto que oferece), e cobrar a quantia de mil pratas para um baile, como se fosse realmente um acontecimento de gala, convenhamos, é um absurdo. Se não, vejamos: seus banheiros são de um estado de calamidade abaixo da crítica, suas cadeiras e camarotes parecem pertencerem ao barracão mais simples de um morro, o chão tem todos os vestígios de que não foi limpo há séculos, o calor que reina no ambiente, devido à pouca ventilação, chega a ser insuportável, enfim as condições da casa são ridículas.

Ganhar dinheiro nunca fez mal a ninguém, acho que se o São José fosse um lugar turístico e limpo poderia cobrar até mais. Pobres dos turistas que lá estiveram a fim de ver o nosso carnaval guei. Devem ter ficado apavorados com a pouca higiene, e a esta altura possivelmente estarão decantando que o Brasil guei, através dos seus bailes mais tradicionais, é um verdadeiro lixo.

Nos outros dias o preço ficou de Cr\$ 300,00 e Cr\$ 400,00, ainda muito caro principalmente pela economia de guerra por que estamos passando.



Até o pessoal que fica na porta, nas sextas-feiras de carnaval, para ver as bichas passarem, aproveitou para bagunçar o coreto, só não fazendo um protesto aberto, com cartazes e tudo mais, devido à pouca consciência política ainda existente na maioria dos guesis.

Neste mesmo ritmo de protesto um outro grupo foi formado na frente da muralha faraônica colocada na Rua Gomes Freire onde é dado o também tradicional Berro do Paulistinha, o qual este ano dedicou sua festa ao "society" carioca, negando assim convites para que os guesis assistissem à festa que também é deles e feita por eles. Poucas foram as bichas privilegiadas que participaram da festa. Na passarela desfilou um grupo de bonecas como se fossem simples palhaços para servir de comentários graciosos tais

FESTIM



como: "neste carnaval eu participei do desfile das bichas"; "você viu os peitos daquele violado?"; "olha a audácia daquela boneca", e assim por diante. (AA)

O Rio amanheceu mijando

O Carnaval de rua teve este ano o seu ponto máximo de animação. Mesmo com os preços absurdos dos alimentos nas diversas barracas o povo não deixou de brincar. Quem podia pagar caro por um sanduíche ou beber uma cervejinha, se alimentava e cala na folia. Os outros brincavam com a barriga vazia mesmo. Era uma festa só. Ao som de vários blocos de sujeitos que invadiram a Avenida Rio Branco, todos pulavam e cantavam e esqueciam que a vida está difícil. Cada um se fantasiou como pôde. Ora passavam diversos travestis ora eram pessoas com máscaras e vestimentas pobres que pulavam sem parar. Também a presença dos argentinos se fez representar nos folguedos de rua. Facilmente se identificavam os portenhos: estavam simplesmente boquiabertos com tamanha liberdade, e aos poucos trataram de cair na gandaia, enquanto a liberdade lhes permitia colocar para fora toda uma repressão imposta no seu país de origem.

Assim foi a partir da sexta-feira e nos três dias seguintes.

Poucos foram os incidentes naquela área. Entre eles o assalto foi o mais comum. Eram turistas

BIFÃO CABARÉ

Show, arte e cultura: a nova atração guel (eles e elas) no Centro do Rio de Janeiro.

Rua Santa Luzia, 760 Tel. 222-9052

— Aberto aos sábados a partir das 22 horas. Ingressos: Cr\$ 100,00.

Com este anúncio o ingresso custa apenas Cr\$ 80,00.

★

Página 6



E O CARNAVAL DO RECIFE, HEM, BIENAS? VOCÊS DANÇARAM; NEM UMA NOTICIA SOBRE ELE. MEUS PROMETOS. A) LA MAMBABA.

Na Bahia todo o mundo gozou

O estopim do carnaval que lá Bahia começou com o anunciado *Baile do Crum*, com o ator Benvidio Sirqueira, bem acompanhado, imaginou para colorir o títuo *Baile das Atrizes* (entregue a mãos "estrangeiras", depois de João Augusto, realizador anual do mesmo). Cartazes com a figura de um simbólico pénis foram espathados pela cidade. Tudo aconteceria na boate Abajur Lúlia (antiga Parafernália), com reunião de entendidos, artistas, Fernando Gabeira, muita purpurina, plumas bons requêbros e fantasias as mais espalhafatadas.

Mas o acontecimento não teve o sucesso esperado. Se bem que quando o jornalista e ator Rogério Menezes entrou num maiz antigo com florzinha amarela na lapela, fantasiado de "Libélula Desbundada" todos viraram os olhos pra cima e sussurraram *usa*. No mais, entretanto, as fantasias corriam vulgares. Insofribil, horrores os mais diversos. Além disso, nas duas portas da boate, penetras se acumulavam tentando entrar (inclusive eu) e ocupar o espaço sufocante que lá dentro não dava pra ninguém pular. Houve quem se divertisse, claro, mas a maioria saiu revoltada. Uma bichinha minha amiga, fantasiada de espiça, me falou: "Show pra bofe e rachada, foi isso aí. Música de orquestra, você já viu? Uma droga... uma falta de classe, um velório chamado de carnaval". Veneno da outra? Exagero? Pode ser, mas o certo é que a festa nem foi comentada depois.

Também o Baile das Atrizes não deu essas coisas (ao contrário, o do ano passado foi ótimo). Até as duas horas da manhã tinha gente se espremeando contra a amurada do Teatro Vila Velha, tentando entrar. Igualmente cheio e sem graça, o troço mais ônico que aconteceu foi na hora do abraço do prefeito Mário Kertez a Tereza Rachel, atriz. Uma boneca muito louca se meteu na frente e começou a fazer gracinhas, caretas, um arraso!

Graças a quem quer que seja, a coisa mais quente continua sendo a Praça Castro Alves. Qualquer bicha que tenha estado lá pode confirmar. Uma loucura muito bonita e gostosa que só nós baianos, sabemos fazer e oferecer (modestia a parte, viu despertadas sulinas!). A suruba popular começou já no sábado e se estendeu até terça-feira de madrugada. Muita gente, muita piração, muito fechoecler (a nova glória pra dizer "arraso") e por aí vai.

Já no sábado a tarde, no desfile das bichas, que ia da escadaria famosa até uma plataforma erguida para um pretensioso concurso de segunda-feira, as bonecas pularam tanto, gritaram e espernearam que derrubaram o madeirame todo. Resultado: a passarela perdida, as bichas desfilaram no meio do povo, lá embaixo. Mas antes de continuar, vou fazer um parêntese: em plena praça, pra riso geral da nação bicha, mandaram colocar um coraçãozinho vermelho nas mãos estendidas do poeta Castro Alves. Dava pra avistar de longe, de botar inveja em qualquer bicha Marta Rocha (de duas polegadas a menos, uai).

Prá mim, pessoalmente, a praça tava muito gostosa no sábado. Os trios vinham e iam nem tanto embalados, mas maneirinhos e a gente pulava. Homens aos pares e mulheres também, sem esquecer o já cansativo par heterossexual.

que, desavisados, passavam nas áreas isoladas pelas obras do metrô. No imenso grupo que costuma brincar na frente do Bola Preta a violência não estava fácil. Muitas pessoas tiveram seus relógios arrancados do pulso. E existia um verdadeiro grupo de ladrões que se organizaram para assaltarem em bloco.

Apesar disso a alegria que invadiu a Rio Branco na terça-feira de carnaval ficou na história. Desde então milhares de pessoas se deslocaram para aquela área da cidade a fim de dar o adeus aos folguedos de Momo. Os grupos guês não faltaram, e a pegação correu solta. Bastava olhar para os foliões: uma onda de sexo invadiu a avenida.

Todos paqueravam na maior liberdade possível. Via-se bicha com bicha (sem dar lagarticha), homem com homem (sem dar lobisomem), mulher com mulher (sem dar jacaré) e homem com mulher (que possivelmente dará muitas crianças do signo de escorpião, todas mordendo as próprias caudas). Só não saiu acompanhado nesta noite quem não quis ou então ainda sofre de um processo muito grande de inibição. A ordem era: faça o amor, seja como for.

Apenas um fato a lamentar: o cheiro de mijó que todos os anos se espalha pelas ruas do Rio é dose para leão. A ausência total de banheiros públicos obriga os foliões a mijarem nas ruas. Com o passar dos dias não existe naria que supere o mau cheiro. Será que a criação de banheiros públicos nesta cidade ainda não foi programado pela Prefeitura? Eu por aqui vou fazendo o meu apelo. Meu narizinho sensível a certos odores fica irritado. Alô, Alô prefeito Israel Klabin, vê se é possível pensar um pouco no povo que não pode gastar nos banis! A criação de banheiros públicos é uma necessidade urgente. Quem sabe a taxa do lixo pode contribuir para evitar este "probleminha"?

Mas mesmo com o cheiro infernal do mijó, na 3ª feira, às 3 horas mais ou menos, desparta na Avenida Rio Branco a G. R. A. N. E. S. Quilombo. Neste exato momento está se encerrando o maior carnaval do mundo. Todos na rua esquecem as tristezas, porque o verdadeiro carnaval popular entra em ação. E vem com o tema Dia de Graça, de Sobral e Feliciano, numa homenagem clara ao saudosíssimo Candêia. Surge então um inesquecível delírio. O samba, que poucos conheciam, rapidamente vai sendo entoado como um cântico dos deuses negros. É a integração total: Negro... Acorda! / Desperta deste sono deste suão! / E verás... / Que uma epopéia é muito mais... / Que os versos de lamento da tua canção! Assim inicia o samba do Quilombo que traz como mestre-sala o nosso Rubem Confeite e como destaque sua madrinha, Clementina de Jesus, num carro, acenando para o público. Várias vezes os foliões correm em sua direção e beijam sua mão. Um ato emocionante. Também



desfilando Paulinho da Viola e Clara Nunes, misturados aos elementos da escola, sem se preocuparem em ser destaque.

Difícil mesmo é não deixar de entrar no bloco que fica atrás da escola. Mesmo cansado o público canta o samba e "dá no pé", porque ali está presente a verdadeira escola popular, sem luxo nem riqueza, simplesmente trazendo alegria para todos. E segue o refrão cada vez mais forte: *Acorda negro, ô ô ô ô ô... / Nosso mestre foi quem mandou. É o encerramento apotético da Quilombo, que desta forma salva o intuito de uma escola de samba, que é nada mais nada menos que o de integrar sua alegria com o povo. (Adão Accosta).*

FESTIM



todos nós, numa democracia sexual, nos amávamos aos beijos, abraços e apertos, como se aquilo ali nada tivesse de bizarro. Claro que um ou outro, menos avisado, que chegava, sem querer, no reduto homossexual, estanhava, olhava, com cara de "isso existe mesmo?" Ai ou fazia alguma piadinha, ou se benzia e ficava, ou se mandava numa boa. Portanto: a felicidade se estendeu até não-sei-que-horas. Inclusive, lá solto a fococa: eu vi o presidente da UNE, muito bonito do jeito que ele é, num beijo coletivo. E muito universitário lá soltando os bichos e as bichas que têm dentro de si.

No domingo, segunda e terça as coisas foram geralmente as mesmas, com as lógicas variações. Lembro do casamento de um travesti que chegou na escadaria todo de brega. Aplaudida, em cumprimento o público. Um bofe alto e louro (tipo estrangeiro mesmo) serviu de noivo. Na hora do beijo, o povo cá de baixo gritava: "beija, beija"! O machinho botou a mão entre a sua boca e a dela, beijou e recebeu uma salva de vaitas. Ai ficou ofegado, beijou a boca da rachadinha que o acompanhava, mostrando que "meu negócio é esse aqui!". Novas vaias, urros, bichas revoltadas só faltavam jogar tomates e ovos podres. Ele saiu que nem se viu.

Maconha, éter e muita piração do gênero também não faltou. Dava pra ver camisas amassadas nos diversos narizinhos, fumo puxado gostosamente ao pé da estátua do poeta, coca e outras coisas, mais ou menos sofisticadas que não tem razão de eu ficar descrevendo aqui. O legal do lance é que não houve repressão, nem do povo nem da polícia. Tava todo mundo descontraído, levando o carnaval como se deveria levar a vida.

Lances de gozo e prazer? Pois é, os hotfizi-nhos dali, os apartamentos dos amigos, as casas da cria que o digam. Na Praça, uma coisa chegou a me assustar: um bofe botou o pau pra fora, cinco ou seis rapazes delicados botaram também e começaram a se masturbar olhando o macho perplexo. Essa de mostrar o cacete deu de sobra. A única coisa que me intriga é que a gente só via os bem-dotados (aspas, please) que a Sociedade e o Sistema aplaudem e enfatizam. Onde pois a liberdade? Porque os curtinhos, os modestos os fora-da-lei, esses continuaram envergonhados. Não devem, porque, como dizia um amigo meu: bicha que é bicha gosta de homem, né? daí que pouco importa o tamanho do pau dele. Grande ou pequeno ou como for, tem mil outras coisas pra se dar valor numa trepada. Lady Francisco que o diga!

No meio da bisórdia baiana tinha também gente famosa. Caetano e a família Telles Veloso estavam no lugar tradicional de sempre, num dos lados da estátua. Aquele garoto da propaganda da Pepsi-dent rodando de um lado pro outro com um louro alto, um gatinho (mas não se assanhem não que o cara vive dizendo que é heterossexual, isole na madeira!). Alguns travestis da terra, que agora eu só me lembro de Floripes, mas as outras me desculpem por eu não citar nomes. E bichas jornalistas, artistas, do meio de frente do gay power soteropolitano. Não vou dedar, porque tem



uma maioria que é muito enrustida e me passaria os cascudos depois.

Todo mundo gozou, eu acho. Os trios não tavam quantíssimos mas o povo era fogo só. A praça estava chéssima e alguns tradicionalistas se queixavam, tipo "a minha praça não é mais aquela!". Houve algumas brigas de bofes que se viam beliscadas por bichas, mas nós de cá vendíamos com plumas violentíssimas. Tinha de tudo que se quisesse, do mais infinito ao menos infinito. Eu aproveitei bastante. Meu corpo que o diga. E não me arrependo de ter feito nada do que fiz. A liberdade, pra quem não sabe, tem gosto de chocolate e tutti-frutti na boca. Às vezes, de cerveja, esperma, sangue ou, quem sabe, cuspe mesmo. No ano que vem deve ter mais. (Paulo Emanuel)

O baile do preto e vermelho

Ninguém conseguiu ficar sem se divertir no baile vermelho e preto do The Club. Mas, apesar da sugestão, poucas pessoas estavam fantasiadas com as cores sugeridas, inclusive a decoração da casa limitou-se somente a faixas enroladas em algumas colunas ou esticadas na parede o que tirou visualmente o clima momesco.

O apelo publicitário que dizia "travesti, não paga..." parece que também não surtiu muito efeito; não havia mais que cinco, além da belíssima melindrosa platina blonde que fazia as horas da casa. O ambiente estava descontraído, a casa lotada. Dentre os foliões destacou-se pela euforia, um ator "Global" (atualmente sem atuar no horário nobre) que puxou um dos lampiônicos tentando por força arrancar-lhe a sunga.



José Fernando compareceu com duas estrelas de seu show "Gay-Girls", em cartaz atualmente no Teatro Alaska, Eliana e Jane, que escolheram a melhor fantasia e o melhor travesti da noite. E por falar em travesti, é bom lembrar que o conceito antigo de boneca desfilando apenas charme e dizendo coisas decoradas não é mais cabível, e Jane, a "cozinha do pai" (vide Lampião n. 21 — P. 16) mostrou isso muito bem, com seu senso de improvisação, garra e inteligência.

Para o primeiro lugar em fantasia o ganhador foi um rapaz alto, de corpo esculptural, do qual não se podia identificar o sexo por estar usando uma pequena máscara branca; sua fantasia consistia de uma capa tipo super-herói e uma sunga sumarríssima bordada de strass. O primeiro colocado em travesti foi um francês que também não foi identificado. Destacou-se ainda a atenção, presteza dos garçons da casa, principalmente do

Deuzamay, que serviu nossa mesa. Lamentavelmente, registra-se a falta de delicadeza com que à saída um garçom (Francisco) interpelou alguns foliões por estarem de sunga e sem camisa. É por causa de profissionais "mal-educados" como este que muitas casas perdem sua clientela. Felizmente no The Club este caso é exceção, porque todos sabem, que de Claudio (o dono), nos demais funcionários, todos têm a arte de receber sempre presente. Finalmente voltamos todos para casa depois de uma noite bastante agradável, respirando um delicioso perfume de "divina decadência" e exaaaauustos. (Dimitri Ribeiro).

LAMPIÃO Assine agora.



ANEXO C – Reportagem “A praça é das bichas”

Reportagem

Tiradentes, sublime Tentação

Na manhã de 17 de março, uma terça-feira, por volta das dez horas, dezenas de incansáveis habituais dos Cinemas São José e Marrocos, dois conhecidos “posirinhas” da Praça Tiradentes, tiveram seus mais reconhecidos desejos frustrados. Certos de encontrarem os habituais companheiros de banheiro, os apetitosos rapazes do corredor ou ainda os excitadíssimos senhores da platéia, ficaram decepcionados e sem saber o que fazer ao ver as portas arriadas e um nefasto auto de interdito afixado na entrada dos frequentadíssimos cinemas.

A interdito, feita pela Divisão de Controle de Diversões Públicas — DCDP — com a participação do perito Josemar Gonçalves Pinto, proibe o funcionamento dos cinemas até que sejam cumpridas todas as exigências com relação à segurança, higiene e restauração dos mesmos. O Detetive Humberto de Mattos foi incisivo: “Se voltarmos aqui e estiverem exibindo algum filme, todo mundo vai pra delegacia.” Com este episódio, a possibilidade de venda e derrubada do antigo São José vem mais uma vez à baila.

INCOMPETÊNCIA ADMINISTRATIVA OU FIM DE UMA ERA?

Situado numa área que, até meados do século, foi o centro cultural da Cidade do Rio de Janeiro, a Tiradentes, famoso bairro teatral, o Cine São José encontra-se abandonado e em franca decadência. Tendo sido adquirido, após um grande incêndio, pelo empresário Paschoal Segretto, o então Cine-teatro chegou a exibir várias cartazes e personagens bastante populares. Em 1950, por ocasião de outro incêndio, desta vez no Teatro Carlos Gomes, do mesmo Paschoal, o São José abrigou a famosa Companhia de Bibi Ferreira e Mara Rúbia, que encenava o espetáculo, “O Escalafão de 1950”. A temporada foi curta, quinze dias apenas, mas marcou época, segundo o antigo porteiro do cinema, João José Correia, de 52 anos. É o próprio João quem afirma que o São José e a Praça Tiradentes só foram bons até aí. “Depois virou bagunça.”

A corrida em direção à Lapa fez com que a Tiradentes, no decorrer dos anos, fosse perdendo seu prestígio. O glorioso teatro de revista, que teve suas raízes ali, muda para os cabarês e cafés da antiga Lapa. Vários teatros e cinemas da Praça são demolidos ou transformados em lojas. Paschoal Segretto morre, ficando sua empresa de diversões entregue à família que, ao contrário do que se diz, mostra-se de enorme incompetência administrativa, levando o grandioso império das diversões do velho Paschoal à total decadência de agora.

Há anos que o antigo prédio do Cine São José não sabe o que é uma pintura. Quando de sua interdito, foi encontrado no pior estado possível: teto totalmente danificado por infiltrações, pondo em risco a vida dos usuários com a queda de seu revestimento; total falta de segurança contra incêndio; instalações sanitárias completamente desprezadas; inutilização de cadeiras na platéia, em decorrência dos bailes carnavalescos realizados ali anualmente; balcão, único local aberto ao público, com mais de 20% das cadeiras quebradas; falta de refrigeração; ratos, baratas e uma enorme variedade de insetos, além de péssimas condições de projeção. O Cine Marrocos e o Teatro Carlos Gomes, também de propriedade da Empresa Paschoal Segretto Diversões, não deixam nada a desejar, em comparação à calamitosa situação do São José.

QUEM SÃO OS ATUAIS SEGRETTOS?

A atual Diretoria da Empresa Paschoal Segretto Diversões, que situa-se no primeiro andar do anexo do Teatro Carlos Gomes, na Pedro I, é formada pelos irmãos Luis e Martinho Segretto, seu sobrinho Gaetano Segretto e o Sr. Emílio Ibrahim, além de vários acionistas.

Segundo conta-se pela Praça, há anos a família vive um profundo descontentamento no que diz respeito à herança do velho Paschoal, sendo este, afirmam outros, o motivo principal do total descaio e relaxamento com o patrimônio — que compreende, atualmente, o Cine S. José, o Cine Marrocos, o Teatro Carlos Gomes, o Hotel Presidente, arrendado a uma firma a preço de banana, e parte do condomínio do edifício que faz



Praça Tiradentes numa antiga foto de Augusto Malta

Querem lotear a velha praça, o QG da marginália

esquina de Tiradentes com Pedro I, e que abriga o conhecido Bar Thalia.

Procurados várias vezes seguidas para informarem do destino a ser dado ao Cine São José e seus demais imóveis, os Segrettos negaram-se intransigentemente a dar qualquer depoimento, alegando falta de tempo, no momento, e grande preocupação com as sucessivas reuniões do Conselho de Direção da Empresa. Cordialmente seu secretário despachou-nos, pedindo que os procurássemos daqui há dois meses.

O LOTEAMENTO DA PRAÇA

Sabe-se que um diretor e também tesoureiro da Empresa Paschoal Segretto, Sr. Martinho, tem grande interesse em desfazer-se dos cinemas São José e Marrocos do Hotel-Presidente, quase todo um quarteirão, no que é apoiado por muitos acionistas. Segundo declarações suas, há cerca de dois meses, está prevista a demolição destes prédios em breve, e em seu lugar será levantado um enorme espigão de 12 andares, com frentes para a Praça Tiradentes e Rua Silva Jardim (Cinema São José) e para a Pedro I (Cine Marrocos). E aproveitando a interdito dos dois cinemas, ele preparou seu bote, declarando à imprensa que ambos não voltariam a funcionar.

Esta intenção já é antiga. Em 1977 correram boatos de que os imóveis haviam sido vendidos a uma poderosa firma imobiliária. Imediatamente a imprensa, frequentadores, amigos e defensores do espaço se mobilizaram e foram informados, pelo próprio Martinho, que tudo não passava de um boato. “Infelizmente não foi verdade”, ele disse, mas não eliminou a hipótese de a venda vir a se concretizar, frisando que havia uma grande distância entre os estudos e a realização. E num tom lúcido concluiu: “Não sei o que há com o São José, existe uma maraçalha com este cinema. E apenas uma poeira defletória, muito grande para uma frequência diária pequena, mas sempre que se fala em demolir fazem um escândalo.”

A mobilização nesta época foi tão grande que Orlando Miranda, então diretor do Serviço Nacional do Teatro, junto com o Departamento

de Cultura do Município, propôs a compra do Cine São José, no que foi rechaçado pela Empresa Paschoal Segretto. Orlando Miranda, em tom lúcido, afirmou: “Com isso a Praça Tiradentes começa a perder a oportunidade de se tornar o primeiro centro de cultura popular do Rio. Lá há um dos poucos lugares em que o povo coloca o pé sem pensar que está transgredindo alguma lei. Se sente em casa.”

Por outro lado, a preservação do patrimônio conta com um forte aliado, o Sr. Luis Segretto, presidente da empresa. Ele e outros diretores mostram-se contrários a qualquer atitude que culmine com a perda do patrimônio da família. Reside ali o grande foco de resistência contra as negociações de Martinho.

NA TELA A AÇÃO, NA PLATEIA A EMOÇÃO

Aberto diariamente do dez às vinte e duas horas, apresentando toda semana uma noite e emocionante programação dupla, cobrando a módica quantia de Cr\$ 40 (preço único) e tendo uma frequência de aproximadamente 700 pessoas por dia, assim funcionava o São José, um espaço maldito, mas que ninguém jamais esquecerá.

Por volta das dez horas da manhã chegavam seus primeiros frequentadores, prontos a se entregarem aos mais emocionantes acontecimentos.

So o balcão funciona, obrigando seus usuários a subirem pela escada lateral. No fim do corredor ainda se vê uma pichação de Luis Garcia, resumo da existia Gayfietra: “Tentação, Sublime Tentação.” Muitos já param no cruzamento ao fim do corredor, que dá para o salão do segundo andar e o banheiro dos homens. Outros perambulam pelo salão e os mais exibidos dirigem-se ao banheiro e põem-se a mostrar seus dentes. Os mais tímidos acomodam-se no parapeito e ficam a observar o movimento e os que chegam. Na platéia a fita já conta com vinte minutos. Blocos homogêneos aglomeram-se nas últimas filas e começam a livre iniciativa. Chupam, roçam, comem, dão e, principalmente, gozam.

Já a meio-dia, e o primeiro filme terminou. E hora do intervalo. Os vizinhos dão um pulo em casa, aproveitam para fazer uma boquinha e

retornam na metade do segundo filme. Os persistentes esperam a chegada de algum colega, metador de aula, um office-boy maroto ou ainda um réu recém-saído do quartel.

Dezesseis horas. Mais pessoas chegam. E a festa. A platéia, pasmem, encontra-se lotada. Ninguém parece se incomodar com o insuportável cheiro de mijó que penetra pelas veias; ou as incessantes mordidas de carrapatos ou pulgas, que dominam o recinto. A péssima projeção e o forte ruído dos alto-falantes sequer são percebidos.

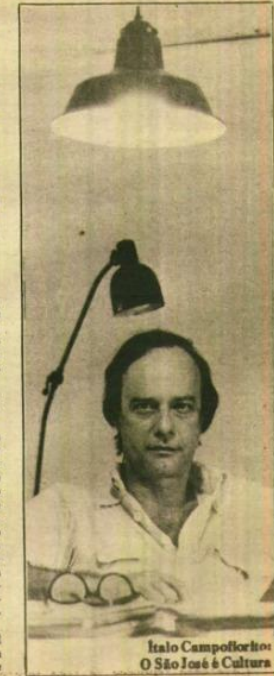
Dezesseis horas. Houve uma radical mudança na frequência. Pessoas cansadas, cheirando a suor. Alguns poucos travessos, perfumados com Alfazema. Bichas em estado de metamorfose inacabada. Negros enormes. Acharadões e machos. Os goros agora são mais intensos. O banheiro é impenetrável. Ouvem-se gritos: “Roubaram minha carteira!” Ouvem-se respostas: “Cala a boca, viado!”

São vinte e duas horas. O sair é sorrateiro, mas ao ar é de satisfação. Muitos vão para casa, trabalham no dia seguinte. Outros permanecem nas esquinas e nos bares. E bebem...

E fica um pensamento, anotado de uma reportagem de jornal: “Há gente que pode facilmente dar-se ao prazer de frequentar um cinema de luxo, mas não esquece o fastígio, algo imponderável, contido nas salas escuras dos “posirinhas”, onde tudo pode acontecer e as emoções da tela se confundem com as outras mais íntimas, vividas na platéia.”

PRESERVAR, MAS PRA QUEM?

A exemplo da Rua da Carioca, onde foi criado entre os proprietários dos imóveis um espírito de preservação da rua como memória cultural e histórica, a Fundação Rio pretende estender este espírito a boa parte do centro da cidade, incluindo-se a Praça Tiradentes. O corredor cultural, denominação do projeto, pretende, além de ser um projeto urbanístico e de preservação, revitalizar o centro da cidade, com a participação da



Italo Campolongo: O São José é Cultura

LAMPILÃO de Esquina
saldado e iluminado

Reportagem

comunidade que o utiliza. O Projeto resume-se em três itens: 1) Preservação e revitalização de imóveis e espaços urbanos; 2) Promoção de atividades culturais e 3) Integração com as comunidades.

Incluem-se no projeto, além do Cinema São José, grande parte dos imóveis da Empresa Paschoal Segretto, mas pelo viés das esperanças de se entrar em acordo com os proprietários são míseras. A coordenadora do Corredor Cultural, Mônica Restor, fala sobre o problema: "Não tivemos um contato com a família Segretto e com pessoas interessadas em preservar o Cinema São José e o Teatro Carlos Gomes. A parte da família que está interessada na preservação mostrou-se gratificada, mas houve de entrar em contato conosco quando houvesse qualquer decisão."

Já o Arquiteto Italo Campofioriti, consultor do Corredor Cultural e Diretor do Patrimônio Artístico e Cultural, do Rio de Janeiro, diz o seguinte: "A nível de intenção, o que a Fundação Rio gostaria é de preservar tudo o que está em volta da Praça Tiradentes. Mas no momento a legislação de uso do solo, no Rio, permite aos proprietários uma série de possibilidades de novas construções. Não gostamos que a família Segretto tivesse interesse em preservar seu patrimônio, mas por outro lado você não pode preservar, simplesmente, dando prejuízo aos proprietários."

Diante do fato concreto, que é a preservação, uma questão se torna importante: Os cinemas São José, Marrocos e Iris apresentam uma frequência substancialmente de homossexuais, de origem proletária e do lumpem. Como integrar esta população marginalizada, que frequenta diariamente os três cinemas e que mostra o significativo número de três mil pessoas/dia, sem reprimi-la ou afastá-la da região?

O Arquiteto Italo Campofioriti mostra-se aberto à questão e responde: "O que eu acho que se quer preservar nos cinemas São José, Marrocos e Iris é um modo de vida, um aspecto da vida que está se passando ali. Isto não se tomba. Se eu tomba o cinema São José ou o Iris, e eles passam de ser sedes como cinemas, teatros e o que



1935: O São José de nossas tias

você estava querendo preservar. Eu vou manter a fachada, que não tem valor nenhum. Então o que são os cinemas querendo preservar são maneiras de viver, certo? São situações vivas. Estas são coisas que preservar como projeto de âmbito maior."

Questionado sobre como seria aproveitada a população dentro espaços no projeto de preservação, Italo conclui: "Uma população exerce ali uma atividade cultural. Seja ela qual for, antropologicamente falando, ver cinema, namorar, conversar, e o que mais se fizer. Isto é outras co-

mas de coisas que acontecem naquela zona, e que fazem parte da cidade. Tomba o prédio sozinho e ele para de ser o que sempre foi e como tomba a confeitaria Colombo e da feitor. De que adianta?"

OI NÓS AQUI OUTRA VEZ!

Até o dia três de abril tudo indicava que o São José agonizava. Calculava-se em torno de Cr\$ 30 milhões as despesas com a reforma do cinema.

Um grande investimento que, segundo Marinho Segretto, vedete de toda história, não compensaria. Mas sem que ninguém esperasse, num belo dia da segunda semana de abril, o Cine Marrocos voltou a funcionar. Um enorme cartaz na porta do São José anunciava o acontecimento: "Cine Marrocos lá Funcionando".

Agora é esperar de três a seis meses, prazo da duração das reformas, segundo um belo e viril sergente de obras do cinema. Tentação. Sublime Tentação. (by Antônio Carlos Moreira)

Corre que lá vem os home!

Fala-se muito da marginalidade da Praça Tiradentes e do seu fraco policiamento, chegando-se a afirmar que o antigo logradouro é um dos lugares mais violentos do centro da cidade, atualmente. Esta afirmação baseia-se no fato de a frequência da Praça se constituir basicamente de travestis, gíveas, mendigos, loucos, ladrões, algumas putas, bichas pobres, boêmios e desempregados.

Fala-se muito mal da Praça Tiradentes. Não é tão ruim quanto se diz, mas é verdade que a maioria dos que vivem ali são pessoas que vivem fora da sociedade. Estes são incapazes de compreender o sentido da Praça. Fala-se demais.

Por mais contraditório que pareça, o serviço de afronta aos que insistem em jogar bola na Praça, a 5ª Delegacia Policial, encarregada do policiamento da área, prova, estritamente, que a Tiradentes está longe de liderar a violência no centro do Rio. O perigo existe, mas não é maior do que no Baixo Leblon. Para o Delegado José Gomes de Andrade, atual titular da 5ª DP, a Tiradentes é a área mais calma de sua região. Das 133 ocorrências registradas no mês de março pela polícia, onde incluíam-se lesões corporais, furtos, furtos de autos, roubos, estupros, portes de armas, vadiagens e um roubo com homicídio, menos de 20% tinham origem na Tiradentes. Destes, a maioria referia-se a pequenos furtos, sem maiores complicações.

Proibido de dar entrevistas pelo atual Secretário de Segurança do Rio, General Waldyr Muziz, o Delegado da polícia, ao ser abordado sobre a violência específica da Praça Tiradentes, limitou-se a fornecer dados e resultados de suas operações. Segundo ele, "quase todas as ocorrências registradas na Praça envolvem

homossexuais de uma maneira geral, ou como agentes, ou como vítimas". Os travestis figuram como sendo os mais envolvidos e, quando presos por vadiagem, portam armas e objetos cortantes.

Falando mais de seu trabalho, o Delegado Andrade mostra-se uma pessoa conservadora e até pouco informada. Dá a entender que o problema da criminalidade na Praça tem origem na grande frequência de homossexuais ao logradouro, e chega a sugerir medidas de ação profilática no combate aos "pervertidos". "Desde que assumi a 5ª DP, há dois meses, vimos fazendo várias investidas na Praça Tiradentes, apesar desta não ter um grande número de ocorrências, para ver se conseguimos afastar os marginais e os homossexuais da área. O novo Secretário de Segurança tem imprimido um maior rigor e, com a continuidade deste trabalho, a coisa tende a acabar. A partir do momento em que tivermos uma situação semelhante na região, os homossexuais não vão se sentir bem ali e irão procurar outro lugar."

Indagado se sua delegacia tinha intenção de entender essas atividades dos cine São José, atualmente em reparos, e Marrocos, devido à grande frequência de homossexuais, o delegado Andrade responde negativamente, dizendo que os donos dos estabelecimentos não cogitaram este tipo de auxílio da Polícia. O mesmo não ocorre com o Cinema Iris, na Rua da Carioca, onde a frequência é basicamente de homossexuais, e cuja proprietária, D. Nezi Sampaio, solicitou através de um requerimento sistemático idas da Polícia ao cinema. Duas ocorrências já foram feitas ao Iris após o pedido, e numa delas "passarola", como o delegado Andrade denomina suas operações, foram "pedidos" 20 marginais, sendo um condenado várias vezes por roubos e furtos. As operações não continuam e, a propósito delas, o delegado da polícia convidou o Lampião para que o acompanhe numa próxima investida. Corre que lá vem os home! (ACM)

A loja diferente para gente igual a você

zuhause

Rio



Presentes
Cerâmicas Plantas Naturais
Artesanato Brasileiro
Flores e Plantas Desidratadas

O toque brasileiro
que falta na casa de quem entende,
ama e curte as boas coisas da vida

Matriz: Rua Barata Ribeiro, 303-A. Fone: 256-9624
Filial: Rua Barata Ribeiro, 458 loja D. Fone: 236-2430

Reportagem

Minha casa é um ladrilhinho

Um dia/uma vez lá em Cuba/dancando uma rumba/disseram que eu era escandaloso! (Djalma Esteves e Moacyr Silva na voz de Emilinha Borba).

Comecei a frequentar a praça Tiradentes há uns seis ou sete anos. Desde que descobri que os cariocas curtidores tinham sido expulsos da Zona Sul pelos Sérgio Dourados & imobiliárias — e que nada bom podia mais sair de lá. Até hoje assino o ponto no Serafim pelo menos uma vez por semana — onde tenho um ladrilhinho-cativo para me reconstituir — e adoro. Em 76, por exemplo estava em Paris, olhava os gramados do Jardim de Tuileries e só me vinha na cabeça a velha e suja Tiradentes, latejando lá dentro da minha cuca...

Originalmente denominada Rocío Grande, para diferenciar do Rocío Pequeno (praça XI), a Tiradentes tem um passado de glórias. E glórias não apenas boêmias, pois foi lá que dom Pedro I recebeu os aplausos depois de proclamada (?) a Independência. Daí o monumento tropicalista de Sua Majestade no centro da praça, onde o imperador aparece cercado de índios de bunda de fora, cacatuas e até onças pintadas. Hoje, cercada de pontos finais de linhas de ônibus suburbanos, a praça continua um dos centros fervilantes do Rio. E dos mais agradáveis, dado à sua espectralíssima geografia. Com poucos edifícios modernos nas suas cercanias para deformar a paisagem, abriga interessantes resquícios do Rio Antigo.

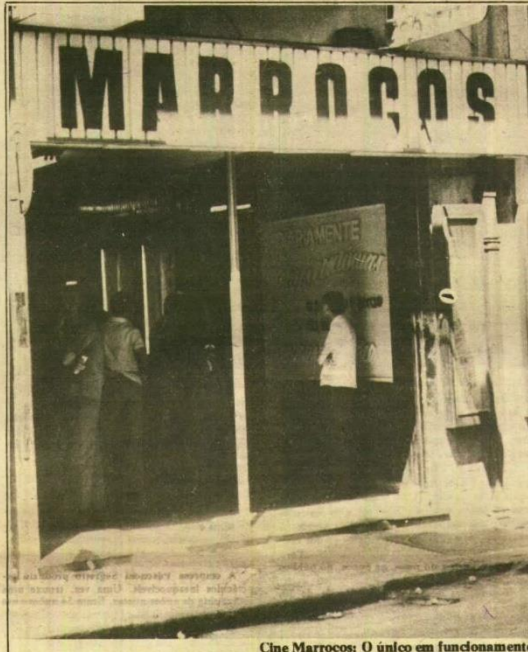
Durante o dia, é possível descobrir na região, duas farmácias homeopáticas (ruas Sete de Setembro e Constituição), duas da flora medicinal (ruas Sete de Setembro e Gonçalves Lédor) onde comprar seu guaraná em pó, excelentes lojas de disco (onde mais encontrar um concerto ao vivo de Cassirinha e Inhana ou o mais recente relançamento de Dalva de Oliveira?), voluptuosas lojas de queijos, presuntos e bebidas. Para os aficionados, a praça tem até um banheiro subterrâneo. Os mais discretos preferirão os cinemas: o Marrocos (Rua Pedro II) cuja especialidade é velhos fascículos; o Iris, o mais antigo cinema da cidade (1909) e sua escada art-nouveau, com suas bichinhas proletárias; o legendário São José (ex-abadouros. Estas casas, digamos, de diversão, abrem às 10 horas da manhã, e apesar de sua programação nem sair nos jornais, estão entre as de maior frequência em toda cidade.

Ao cair da tarde, começa a se formar as filas quilométricas que são a marca registrada dos espetáculos Seis e Meia do Teatro João Caetano (ex Real de São João). Lá, por apenas \$100, pode assistir a duplas inesquecíveis como Cauby Peixoto/Emilinha Borba; Zezé Mota/Luiz Melodia; Carmen Costa/Aguinaldo Timoteo; Cartola/Ivone Lara; Martinho da Vila/Lecy Brandão. Durante a semana, e neste horário (das 18 às 20 horas) que a praça fervilha, os botequins e bichas borbulha, a pegação impera. Do lado oposto, os descendentes do pioneiro Paschoal Segretto possuem outro grande teatro: o Carlos Gomes (ex Cassino). Mal administrado, tem abrigado poucos espetáculos de sucesso. Nos últimos anos, apenas Ney Matogrosso e Gonzaguinha encheram a casa. Enquanto o João Caetano, da Prefeitura, foi reformado a ponto de parecer um mausoléu de mármore e vidro fumê, o Carlos Gomes ainda nem tem refrigeração, além da visibilidade nula nos andares de cima.

Meu lar/é o botequim da esquina/que frequento desde menina/para com os homens beber/Flor do lado (Ary Mesquita na voz de Araci Cortes).

A noite, notadamente sextas e sábados, a praça muda. Como agora é moda, a Tiradentes também tem o seu lado mulher. É o lado do João Caetano, onde se faz o trotar feminino. Pra quem gosta, é um prato cheio. Há uns quatro ou cinco botequins, os mais agradáveis nas proximidades da rua da Constituição, de onde pode-se ouvir a aguestra da gaiteria Rio Antigo. O chato é sempre...

Página 14



Cine Marrocos: O único em funcionamento

é atuar os cafetões de terceira, o desespero das mulheres, os paraibás da clientela. Já era assim no início do século. Nas mesmas ruas, na frente das mesmas casas. Vide João do Rio, Dona Joaquina in A Mulher e os Espelhos, 1919. Parece escrito ontem.

Mas eu prefiro ser/essa metamorfose ambulante/do que ter aquela/velha opalinha formada sobre tudo (Raul Seixas na voz de Ney Matogrosso).

Do lado oposto (da porta do São José à porta do Carlos Gomes, incluindo a rua Pedro II), estamos em plena Sodoma e Gomorra. Mas, atenção: não é recomendável à siriemas, bichas de carteiro abaixo do braço, alacólatras bambolantes e outras chatas do tipo. A barra é pesada. Pra quem tem a cabeça feita, é soberbo. Já caretas e elitistas tremem só em passar do outro lado da rua. Qualquer descuido pode ser

fatal — há brigas, correrias, garrafadas. Mas se você ficar na sua, tudo bem.

Travesti com cacó de garrafa na mão, a perseguir duas siriemas esbaforidas pela rua da Carioca à fora: Voltem pra Cinelândia, de onde nunca deviam ter saído!

No carnaval, a Tiradentes ou melhor, a Pedro I, ou melhor, o São José, torna-se o centro gay do universo. Tem Salomé, Maria Antonieta, Messalina, Madame Pompadour, Barbarella, Mata Hari e outras celebridades arquetípais a rebolar pelas calçadas, com ou sem silicone. Sempre cercadas de brancos, negros e mulatos. Vão do Paulistinha ou do Elite ao São José — e vice-versa. É por isso que alguma coisa tem de ser feita pra salvar o São José da demolição. Não há nesta cidade um local deste tamanho no centro para abrigar um baile destes. O República? Virou a TV Educativa. O Recreio? Virou estacionamento.

PRA QUEM ENTENDE DE SAUNA

Sauna/vapor — música ambiental — bar — TV a cores — piscina interna — biblioteca — private rooms

THERMAS
Unycus

De 9 da manhã às 6 da manhã do dia seguinte
Rua Buarque de Macedo, 51, Flamengo, Rio
Telefone: 265-4389

O João Caetano? É do Governo, não dá. O Carlos Gomes? É bem menor. O Catecaó? É pra grã-fino ou babaca. (Este ano custou \$3000, enquanto o São José foi \$500). Bonecas de todo o mundo, uni-vos!

No carnaval de 80, estava muito doído diante do bar Granada, quando vi uma brigas, várias pessoas achavam um velhinho que gritava. Num segundo me baixou a caboda Robin Hood e quando vi, estava no meio da confusão brigando com mais de dez. Pintou até navalha. Fui salvo pela PM, que me levou preso com mais alguns. No camburão, me aliei com as bichas. Na delegacia, como não dei ninguém, saiu tudo às mil maravilhas. Só olho roxo. O velhinho que tentei salvar, era um famoso filho da puta, e ainda tentou me acusar de assalto. Moral da história: as aparências enganam. Nem tudo que reluz é ouro. Macaco velho não põe a mão em cumbuca.

Os botequins da região tem forte personalidade e curiosos fregueses, especialmente o da Pedro I. O Thalia é o maior, reduto de compositores desempregados. Só serve chope e fecha meia noite e meia religiosamente. Na outra ponta da rua tem o popular Cú da Mãe — igualmente delicioso. É ao lado do hotel Presidente (onde mora o Johnny Alf) e de um ponto de jogo do bicho. Também fecha cedo. No meio dos dois está o Granada, que vende cerveja e é o mais barato, além do centro do ti-ti-ti. Em frente está o Serafim, mais caro, mas o meu favorito por sua visibilidade estratégica. Esses dois fecham tarde.

A melhor casa noturna que já frequentei foi a Gaiteria do Luizinho Garcia no São José dois anos atrás. Shirley Montenegro estrelando uma lista de atrações incríveis. Saudades.

Motorista de táxi: Está na putaria há muito tempo!
Eu: Devagar e sempre.

As portas coloridas se abrem/as feras vão avançar/feras que virão/feras que nasceram pro mundo (Luiz Melodia, na voz do próprio).

A praça não seria o que é sem suas personalidades mais marcantes. Quim Negro, alias Joaquim Teodoro, crioulo careca de bigode Fu-Manchu, coadjuvante de filmes, lutador de Taekwondo, diretor de curta metragem autobiográficos, personagem digno de Greta, Lelé, mulata gorda e barbuda, versada em cambômbie e culinária. Manolo, português ou espanhol de vasta cabeleira branca. Carlinhos, mona pra homem nenhuma boar defeito, põe pra correr qualquer machão abusado. Angela, bicha negra que quando bebe literalmente faz "parar o trânsito" sentada no chão, cantando músicas de Angela Maria com voz deslumbrante. Divina. Sobre ela foi feito até um curta-metragem. Angela Nolte, de Robert Moura, o cineasta, não o conservador crítico musical.

A Praça Tiradentes está incluída no Corredor Cultural da Fundação Rio da prefeitura da cidade. Apta portanto a ser recuperada sem perder suas características. Voltará ao esplendor dos tempos do Valtier Pinto, Oscarito, Araci Cortes, Virginia Lane, Nelia Paula, Mara Rêbia e o travesti Ivana? Ou as estrelas saíram dos palcos para brilhar em plena rua?

Talvez alguns prefiram experiências mais pessoais. Mas depois de sete anos de praça, e como sou ainda bem bonitinho, "cases" por lá mesmo, além de manter divertimentos bissexto. Não falo em públicos do que é feito entre quatro paredes, não adianta. E, seguindo os conselhos de Madame Claude e Xaviera Holander, manter em sigilo o nome da clientela e o que conserva o presente e garante o futuro.

João Carlos Rodrigues
LAMPÃO da Esquina

Reportagem

Tudo começou com "seu" Paschoal

Paschoal Segretto. Este foi o dono, o senhor da Praça Tiradentes. Depois dele, existe uma grande história de teatro a contar. Não pensemos que vamos fazer "História". Não. Rememorar. Apenas contar coisas, lembranças do início da própria vida do teatro popular, o teatro de revistas e burletas (gênero em moda, na época). Pois, o teatro popular mustrado é um produto exclusivo e tinha mesmo o seu reduto na Praça Tiradentes. Em 1900, se chamava Largo do Recife. Em 1909, já era o centro dos teatros e diversões do Rio. Ali nasceu, viveu e, ainda não morreu o teatro de revista. Não morreu, ao menos, para a memória cultural e histórica da cidade... Houve época mesmo, em que o público carioca não frequentava outros teatros que não estivessem naquela praça. É este público do tempo em que os contos de réis falavam, em 1810, do tempo da vida da Família Real para o Brasil...

Dois revistas, nesta época, fizeram um enorme sucesso: "O Rei Morto Rei Ponto" pela Cia. Heller, e a "Revista do Ano de 1874". Das duas, as revistas não mais saíram do gosto popular, como não mais saíram da Praça Tiradentes. O microbó estava na sangue. O teatro leve, mesmo tendo o seu público, entretanto, entrou em declínio, faltu e quase desapareceu. As empresas aqui existentes, antes do período Paschoal, "celmavam em fazer representar produtos inferiores e que na pornografia resumiam todo o espírito, com cenário vulgaríssimo, música banal e fútil. A crítica e o público repudiam a imundície. A função do teatro de revistas é divertir sem preocupar, encantar a vista e deliciar o ouvido. Requer, por isso, "intrigas leves, montagens esplendorosas, mulheres e músicas bonitas..."

A empresa Paschoal Segretto S.A surgiu e nasceu de um desentendimento e fracasso de uma outra Cia. que atuava em Niterói. Foi a mais famosa de todas as companhias que por aqui apareceram. Paschoal Segretto concorreu poderosamente para o progresso artístico teatral do País. Sua primeira peça, "Amor de Bandido" esteve em cartaz dois meses, com estréia em março de 1919. A segunda não lhe deu prejuízo e a terceira deu "sucesso ruído e prolongado." Suas montagens, para a época, faziam o deleite do grande público que já fazia a vida noturna na praça mais histórica desse Rio, diga-se de passagem.

IMPÉRIO

Mais precisamente na Praça Tiradentes, um



Paschoal Segretto

Império de diversões foi construído com a chegada da família Segretto, da Itália, ao Brasil. E com muita garra e informação, o clã Segretto firmou-se no campo dos espetáculos. Paschoal Segretto não era culto. Viera do nada, mas possuía uma viva inteligência. Primeiro foi construído um ringue de patinação, um parque de diversões, um estádio de boxe, depois o teatro. Empresário dinâmico, homem de visão para os espetáculos populares, de lá início, ali na Praça Tiradentes, à mais estúpida fase do teatro de revistas. Ali era a praça da vida e do mundo. A praça das estréias de sua companhia, dos cantores, dos galãs e dos anjos que divertiam... Foi a praça das flutuações do povo, na época, do público das operetas...

Os maiores espetáculos da década de 30, foram produzidos pela Empresa Paschoal Segretto. E por sua Cia. passaram e foram lançados alguns dos grandes astros da época. Grande Otelo, Elza Gomes, Dercy Gonçalves, Procópio Ferreira, Francisco Alves (Chico Viola), Vicente Celestino e Jaime Costa. Com Grande Otelo surgiu uma nova geração de atores do gênero revista: Silva Filho, Plúcca e Aníko. Entre os compositores, revelou Chiquinha Gonzaga (Francisco Gonzaga)

em Forrobodó, de Carlos Bittencourt e Luiz Peixoto, com sua música que haveria de realçar o gênero de burletas, já quase esquecido, então. Egraxate, jornalista e muito trabalhador, Paschoal era o dono da Praça Tiradentes, com o São José, o Carlos Gomes, o "Malson Moderne" e o São Pedro (João Caetano) nas mãos. E acabou por fundar um dos primeiros jornais do Brasil, o Beragiere, dedicado à colônia italiana. E construiu o primeiro cinema, na Rua do Ouvidor. A primeira filmagem feita aqui foi produzida por ele, em 1896, mais ou menos, e era sobre o "Estreio do Marechal Floriano Peixoto." A câmera foi trazida da Itália e manuseada por seu irmão Afonso que documentou também o carnaval carioca.

CINE SÃO JOSÉ

O S. José já foi Moulin Rouge, Variedades ou, ainda, Príncipe Real. Passou a ter o nome atual aí por volta de 1903. Inaugurado com o drama A Virgem Nega, pela Cia. Dramática I. Velga. Inaugurava-se, também, o teatro "Malson Moderne" com a comédia "vaudeville" O Rocio por um Óculo. No hall do São José reuniam-se, todas as noites, a intelectualidade, os actores em voz Carlos Bittencourt, Luiz Peixoto, Cardoso de Menezes, J. Miranda, Freire Jr., Raul Padernetas e outros.

Chico Viola também aí começou, e ficou famoso com um salário de 30 mil réis, em 1924. Lamartine Babo participou de várias revistas. E havia atrações internacionais como o bonito Conchita Montenegro, que se casou com Raul Rouler, um cantor argentino melo galã que também se apresentou no S. José e acabou em Hollywood filmando "O único varão sobre a terra..." Em 1910, o cine-mudo-hall São José já recebia as primeiras figuras do teatro de revistas de Portugal. Uma delas, Maria de Lurdes Cabral, "formosa e elegante, possuidora de linha voz, era alegre e graciosa e vestia-se admiravelmente."

A empresa Paschoal Segretto produziu espetáculos insuspeitos. Uma vez, trouxe uma companhia de atores-artistas. Eram 34 nomes e um gigante. Lotaram o São José um mês. O grande atrativo no Teatro S. José, na época, era uma passadeira de cristal, toda iluminada e as luzes fêricas do seu palco...

LAS MARAVILLOSAS

Era o sago da Praça Tiradentes. O teatro

Santana (Carlos Gomes) revelava sempre um bom índice de comidade para a época. E se firmou com o humorismo de flor de lapela, quer dizer, com atores vestidos de amocinhos. Além disso, apresentava revistas e comédias, operetas italianas e portuguesas, bem ao gosto do público. E, embora não existiam mais os velhos e memoráveis arquivos da empresa Segretto, desde quando um incêndio, em 27 de agosto de 1929, destruiu o Carlos Gomes e acabou com a Cia., conta-se que suas revistas eram dadas sempre em três sessões diárias: às 19h, 20h15min e 22h, e que seus atores eram tremendamente populares e queridos. Era a menina dos olhos do empresário Paschoal Segretto. Um dos empresários mais argutos e que melhor conhecia o gosto popular.

As anedotas que se contam sobre Paschoal são célebres no meio, pela ardididade que existia em sua pessoa. E, dentre as companhias que se já se apresentaram por lá, duas tiveram enorme influência no nosso teatro de revistas. A Companhia francesa Batavian e a espanhola, Velasco. Indiscutivelmente pelo luxo, pela beleza da "mise-en-scene", pelos corpos das bailarinas e "girls". Eram realmente bonitas, despertaram patibos e causaram suicídios de homens que suas vidas se luz do sol. E disso o que fazer. Eram as maravilhosas da época...

A empresa Paschoal Segretto fazia o gênero eminentemente popular. Sem outro intuito que o de crítica e o de fazer rir e divertir. Onde a pornografia entrava não poucas vezes, como elemento preponderante. Com a morte dele, em 1920, o teatro da Praça Tiradentes havia de fraquejar.

O QUE FICOU

A família Segretto hoje vive da renda dos alugueiros dos teatros, salas, escritórios e apartamentos dos dois edifícios construídos na década de 30 (os prédios Paschoal e Gastano Segretto) e do Hotel Presidente, todos na Praça Tiradentes.

A família não deu nenhum artista, e as mulheres Segretto nunca participaram diretamente das atividades da empresa, dirigida que foi a mão de ferro pelas varões, como manda o velho costume italiano. Graças a eles, a cidade do Rio de Janeiro, de 1918 a 1956, assistiu a uma verdadeira evolução no seu panorama teatral desde as bonitas montagens do próprio Paschoal Segretto no Cine São José, até as estupendas montagens de Walter Pinto, onde o luxo e a coreografia sobrepuseram o texto e o artista. (Regina Nóbrega).

Gueifieira, dellyrio...

Luís Garcia, 37 anos, profissão: amante da vida; quem nunca ouviu falar certamente poderá estranhar, mas aposto que muitas pessoas já dançaram no Casanova, ou quem sabe na Gueifieira caso que ela comandou.

Ele foi o louco responsável, o criador da única gafeira de bichas do mundo. Muitos não acreditaram na ideia, mas ele foi lá e conferiu. Durante um ano Luís promoveu, inovou, (re) lançou o império do Cine São José. Quem conheceu vibrou, mas agora é só recordar. (Dolores Rodrigues)

Dolores — Luís, conta para gente como pintas a ideia de Gueifieira?

Luís — Eu morava em Ipanema, aí fui morar na Lapa e aí uma loucura.

Eu me deslumbei com aquela agitação toda. Foi quando conheci o Cabaré Casanova, a primeira vez que eu entrei foi em '74.

Sabe? Aché uma maravilha no dia seguinte baté na cara do cara e falei: "Aí, eu quero comprar, quero ficar". Então, entrei como diretor, não conhecia nada, absolutamente nada. Fiz uma decoração, convidé as bichas e elas foram chegando... foi aquela badalação. O tempo passou e plintou a ideia do concurso de "Miss Brasil de Travesti", que inicialmente seria no Casanova, mas era muito pequeno, e eu falei pra fazer no Teatro Rival, só que o dono não aceitou a ideia. Então, apareceu o Carlos Gomes, na época os irmãos Marzullo eram os responsáveis pelo teatro e eles toparam a ideia, daí eu fiz sublocção, paguêi tudo adiantado mas eu ia voltar para o Casanova.

Antônio Carlos — Mas você ainda não contou como surgiu o São José e a Gueifieira.

Luís — Bom, aí eu parei um tempo e decidi procurar um espaço maior que o Casanova; aí é que entra o São José. Tinha um senhor que havia montado uma gafeira eletrônica no São José, mas ele foi à falência, eu fui lá e comprei a falência dele. Sempre fui assim... de pegar restos. Quando eu entrei pro Cabaré Casanova, ele estava decadente, fui lá e levantei, segurei a barra durante quatro anos, tanto que ele ainda existe. Já o contrato da gueifieira foi de um ano, e como eu precisava de firma para regularizar a casa eu usei a firma dos Marzullo. É porque eu nunca tive firma pra nada, nunca assinei nada nem na censura. Aí, eu montei a Gueifieira. No começo foi uma loucura por que ninguém acreditava na minha ideia. Meus amigos me diziam... mas como? Todo mundo pensava que ia ser lá dentro.

Dolores — E, como você pensou aí?

Luís — Até a última hora todo mundo pensava que eu ia utilizar o cinema, mas eu já sabia o que estava para acontecer e fiz no hall. Fiz três andares, porque eu acho que casa de viado tem que ter três, quatro andares que é pra todo mundo subir e descer, se encontrar no caminho. A Gueifieira era um ninho de rato, pra você rodar toda a casa dava uma trabalhadeira danada. Tinha aqueles corredores onde as pessoas só no esbarrrar já falavam alguma coisa, sabe? No fim, a Gueifieira foi um sucesso. Tudo bem!

Antônio Carlos — E qual foi a reação dos Marzullo?

Luís — Os Marzullo nunca poderiam imaginar que fosse dar no que deu, eles tentaram várias coisas durante muito tempo, mas tudo lá dentro, e lá é muito grande. Eles tiveram uma herança maravilhosa, só que não entendem nada de show-business.

Dolores — Você teve algum tipo de problema com a política ou com o pessoal da praça?

Luís — Durante um ano eu tive casa na Tiradentes, e nunca houve problemas nem com a polícia nem com os travestis. Nunca houve roubo de carro das pessoas que frequentavam a casa. Nunca tive problemas, as bichas iam lá dentro dançavam, pagavam, sambavam, saíam faziam um freguês e voltavam. Havia muita coisa boa: muita coisa interessante, sabe? Ela apresentou um tipo de artista que não se apresentava no Rio há muito tempo, cantores e como Linda Rodrigues e Núbis Lafayette. Tinha dia dedicado à lançamento de livros, livros bons. A única vez que se fez uma homenagem a Maya Matarazzo, foi na minha casa, inclusive com curta-metragem dela. Havia o lado cultural, que não estava sendo percebido. Porquê? Porque pra melhor que fosse a coisa apresentada, havia um limite de público.

— Gente fina não ia lá. Nunca um amigo meu foi lá. Tinha noites que eu dizia. Meu Deus, que maravilha. Que talento que eu sou, mas não adiantava, o público estava cada vez se marginalizando mais.

— Gente fina não ia lá. Nunca um amigo meu foi lá. Tinha noites que eu dizia. Meu Deus, que maravilha. Que talento que eu sou, mas não adiantava, o público estava cada vez se marginalizando mais.

Antônio Carlos — Agora, você me parece que transou uma coisa especial pro banheiro...

Luís — Eu amava o banheiro; aliás, eu já abri sabendo que ia acontecer putaria. O banheiro foi feito pra ser um show à parte. Aconteceu muita coisa, muito caso na gueifieira que ficou eternizado, era foi palco de muito amor, era um lance incrível. Todo mundo tem uma história boa pra contar em relação à Gueifieira. O pessoal ia muito num de transar. As vezes, eu fechava a casa, daí à quinze minutos tinha gente saindo. Uma vez eu cheguei atrás da tela e tinha um bloco de pessoas transando. O iluminador chegou e disse que havia um cara atrás da tela; eu pensei que deveria ser alguém bebado que nada, quando eu fui olhar eram uns dez ou treze caras trepando. Foi a coisa mais gozada do mundo.

Dolores — Por que você fechou a Gueifieira?

Luís — A Gueifieira foi a "Sublime Tentação"; ela me bodeou muito em relação ao público gay, eu me tornei menos homossexual. Agora eu olho a coisa mais profissionalmente, e sou um cara muito preguiçoso. Tô com 37 anos (tenho que curtir muito a minha vidinha. Por mim a praça Tiradentes poderia acabar; eis está muito abandonada, acho que é uma coisa irrecurável; podiam colocar dinamite de ponta-a-ponta e construir mil arranha-céus...)

(Nota da redação: Luís Garcia, evidentemente, não está falando sério neste final bodeado. Tanto não está que essa entrevista foi feita em sua nova casa noturna: a Delyrio, que fica num velho cinema em Botafogo, e cuja inauguração monumental será nestes primeiros dias de maio. Não percam, meninas e meninas, que o cara é gênio!)



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Pró-Reitoria de Graduação
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 1 - 3º. andar
Porto Alegre - RS - Brasil
Fone: (51) 3320-3500 - Fax: (51) 3339-1564
E-mail: prograd@pucrs.br